

# FUTEBOL: UMA QUESTÃO DE ESTADO

O DESENVOLVIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO  
DO FUTEBOL BRASILEIRO  
ATRAVÉS DA PROPAGANDA



**KALLEB BARBOZA – KLAUS SIMÕES – NICOLAS KIELING**

FUTEBOL: UMA QUESTÃO DE ESTADO

KALLEB BARBOZA  
KLAÜS SIMÕES  
NÍCOLAS KIELING

***FUTEBOL: UMA  
QUESTÃO DE  
ESTADO***



Editora Casa Flutuante  
Livro-reportagem & acadêmicos

São Paulo, 2017

Copyright © 2017 Kalleb Barboza, Klaüs Simões e Nicolas Kieling - Todos os direitos reservados.

*Livro-reportagem apresentado como trabalho de conclusão de curso, uma exigência para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) do FIAM-FAMM Centro Universitário*

*Diretoria da Escola de Educação, Comunicação, Artes, Design e Moda*  
Prof<sup>ª</sup>. Simone Maria Espinosa

*Coordenador do curso de Jornalismo*  
Prof. Dr. Vicente Darde

*Orientador*  
Prof. Marcos Nunes de Barros

*Capa*  
Autores e Israel Dias de Oliveira

*Diagramação*  
Israel Dias de Oliveira

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)  
(Editora Casa Flutuante, SP, Brasil)

---

Futebol, uma questão de Estado: o desenvolvimento e a consolidação do futebol brasileiro através da propaganda / Kalleb Barboza, Klaüs Simões e Nicolas Kieling — São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2017.

ISBN: 978-85-5869-044-7

1. Jornalismo 2. Livro-reportagem 3. Futebol 4. Política I. Título

CDD 070.4

CDU 796.3

---

*Editor*

**Editora Casa Flutuante**

Rua Manuel Ramos Paiva, 429 - São Paulo - SP

Fone: (11) 2567-6904 / 95497-4044

[www.editoraflutuante.com.br](http://www.editoraflutuante.com.br) / [www.livro-reportagem.com.br](http://www.livro-reportagem.com.br)

*“A propaganda política patrocinada pelo Estado, quando apoiada pelas classes instruídas e quando não existe espaço para contestá-la, pode ter consequências importantes”.*

**Noam Chomsky**



# AGRADECIMENTOS

**A**gradecemos aos nossos entrevistados pelo tempo disponibilizado em suas agendas para nos receber. A Celso Unzelte, que nos recebeu gentilmente em sua casa, em seu escritório, em meio à sua coleção de escritos futebolísticos; a Flávio Prado, que nos atendeu cordialmente em meio a um feriado prolongado em seu local de trabalho; e a Bruno Formiga, que mesmo com a distância geográfica se dispôs para nos atender nos meios virtuais.

Também agradecemos a Nadini Lopes, nossa orientadora do projeto deste livro, pois sem ela algumas de nossas abordagens sobre propaganda não existiriam, e também por suas indicações bibliográficas que nos abriram um grande leque de opções metodológicas. E por último, e não menos importante, nosso orientador Marcos Nunes de Barros, que nos acompanhou semanalmente, meses a fio, na produção deste livro.



# SUMÁRIO

Uma breve introdução ao Futebol Brasileiro .....	13
A propaganda política .....	15
<b><i>CAP. 1 - A FORMAÇÃO DA ERA VARGAS</i></b> .....	<b>19</b>
Café com leite e água fria .....	21
O início da Era Vargas .....	22
O esporte Provisório .....	28
A profissionalização do futebol .....	30
O governo Constitucional (1934 – 1937) .....	32
Tornando-se identidade .....	36
<b><i>CAP. 2 - O NOVO GOLPE DITATORIAL</i></b> .....	<b>39</b>
Plano Cohen - O Estado Novo (1937 – 1945) .....	41
O novo estado do futebol .....	53
Nacionalismo político-esportivo .....	55

<b>CAP. 3 - DUTRA, NOVAMENTE GETÚLIO E SUICÍDIO .....</b>	<b>59</b>
Dutra Presidente (1946 – 1951).....	61
O retorno da Copa do Mundo .....	63
A volta de Getúlio .....	64
A Copa de 54.....	66
<b>CAP. 4 - INÍCIO REGULAR, FINAL DESASTROSO .....</b>	<b>71</b>
Juscelino Kubitschek.....	73
O início da era de OURO do futebol .....	74
De JK para Jânio e Jango.....	77
Os anos do Santos de Pelé e o Bi Mundial.....	79
O pós-Copa .....	81
<b>CAP. 5- O FUTEBOL NA ERA DO REGIME</b>	
<b>DITATORIAL MILITAR BRASILEIRO .....</b>	<b>85</b>
O Início dos anos de Chumbo.....	87
Hora da restauração da ordem no Brasil .....	88
Brasil, a nova República! .....	90
Milagre Econômico .....	90
Serviço Nacional De Informações (SNI).....	93
Copa do Mundo FIFA de 1966 .....	94
João Saldanha e Seleção militar Brasileira .....	96
Brasil .....	98
Pra Frente Brasil.....	101
<b>CAP. 6 - PARECE QUE TODO O BRASIL DEU A MÃO!.....</b>	<b>103</b>
Jornalismo, Futebol e Regime.....	107
Salve a seleção! .....	108

<b><i>CAP. 7 - DEMOCRACIA CORINTIANA.....</i></b>	<b><i>115</i></b>
Democracia: A propaganda agora é outra .....	117
Sport Club Corinthians Paulista .....	118
Os Personagens Democráticos.....	118
O crescimento democrático corintiano.....	121
“Ser campeão é detalhe...” .....	123
Diretas Já!.....	127
Fim da Democracia Corintiana .....	128
Frutos e Efeitos da Democracia Corintiana .....	131
<b><i>CAP. 8 - A REDEMOCRATIZAÇÃO DENTRO E FORA DE CAMPO.....</i></b>	<b><i>133</i></b>
O Clube dos 13 e o desafio à débil hegemonia da CBF.....	139
É tetra!.....	143
<b><i>CAP. 9 - MODERNIZAÇÃO E NEOLIBERALISMO: O FUTEBOL MERCADOLÓGICO.....</i></b>	<b><i>147</i></b>
FHC e o Plano Real.....	153
Ronaldo, um astro global. Três a zero, uma derrota também global. ....	162
Copa de 2002 e o pentacampeonato .....	165
O Futebol Globalizado .....	169
<b><i>CAP. 10 - O POPULISMO E O FUTEBOL EM UMA NOVA DIMENSÃO.....</i></b>	<b><i>175</i></b>
O Estado e o Futebol na era globalizada .....	183
Bom Senso F.C. e o reavivamento de antigas ideias .....	186
Mineirazo .....	188
<b><i>CAP. 11 - OS CORONÉIS DA BOLA: A INFLUÊNCIA DIRETA DA POLÍTICA ATRAVÉS DO ESPORTE .....</i></b>	<b><i>191</i></b>

O marketing esportivo a serviço da política futebolística .....	198
Premier League: Um modelo a ser seguido? .....	201

<b><i>CAP. 12 - OUTROS CASOS NOTÁVEIS DE UTILIZAÇÃO DO FUTEBOL COM FINALIDADES POLÍTICAS.....</i></b>	<b>205</b>
Europa Central e Leste Europeu .....	207
Espanha Franquista .....	208
A Copa de 1978 .....	210
Nelson Mandela, o rugby e a propaganda .....	212
Simplemente, Futebol... ..	214
Bibliografia .....	217

# UMA BREVE INTRODUÇÃO AO FUTEBOL BRASILEIRO

**P**ara entendermos o futebol como propaganda, precisamos primeiramente compreender os processos político-históricos de nosso país. Para isso, antes de iniciarmos a realidade futebolística que enfrentávamos na década de 30, analisaremos os governos e suas medidas que trouxeram ao longo dos anos mais brilho ao esporte.

A formação do futebol como identidade e cultura passa pela Era Vargas e posteriormente pelos processos que analisaremos a seguir, portanto, o esporte está totalmente ligado aos caminhos da nação.

Foi nesse período de suma importância que se consolidaram nossas raízes e identidade. O futebol, se tornou muito mais do que um movimento de massas e firmamento da sociedade; tornou-se um escape para governo e povo, e a partir destes períodos que ganhou forma.



# A PROPAGANDA POLÍTICA

**P**ara basicamente definirmos o conceito de propaganda, podemos encontrar diversas definições que dizem respeito da propagação de ideias, e no imaginário popular, essa propagação é de caráter midiático.

Embora no Brasil não haja popularmente uma restrição ao que se conceitua como propaganda e o que se conceitua publicidade, devemos salientar que propaganda carrega um forte viés ideológico, normalmente político ou religioso; enquanto a responsável por difundir ideias acerca de mercadorias e de estímulo ao consumo, é a publicidade. O mesmo estímulo ao consumo, tornando-se consumismo e tratando-o como uma ideologia, torna-se propagandístico.

Se pensarmos diretamente na propaganda política, ela é necessariamente ideológica, podendo utilizar-se do esporte, no caso deste estudo o futebol, para fortalecer-se e, até mesmo, servir de ferramenta de controle social.

Embora haja uma corrente de pensamento que reprove o emprego do termo ‘manipulação’, o curso da história do futebol no Brasil se casa com sua utilização para fins políticos no intuito de fazer a população acreditar em algo em que ela não acreditaria pensando livremente, ou ainda, sem a interferência de uma ideia fabricada com um objetivo específico. Portanto, estamos diante de diversos casos de manipulação e fabricação do consenso.<sup>1</sup>

Podemos, portanto, contextualizar o que nos Estados Unidos Chomsky (2013) atribui ao controle e aprovação da opinião pública, e principalmente a passividade da população a respeito da não contestação do regime político, através da utilização do futebol americano, no Brasil, isso acontece através do futebol. Ocorrendo desse modo a espetacularização do futebol. Uma utilização mercadológica como um produto a ser espetacularizado: “O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem.” (DEBORD, 2015: 25)

O futebol já transcendeu a esfera meramente esportiva e migrou para a esfera mercadológica com o advento do neoliberalismo a nível mundial ao longo dos anos 1990. O mesmo esporte que anteriormente já tinha sido utilizado para fins políticos, controle social e para moldar a opinião pública a respeito do nível de aprovação de diversas práticas políticas e econômicas nos diferentes períodos do país — seja democrático, seja ditatorial — tem a ideia de *espetáculo integrado* (DEBORD, 2015: 172 – 176) podendo ser vinculado, sobretudo pela característica da não contestação e de servir para finalidades diversas sob diferentes regimes políticos (democráticos ou ditatoriais).

---

1 Expressão utilizada por Walter Lippmann em 1922 em Opinião Pública.

O futebol brasileiro não somente é importante na formação cultural do brasileiro pelos títulos mundiais da Seleção e pelo êxito de muitos clubes ao longo da história, mas, as consequências da promoção do esporte através da propaganda política deixou marcas permanentes no país. “[...] A propaganda política patrocinada pelo Estado, quando apoiada pelas classes instruídas e quando não existe espaço para contestá-la, pode ter consequências importantes”. (CHOMSKY, 2013: 13)

O Estado brasileiro patrocina o futebol desde o período varguista. No passado, com mais interferência direta do Estado. Embora a realização da Copa do Mundo de 2014 seja um grande exemplo de investimento estatal relacionado ao esporte, as corporações e grandes empresas esportivas dividem o lugar de protagonismo com o governo instituído.

Portanto, afirmar que o Brasil é o “País do futebol” e ser socialmente aceito sem nenhuma contestação, é compreensível do ponto de vista propagandístico: “Esse é o objetivo principal de uma propaganda bem-feita: criar um *slogan* do qual ninguém vai discordar e todos vão apoiar”. (CHOSMKY, 2013: 26)



*Cap. 1*

*A formação  
da Era Vargas*



# CAFÉ COM LEITE E ÁGUA FRIA

**C**om o aumento da produção cafeeira São Paulo e Minas Gerais, graças aos fazendeiros, tornaram-se as grandes potências brasileiras. O acordo entre os dois estados era para que os presidentes da República Velha fossem ora paulistas, ora mineiros.

É de se imaginar que o cumprimento do revezamento não seria total. Em março de 1926, Washington Luís Pereira de Souza tornou-se presidente e com uma política extremamente voltada às exportações e ao favorecimento da indústria nacional, trouxe grande crescimento ao país. Entretanto nem tudo é um mar de rosas.

No ano de 1927, quase dez anos após o fim da Primeira Guerra, a bolsa de Nova York crescia ilusoriamente de um modo incontrolável e fora dos padrões normais devido à superprodução industrial. Em 28, uma queda nos preços agrícolas internacionais mostrava que alguns dos países vítimas desta fatalidade também não dependiam mais dos produtos que transportávamos.

Para a sucessão de seu mandato nas eleições de 1929, Washington Luís indicou o então presidente de São Paulo — Júlio Prestes de Albuquerque —, buscando prosseguir com suas ideias governamentais e econômicas. Os mineiros, percebendo a quebra no acordo de revezamento entre as oligarquias, se uniram ao Rio Grande do Sul, terceiro estado mais influente do país e do emblemático presidente Getúlio Dornelles Vargas, natural de São Borja. Estava então formada, em agosto do mesmo ano, a oposição denominada — Aliança Liberal; lançando para a vice-presidência, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, presidente da Paraíba, que havia recusado um convite da oligarquia paulista.

## *O início da Era Vargas*

O Brasil não ia nada bem. Após a quebra da bolsa de Nova York, em 24 de outubro de 1929, a crise se instaurou de fato. Júlio Prestes, concorrente paulista, venceu as eleições presidenciais em março de 1930. A aliança dava a vitória como fraudulosa e a revolução, com apoio militar, pelo fim do comando de Washington Luís e contra a posse de Prestes era a saída que buscavam mineiros, gaúchos, paraibanos e os Partidos Democráticos de São Paulo e do Distrito Federal. João Pessoa



Getúlio Vargas / Foto: Galeria dos Presidentes; Governo do Brasil

foi assassinado em 26 de julho e as buscas por resoluções aumentaram consideravelmente, principalmente para que a revolução chegasse ao poder.

Em 3 de outubro a revolução já tinha forças que não deixaram escolhas a Washington Luís. Alguns dias depois, mais precisamente no dia 24, o então presidente foi deposto e preso.

Este golpe militar e ditatorial resultou em alguns dias de mandato aos generais João de Deus Mena Barreto e Augusto Tasso Fragoso e ao contra-almirante José Isaiás de Noronha. Enfim, no dia 3 de novembro de 1930, após muitas batalhas, Vargas tornou-se o presidente da república e iniciando o Governo Provisório (1930-1934).

Mesmo se tratando de um golpe, o povo brasileiro era a principal base de Getúlio. As demais oligarquias e a burguesia apoiavam as mudanças e queria dar um novo rumo ao país, que se afundava cada vez mais na crise.

De acordo com o jornalista Celso Dario Unzelte — “em geral, a elite, as classes dominantes, cedem os anéis para não perder os dedos, quando se sentem ameaçadas”.

Uma das inovações do novo governo foi a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, em 26 de novembro, comandada por Lindolfo Leopoldo Boekel Collor e prometendo mudanças nos âmbitos sociais, trabalhistas e sindicais. Uma das novas metas de Lindolfo era por meio do Ministério regulamentações de jornadas de trabalho e do trabalho infantil e feminino. Todavia os sistemas corporativista e capitalista entre patrões e trabalhadores foram severamente criticados pelos sindicatos e grupos de esquerda, o que trouxe certa dificuldade em formar relações com organizações sindicais profissionais e expressivas.

No cenário econômico os efeitos da crise foram devastadores. As importações ficaram fora do nosso alcance

financeiro e as exportações de café não aconteciam mais, resultado de uma total queda de preço. A dívida externa era devastadora, e teve suspensão de pagamento em 1931; os impactos sociais e financeiros também eram negativos, resultando em uma reforma cambial.

São Paulo era o principal opositor do governo Getúlio. O Partido Democrático (PD), que ajudara a Aliança e a Revolução, não estava totalmente voltado aos eventos revolucionários de 30, resultando em uma pressão dos grupos aliados, voltada a mudanças na governança do Estado. Vargas denominou os tenentes João Alberto Lins de Barros, para atuar como interventor federal e Miguel Crispim da Costa Rodrigues, para o comando da Força Pública e como secretário de Segurança do estado de São Paulo.

Os paulistas defendiam a volta de um governo constitucional, entretanto esta fase varguista era conhecida como “Brasil dos Tenentes”, que eram contra. João Alberto não teve um bom mandato. Marcado por polêmicas, João permitiu participações do Partido Comunista Brasileiro e se manteve envolvido em embates com fábricas que eram em desfavor das regulamentações sociais implementadas, o que causou sua renúncia em julho.

O ano de 1931 foi marcado por diversos embates, e 1932 não seria diferente. Alguns grupos mineiros e gaúchos acatavam a reivindicação paulista e não se distanciavam do governo. O estado de São Paulo ganhava força na busca por revolução.

Em fevereiro de 32, fora publicado o nome Código Eleitoral presidido pelo então ministro da Justiça — Joaquim Maurício Cardoso. As maiores novidades foram a criação do voto secreto feminino e todo processo ser realizado aos cui-

dados da Justiça Eleitoral, ou seja, preparação, organização e supervisão. Vargas também nomeou para o Estado um novo interventor, desta vez um paulista, Pedro Manuel de Toledo.

Março deste ano também marcou uma mudança no Ministério do Trabalho. Lindolfo dá lugar a — Joaquim Pedro Salgado Filho. Dentre uma das medidas principais, o novo ministro tratou de cuidar do trabalho feminino e da Comissão Mista de Conciliação, buscando facilitar a relação entre patrões e empregados.

Mesmo com todas as mudanças a luta do Estado continuava, não havia trégua para os objetivos de autonomia e um governo constitucionalista e para isso, foi criada a Frente Única Paulista (FUP).

Em maio foram marcadas as eleições para 33. A poeira se manteve alta mesmo com todas as tentativas do atual presidente de tentar favorecer os paulistas com algumas manobras. Os nervos se afloraram com a morte de quatro estudantes em confronto. Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo, deram nome à sociedade secreta MMDC, voltada a acabar com a ditadura varguista. No dia 9 de julho a revolução armada paulista ganhou diversos pontos por todo o estado. Sem condições de permanecer intactos por tanto tempo, em outubro do mesmo acaba a revolta e os paulistas se rendem.

Outubro foi também o mês de formação da Ação Integralista Brasileira (AIB), criada pelo jornalista paulista, Plínio Salgado, também fundador do jornal — A razão. Voltado ao fascismo italiano, o grupo era defensor de ideias nacionalistas e antiliberais, com total rejeição ao socialismo.

A AIB possuía, ainda, sua própria milícia armada e uma considerável estrutura de imprensa, composta por diversos

jornais de circulação local, duas revistas, um órgão oficial — Monitor Integralista — e um grande órgão de divulgação nacional — A Ofensiva. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Anos de Incerteza (1930 - 1937); Ação Integralista Brasileira. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Em 33, Salgado Filho instituiu a carteira de trabalho e buscou criar os Institutos de Aposentadoria e Pensões, na tentativa de mudar e aprimorar questões voltadas à previdência.

No período seguinte Vargas emitiu dois sinais claros de que estava disposto a uma nova composição política com os paulistas: nomeou interventor o paulista e civil Armando de Sales Oliveira (agosto de 1933) e adotou medidas que permitiram o rescalonamento das dívidas dos agricultores em crise. O novo interventor teve um papel decisivo nesse processo, reconstruindo o aparelho administrativo paulista, destruído após anos de instabilidade política. Mas sua principal obra foi no campo da cultura com a criação da Universidade de São Paulo (USP), que em pouco tempo se tornaria responsável pela formação de uma nova elite político-intelectual destinada a influir no futuro do estado e do país. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Anos de Incerteza (1930 - 1937); Revolução Constitucionalista de 1932. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

A luta armada dos paulistas resultou na rendição, porém a comoção nacional pela revolução trouxe à tona a busca pelas reformas. O resultado foi a criação de eleições para termos ou não uma Assembleia Constituinte, voltada à criação da nova constituição, que era a mesma desde 1891.

Controlador, o governo varguista tratou de criar medidas para o comando da Assembleia. Getúlio instaurou a Comissão Constitucional, encarregada da criação de um contra projeto a constitucionalização. Além de tudo, acima do anteprojeto, estava o Regime Interno Constituinte, responsável pelas regras da assembleia.

Por fim o governo promulgou a Lei do Reajustamento Econômico (Decreto nº 23.533, de 1º de dezembro de 1933), que previa o perdão de até 50% das dívidas dos cafeicultores junto a fornecedores e ao sistema financeiro. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Anos de Incerteza (1930 - 1937); Política Econômica. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Tal medida trouxe mais liberdade aos paulistas, entretanto, deu mais controle ao governo, que agora tinha vantagem e controle sobre as dívidas dos cafeicultores do estado.

Os votos voltados ao governo ficaram, em maioria, a cargo de Salgado Filho, com base nos trabalhadores e sindicatos. Os tenentes também tentaram se manter ao lado do governo, porém sem sucesso, dado ao número pouco expressivo de votos recebidos nas eleições de maio.

Os grupos regionais tiveram a maioria de votos e em novembro, iniciava a Assembleia Nacional Constituinte. Em 16 de julho de 34, estava finalizada a nova Constituição.

Ficaram a cargo do governo as medidas sociais e econômicas, todo via perderam uma grande medida voltada aos sindicatos, resultando em um retrocesso de ações tomadas ao longo dos anos; agora os sindicatos poderiam ser gerais, logo, não eram mais necessários por categoria profissional.

Os estados mantiveram sua importância e as maiores conquistas foram para os trabalhadores:

No plano da política social foram aprovadas medidas que beneficiavam os trabalhadores, como a criação da Justiça do Trabalho, o salário mínimo, a jornada de trabalho de oito horas, férias anuais remuneradas e descanso semanal. (A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945. Anos de Incerteza (1930 - 1937); Constituição de 1934. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Um dia depois, as novas eleições, realizadas a primeiro plano com votos de membros governamentais; as próximas eleições, com a primeira prevista para janeiro de 1938, seriam por meio do voto direto.

## *O esporte Provisório*

O período inicial varguista foi muito bom para o futebol — a nova indústria de lazer. Getúlio soube unir o esporte ao povo, tornando-o geral; o que também ajudou na unificação das massas.

O jornalista esportivo Bruno Formiga diz que Vargas soube bem usar a propaganda ideológica para se promover, logo tornou alguns atos comuns para todos os brasileiros: “Foi ele quem plantou a semente da ‘Paixão Nacional’”, afirma o jornalista.

O primeiro mundial, então — Taça Jules Rimet —, em 1930, no Uruguai, não foi nada do esperado. As brigas internas das Federações e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) foram reflexo na competição e o Brasil ficou em sexto lugar.

## TAÇA JULES RIMET



Dois anos antes da inaugural Copa do Mundo da FIFA em 1930, os regulamentos recém-redigidos estipulavam que os vencedores deveriam ser recompensados com um novo troféu, com o escultor francês Abel Lafleur sendo atribuído a esta prestigiosa tarefa. Quando o troféu da Copa do Mundo da FIFA foi renomeado em homenagem a Jules Rimet em 1946, foi o reconhecimento legítimo do papel desempenhado pelo francês, em seguida, comemorando seu 25º aniversário como presidente, ao estabelecer o que rapidamente se tornou a principal competição do esporte. Rimet, inspirado no sucesso do Torneio Olímpico de Futebol, foi a força motriz do início da Copa do Mundo da FIFA em 1930. Seu objetivo primordial foi a aproximação das nações através do esporte e a Primeira Guerra Mundial apenas reforçou sua determinação. Ele supervisionou os cinco primeiros torneios antes de entregar o “seu” troféu pela última vez ao capitão da Alemanha Ocidental, Fritz Walter, em junho de 1954. Naquele mesmo mês, o jovem de 80 anos encerrou seu longo reinado — durante o qual a participação da FIFA cresceu de 20 para 85 países — e tornou-se o primeiro presidente honorário da federação. A Associação Brasileira de Futebol, que ganhou o direito de manter o troféu depois de ter ganho três vezes, ordenou uma réplica a ser feita. O troféu original tinha 35 cm de altura e pesava aproximadamente 3,8 kg. A estatueta era feita de prata esterlina e banhada a ouro, com uma base azul de pedra semipreciosa (lapis lazuli).

(Trechos extraídos de: <http://www.fifa.com/about-fifa/the-president/jules-rimet.html> | <http://www.fifa.com/worldcup/history/jules-rimet-cup.html>)



Jules Rimet entregando a primeira Taça de campeão mundial ao Presidente da Associação Uruguaia de Futebol, Raul Jude, em 5 de julho 1930.

Foto: Site da FIFA (© AFP - Agence France-Press)

Celso Unzelte afirma que o esporte sempre foi usado, manipulado e controlado, pois era um canal direto para o comando do povo. “O futebol sempre foi entendido como canal de comunicação e de domínio”, ressalta o jornalista.

O futebol foi aliado ao forte nacionalismo que Vargas pregava, junto ao populismo. A mídia já era consumida e controlada totalmente pelo governo e o povo já encontrava uma distração.

## ***A profissionalização do futebol***

A profissionalização do futebol do Brasil entra em uma questão racial e étnica. Já se conseguia renda pelos jogos desde 1915 e, em 23 de janeiro de 1933, o Rio de Janeiro, pela

Liga Carioca de Futebol (LCF) e São Paulo, pela Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), já aceitavam jogadores profissionais.

Os desentendimentos entre a Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea) e a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMTD) eram velhos, como a condição do jogador de futebol. Afinal, a LMTD não admitia o profissionalismo. Ela vigiava e punia os clubes e os jogadores que transgredissem o “Código de Ética” assinado pelos sócios. Mas em nenhuma das duas instituições havia unanimidade para implantar o profissionalismo ou manter o amadorismo. (IANNI, 2008)

Neste meio termo entre Rio e São Paulo como os principais precursores do futebol e das lutas, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) era totalmente contra a profissionalização.

O dinheiro que os jogadores recebiam servia de estímulo para lutar pelas vitórias. Para finalizar, em São Paulo havia um clima menos hostil ao profissionalismo do que no Rio de Janeiro, pode-se até dizer favorável, sem que a Apea reprimisse. O que inevitavelmente, em 1933, resultaria no profissionalismo do futebol brasileiro (CALDAS, 1989 apud IANNI, 2008)

Talvez a fase de dificuldade econômica, junto à precariedade da população quanto aos jogadores que não eram da elite, fizesse com que os clubes não pudessem bancar tal regalia e por este motivo não aceitavam o profissionalismo.

Essa é das hipóteses, porém, na Copa do Mundo de 1934, na Itália, o Brasil foi com um time amador e teve seu pior resultado, o 14º lugar. Quem cuidava das delegações e viagens das equipes esportivas era a Confederação que, por conta das brigas com a Federação Brasileira de Futebol (FBF), a favor da profissionalização, o Brasil mais uma vez não mandou sua melhor equipe.<sup>1</sup>

Passado todos esses anos e luta quanto ao profissionalismo ou não, em 1937, a CBD concordou em aceitar o profissionalismo tendo para isso a incumbência de controlar todo esporte.

A crescente popularização e a conseqüente insustentabilidade do amadorismo no futebol fizeram com que a CBD, mesmo com certa relutância, adotasse o profissionalismo já nos idos da década de 30. Esta medida, ao dar formalmente a posição de empregado aos atletas, sob a jurisdição do Ministério do Trabalho, forçou a maioria dos amadores a sair dos clubes, seja porque não podiam, seja porque não queriam competir com os assalariados, grande parte provindos das classes baixas. (LEVINE, 1982: p.29 apud SANTOS, 1999)

## *O governo Constitucional (1934 – 1937)*

Engano pensar que Getúlio ficaria apenas estes quatro anos à frente do poder. Iniciava-se então a Era Vargas que, com mais dois governos, terminaria sua primeira fase em 1945, ou seja, quinze anos ininterruptos de varguismo.

---

1 <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-de-1934-italia.html>>.

Vargas vence com larga vantagem e dava o pontapé inicial em mais um governo. As divergências políticas após o espaço que diferentes grupos adquiriram com a assembleia trouxeram mais nebulosidade ao país. Em junho foi criado, voltado para uma maior intervenção do Estado na economia, o Conselho Federal de Comércio Exterior (CFCE).

Compunham o CFCE, entre outros, representantes dos ministérios das Relações Exteriores, da Fazenda, da Agricultura, do Trabalho, Indústria e Comércio, e da Viação e Obras Públicas, do Banco do Brasil e da Associação Comercial, todos designados pelo presidente da República. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Conselho Federal de Comércio Exterior. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

No mês de julho, foi nomeado o mais novo ministro do Trabalho. Agamenon Sérgio de Godói Magalhães sucede a Salgado Filho. Foram instituídas diversas mudanças e medidas voltadas ao trabalhador. Agamenon aliou-se aos planos do governo e impôs o seguro contra acidente de trabalho; e a principal medida — indenizações em casos de demissões sem justa causa, para as categorias de comércio e indústria. A ideia de Salgado Filho voltada aos pensionistas também avançou.

Voltando para o cenário político, começou o surgimento de grupos voltados a ideais populares e a luta de classes, com alguns militares e um pequeno número de intelectuais revolucionários.

O ano de 1935 começou com ares bons e animadores. Todavia, se tratando do histórico recente, sabíamos que nada seria totalmente bom. No mês de março, fundou-se a antifascista

Aliança Nacional Libertadora (ANL). O movimento dos militares e intelectuais que surgia com poucos membros em 34. Luís Carlos Prestes foi proclamado como presidente de honra. Formava-se deste modo a relação direta como o comunismo da nova luta contra o governo ditatorial varguista.

Em abril, Luís voltou ao país de modo ilegal para uma tentativa de, por meio de uma revolta armada, tomar o país. Também neste mês, foi criada a Lei de Segurança Nacional (LSN) que, instaurada para caçar os contra governamentais e as ordens impostas à sociedade, tornava a luta contra novos movimentos revolucionários sem escolhas para uma possível brecha. No dia 5 de julho, Vargas aproveitou protestos e manifestações do movimento para fechar a organização, uma vez que, desrespeitava a ordem.

Sem poder realizar qualquer atividade, a ANL se uniu de vez ao Partido Comunista e aos militares que ainda estavam dispostos a iniciar mais uma revolta armada contra o getulismo. Novembro foi o mês do confronto, no dia 25, em Natal, Rio Grande do Norte (RN), iniciou-se a revolta em nome da Aliança; com duração de quatro dias. Recife e o Rio de Janeiro também aderiram à luta armada, porém logo foram detidos. Deste modo, iniciamos uma caçada a todo e qualquer revolucionário com ideais ligados ao grupo ou que fosse contra o governo.

Apesar da escolha governamental de se manter e tomar rumos para os lados do “Tio San”, Vargas mandou um presente a Adolf Hitler, e ainda mantinha relações com a Alemanha. Luís Carlos Prestes e sua mulher, Olga Benário foram detidos. Grávida, a alemã foi enviada ao comandante nazista como um presente de Getúlio. Para o julgamento dos membros pertencentes e participantes da revolta armada da ANL, foi criado em setembro o Tribunal de Segurança Nacional (TSN).

Iniciamos uma corrida em prol do crescimento econômico e, para isso, precisávamos incentivar a industrialização e a vinda de materiais voltados a inovações. Vargas dividiu seus acordos como alemães e americanos. Como visto acima, a economia se reestabelecia a passos bons, controlando dívidas e favorecendo a industrialização.

Com a Alemanha, o Brasil assinou Acordos de Compensação em 1934 e 1936, pelos quais ficava garantida a exportação de algodão, café, laranja, couro, tabaco e carne enlatada em grandes quantidades, em troca de produtos manufaturados alemães. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Relações Internacionais. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Um novo tratado comercial com os estadunidenses foi feito em 1935; voltado a uma nova solução para a bola de neve da dívida externa e se apoiando ao liberalismo econômico para um novo tratado comercial.

Com os Estados Unidos, foi assinado o Tratado Comercial de 1935, pelo qual o Brasil oferecia concessões tarifárias a determinados produtos norte-americanos, e os Estados Unidos liberavam de tributos os principais produtos de exportação brasileiros. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Relações Internacionais. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

O medo dos comunistas era real e agora eles eram a maior ameaça ao nosso país. Tornava-se tão real a abominação aos praticantes de tal visão que, em 36, fora criada também a

Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo, buscando quebrar todas as raízes que poderiam permanecer, principalmente em pessoas com cargos públicos.

(...) através do samba se ensinava a repudiar o comunismo como ameaça à nacionalidade (“Glória ao Brasil”, 1938). Procurando construir uma imagem positiva do governo junto aos artistas, em 1939 Vargas criou o “dia da Música Popular Brasileira”. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Educação, Cultura e Propaganda. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

O ano de 1937 não poderia ser mais problemático. Começou sob estado de guerra e desmantelando grandes cabeças da maior ameaça ao povo brasileiro. Em maio, Plínio Salgado foi lançado como concorrente da AIB para presidência. Todos esperavam as novas eleições, porém a principal ideia dos militares era manter Getúlio no poder e para isso foi criado o Plano Cohen.

## ***Tornando-se identidade***

Negros e pobres foram inseridos, surgindo os grandes jogadores e os fortes clubes. Claro que já possuíamos jogadores negros no esporte, como no time do Vasco, campeão carioca de 1923, todavia, não eram maioria e ainda sofriam preconceito. Porém, foi com Domingos da Guia, um *gentleman* do futebol e de grande admiração por parte do presidente, e com Leônidas da Silva, o Diamante Negro, era o segundo grande símbolo desta era, que trouxe glórias e identidade ao nosso

futebol. O jeito malandro e ousado dava forma a real identidade do nosso esporte.

O mundial de 1934, na Itália fascista, foi a grande oportunidade para crescer o governo de Mussolini. A Suíça desistiu de sediar o torneio, dando espaço para que os italianos promovessem seu momento.

Como citado acima, a Seleção não levou seu melhor time novamente, resultando na pior campanha em Copas com o 14º lugar, muito em razão das rixas entre a Federação Brasileira de Futebol (FBF) e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

As Olimpíadas de 1936, em Berlim (Alemanha), também fora uma chance de Adolf Hitler promover seu governo e assim como Mussolini, tornar visíveis seus feitos pela Alemanha. Nossa participação, assim como no futebol em 34, foi um tremendo desastre. Levamos 94 atletas e não conquistamos nenhuma medalha.

De acordo com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), entidade fundada em 30 de novembro de 1914: nossa primeira participação olímpica foi em 1920, na Antuérpia (Bélgica) e pela falta de recursos e condições aos atletas, os cuidados da equipe ficaram aos cargos da CBD. Em 1924, fomos aos Jogos Olímpicos com 12 atletas, devido um cancelamento dos apoios por parte do governo. E em 1928, sem recursos novamente, não fomos aos jogos<sup>2</sup>.

No ano de 1935, com apoio de três ministros o COB se reorganizou. Tudo indicava que nas olimpíadas de 36, o Comitê cuidaria dos cuidados e da delegação brasileira, entretanto vimos mais um embate com a CBD, que foi resolvido com o envio dos atletas, após um acordo.

---

2 <<https://www.cob.org.br/pt/cob/comite-olimpico-do-brasil/linha-do-tempo>>.



*Cap. 2*

*O novo golpe  
ditatorial*



# PLANO COHEN - O ESTADO NOVO (1937 – 1945)

**T**odos aguardavam ansiosamente as novas eleições marcadas para janeiro de 38, entretanto, na busca por dar continuidade aos planos iniciados no governo Vargas, os militares se apoiaram na principal causa que traria a população, a não contestação e apoio governamental necessário.

O Plano Cohen consistia em um documento forjado pelas forças armadas, que alegava o levantamento de informações após investigações, sobre uma possível revolta armada comunista.

O plano previa a mobilização dos trabalhadores para a realização de uma greve geral, o incêndio de prédios públicos, a promoção de manifestações populares que terminariam em saques e depredações e até a eliminação física das autoridades civis e militares que se opusessem à insurreição. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945.** Anos de Incerteza (1930 -1937); Plano Cohen. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Após a apresentação a alguns militares, o plano foi divulgado à população. A comoção foi enorme e alcançou seu objetivo, pois o principal, agora, era manter Getúlio e continuar o combate aos comunistas, não permitindo brechas e rixas que a troca do comando presidencial poderia causar ao país e ao povo.

Vargas, como sempre, soube se apoiar nos planos que norteavam a política ao seu favor, aflorando o estado de guerra. O principal ponto de oposição era — José Antônio Flores da Cunha —, defensor ferrenho do federalismo, que após divergências com militares e governantes foi “convidado” a se retirar do governo.

Em 10 de novembro, foi instaurado o novo governo ditatorial do Estado Novo. No mesmo dia, foi promulgada também a nova Constituição. Agora, o poder estava centralizado nas mãos no governo.

Com a implantação da ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937, o TSN deixou de se subordinar ao Superior Tribunal Militar e passou a desfrutar de uma jurisdição especial autônoma. Ao mesmo tempo, tornou-se um órgão permanente. Nesse período passou a julgar não só comunistas e militantes de esquerda, mas também integralistas e políticos liberais que se opunham ao governo. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Tribunal de Segurança Nacional. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

No livro *História Econômica do Brasil Contemporâneo* (sendo o quarto volume, da primeira edição, de uma coletânea de textos apresentados no 1º Congresso Brasileiro de

História Econômica, realizado em setembro de 1993), organizado por Tamás Szmrecsány e Wilson Suzigan, podemos analisar pelo texto, Política Econômica e Nacionalismo no Estado Novo, do cientista econômico e social, Francisco Luiz Corsi, que Vargas afirmava o golpe do Estado Novo como necessário pelas ameaças a unidade nacional.

A razão fundamental do descontentamento dos jornais com o novo regime foi que a Constituição de 1937 aboliu a liberdade de expressão. Todos os meios de comunicação e de expressão, como o teatro, o cinema, o rádio ou os jornais, foram submetidos à censura prévia. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Imprensa. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Em 25 de novembro, foi criado o Conselho Técnico de Economia e Finanças (CTEF). Voltado ao controle e fiscalização de finanças e passar ao governo federal, principalmente o cuidado das relações externas.

O CTEF teve sua origem na Comissão de Estudos Financeiros e Econômicos dos Estados e Municípios, de 1931, (...). Além disso, cabia ao CTEF estudar e formular pareceres sobre diversos aspectos da política econômico-financeira do país, como tributação, legislação bancária e monetária, incentivos fiscais, aproveitamento de combustíveis e política energética. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Conselho Técnico de Economia e Finanças. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

No Ministério do Trabalho, Agamenon, um dos apoiadores fiéis ao Estado Novo, foi substituído, em 1938, por Valdemar Cromwell do Rego Falcão; responsável pela regulamentação do salário mínimo, no mês de abril.

Na economia estávamos alcançando um cenário favorável ao crescimento e a nova busca era por maiores investimentos para que pudéssemos obter mudanças e ocorresse um real desenvolvimento, agora voltado à industrialização. Entretanto, além das dívidas que deveriam ser quitadas e foram suspensas, os americanos queriam respostas quanto aos acordos com a Alemanha, buscando um possível encerramento entre as relações, devido a grave situação europeia e prevendo que as dificuldades brasileiras de acertar as dívidas, temiam uma maior aproximação política e ideológica.

Podíamos desde o início perceber que tal governo que se iniciava seria totalmente intervencionista. Já pelas medidas neste tempo de 1937 ao começo de 1938 traziam a realidade do poder que estava de fato centralizado nas mãos de Getúlio e dos braços governamentais.

O cenário mundial era a agravação dos conflitos no Velho Continente. Os alemães iniciaram uma política de expansão frente ao crescimento territorial. Todavia, travaram um tratado de não invadir os territórios da União Soviética; segunda maior potência europeia.

O ano de 1938 foi marcado por diversas mudanças e pelo início de uma política voltava à industrialização; a siderurgia, nacionalização das fontes de energia e dos bancos estrangeiros, além da tentativa de unificação do país pelo transporte, para que, no tempo possível, fossem colocadas em prática.

O Estado Novo procurou manobrar entre a Alemanha e os EUA, tentando tirar proveito das oportunidades que se abriram no período. Tentou articular, ao mesmo tempo, a participação de capitais alemães e norte-americanos no processo de industrialização do país, sem se comprometer firmemente com qualquer dos dois, (...). (Wirth, 1973 apud Corsi, 1997)

No dia 29 de abril, foi instaurado o Conselho Nacional do Petróleo (CNP), para a regulamentação e cuidados de assuntos petrolíferos. Contava então com a ajuda membros das Forças Armadas, os ministros da Fazenda e do Trabalho, Indústria e Comércio e representantes dos seus sindicatos. O primeiro presidente do CNP foi o general Júlio Caetano Horta Barbosa, responsável por planejar a criação de uma refinaria estatal. Em 30 de julho, foi criado Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), voltado à organização dos processos do serviço público.

Em 1938, o Conselho Nacional de Estatística e o recém-criado Conselho Nacional de Geografia passaram a integrar o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em seus primeiros tempos, o IBGE funcionou como autarquia subordinada à Presidência da República, o que demonstra a importância que se atribuía à geografia e à estatística como braços da ação governamental. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Em janeiro de 1939, foi implementado o Plano de Obras Públicas e Aparelhamento da Defesa Nacional, com os objetos

da criação das indústrias de base, infraestrutura e reequipamento das forças armadas. (Costa, 1971 apud Corsi, 1997)

De janeiro a março, foi enviada aos EUA a Missão Aranha. Voltada à busca por novos acordos e investimentos para uma possível estabilidade econômica. A missão trouxe resultados satisfatórios para escolhermos o lado em que ficaríamos caso a guerra tomasse maiores rumos.

(...) a Missão Aranha, enviada a Washington, conseguiu obter ganhos importantes que se traduziram na assinatura de uma série de acordos com o governo norte-americano. Em abril de 1939, o câmbio voltou a ser liberado, e o Brasil foi favorecido pela alta do preço do café nos mercados internacionais. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945.** Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Estado e Economia. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Também em março, foi instaurado o Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica (CNAEE), para a fiscalização, exploração e planejamento das fontes de energia do país.

Em junho, o general Góes de Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército Brasileiro, firmou um plano com o governo estadunidense, que reforçou a ideia de auxiliar na recuperação econômica e bélica do Brasil, em troca de ajuda nos planos de prevenção criados para o continente pelo governo norte-americano.

No mês de setembro foi declarada a Segunda Guerra Mundial. Japão, Itália e Alemanha, que já vinham se aliando desde 1936, formaram o Eixo. A Polônia era o centro voltado a prevenir ataques e medidas alemãs e soviéticas. França e Inglaterra, após assinar um tratado que mantinha intactos os

poloneses, declararam, em 1º de setembro, GUERRA! à Alemanha. Vargas utilizou das alianças enquanto pôde.

O petróleo reduziu de preço devido à queda de exportações após o início da guerra. Todo tipo de transporte com combustível proveniente dos derivados (gasolina, no caso) passaram a utilizar gasogênio, que é produzido pela queima de carvão.

O ano de 1939 se encerrava com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), no mês de dezembro, proveniente de outros departamentos, mas com a mesma finalidade: gerir e censurar a imprensa.

O DIP foi criado por decreto presidencial em dezembro de 1939, com o objetivo de difundir a ideologia do Estado Novo junto às camadas populares. Mas sua origem remontava a um período anterior. Em 1931 foi criado o Departamento Oficial de Publicidade, e em 1934 o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC). Já no Estado Novo, no início de 1938, o DPDC transformou-se no Departamento Nacional de Propaganda (DNP), que finalmente deu lugar ao DIP. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Departamento de Imprensa e Propaganda. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

O ano de 1940 começou também de forma truculenta. Tornou-se clichê na história brasileira passar por turbulências e não cair, seguir a passos tortos e em busca de salvação. Passos esses, que aconteciam no Velho Continente.

A guerra trouxe uma alta nos preços dos produtos agrícolas novamente, permitindo ao Brasil um novo mercado de

crescimento, e uma renegociação das dívidas externas. A resolução para tudo isso foi satisfatória. O avanço industrial foi iniciado novamente pelos ajustes econômicos.

Nos primeiros anos da década de 1940, foram sendo criadas as primeiras grandes empresas estatais brasileiras. Em 1940, assistiu-se à criação da Companhia Siderúrgica Nacional, em decorrência de acordo com os Estados Unidos. **(A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945.** Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Estado e Economia. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Cada passo do governo varguista era pensando, fiscalizado, discutido e colocado em prática, sempre como o aval do presidente. Corsi (1997) afirma que o capital estrangeiro apenas financiou a implantação da moderna siderurgia devido a questões de ordem geopolítica, sendo um aspecto do alinhamento político, econômico e militar do Brasil aos EUA, incluindo bases do exército norte-americano em nossas terras.

Deste modo, podemos analisar com base nas medidas americanas programadas e tratadas com o general Góes de Monteiro, que para o Brasil não buscar apoios estrangeiros que o voltassem para outros tipos de cultura e ideia, e se mantivesse ao lado do governo norte-americano, era preciso tal investimento, principalmente após os discursos de Getúlio que demonstravam certo apoio ao Eixo. Vargas como sempre media sabiamente seus passos e soube utilizar do nacionalismo sem a exclusão do capital estrangeiro.

Ainda em 1940 foi criada a Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional, que estabeleceu metas de produção e

financiamento e decidiu pela localização da usina em Volta Redonda (RJ). (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Criação da Companhia Siderúrgica Nacional. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Este ano marcou também uma maior promoção do governo por parte dos veículos de comunicação; claro que sob os cuidados do DIP. A principal sintonia com Vargas era a Rádio Nacional, que sendo o principal modo de transmissão da época, alcançava a maior parte da população e promovia os costumes que o Estado Novo impunha.

No ano de 1941, mais precisamente no dia 1º de maio, foi implementada a Justiça do Trabalho. Voltada aos cuidados e a fiscalização entre patrões e trabalhadores, a entidade que estava prevista desde a Constituição de 34, só foi colocada em prática ao final do mandato de Valdemar Falcão.

Nos meses de junho a dezembro, o ministério foi comandado por Dulfe Pinheiro Machado. Posteriormente, foi à vez de Alexandre Marcondes Filho. Uma das medidas inseridas foi o imposto sindical.

A obra maior de Marcondes Filho, porém, foi a sistematização e o aprimoramento de toda a legislação social até então produzida, na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Nessa tarefa, Marcondes Filho foi auxiliado por técnicos do ministério, como Arnaldo Sussekind e João Segadas Viana. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Anos de Incerteza (1930 -1937); Ministério do Trabalho. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Junto aos ânimos do novo ministério e das medidas que favorecem ao trabalhador, resultou no trabalhismo. Vargas, que já era um exímio populista, firmava sua luta frente às classes operárias e chegou a ganhar o rótulo de “pai dos pobres”. A criação da CLT auxiliou o nacionalismo na visão social e humana de Getúlio frente ao povo.

Voltando à guerra que acontecia na Europa. Os alemães cutucaram os soviéticos, no mês de julho com vara curta e receberam a entrada dos mesmos na guerra. Neste tempo os japoneses atacaram a base de Pearl Harbor, em dezembro, e os estadunidenses se uniram aos aliados; grupo formado por ingleses, soviéticos, chineses, franceses, poloneses (primeiro país a ser invadido) e o Brasil, que entrou juntos dos EUA e foi o único país da América Latina a enviar tropas aos campos de batalha europeus. O nacionalismo voltou-se contra o Eixo e o DIP promovia toda força e recursos para enaltecer as forças armadas. Em janeiro, iniciou-se de fato a conscientização do povo brasileiro sobre a guerra.

As vitórias do Eixo continuavam a vigorar, aumentando a expansão territorial. O jogo começou a virar em meados de 1943, quando os aliados iniciaram uma investida de contra-ataque.

Em 1942, foi criada a Companhia Vale do Rio Doce, para a exploração das jazidas de ferro de Minas Gerais. Em 1943, foi à vez da Companhia Nacional de Álcalis, para a produção de soda e barrilha, e da Fábrica Nacional de Motores. (A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Estado e Economia. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Em setembro de 43, os italianos se renderam e assinaram um tratado de paz, porém uma parte do território *azzurri* ainda estava sob comando dos alemães. Em 30 de julho de 1944, nossos homens partiram rumo à Itália.

Nesta altura do campeonato, Vargas não possuía mais tanto apoio das classes e tentava cada vez mais criar medidas para se manter ao lado da classe operaria. Corsi (1997) nos mostra o principal ponto que traziam o governo ao populismo. A melhoria no nível da classe trabalhadora traria resultados ao avanço da industrialização, resultando em melhorias para ambas as partes. Um dos fatores que trouxeram e mostravam o povo ao lado do governo foi o aumento do salário mínimo.

Tais medidas trouxeram um processo de mais abertura ao regime do Estado Novo permitindo um processo mais democrático, o que dava mais espaço aos críticos do governo. O ano de 1944 trouxe mais complicações ao projeto de ampliação via indústria, quando, no meio do caminho, a aliança junto aos populares fracassou frente aos grupos que apoiavam o capital estrangeiro. Deste modo e nas circunstâncias que seguíamos, não seria possível de andar de mãos dadas.

Em outubro de 1944, a candidatura presidencial do brigadeiro Eduardo Gomes, herói dos 18 do forte, começou a ser articulada nos meios militares e civis. Em janeiro de 1945, no I Congresso Brasileiro de Escritores, intelectuais de renome defenderam a imediata redemocratização do país. Em fevereiro, a imprensa resolveu desconhecer a censura oficial e publicou uma entrevista com José Américo de Almeida defendendo eleições livres e apresentando Eduardo Gomes como candidato das oposições. (*A Era Vargas - 1º*



Tropas brasileiras na Segunda Guerra Mundial / Foto: Força Aérea Brasileira - Fotos Públicas

**tempo - dos anos 20 a 1945.** Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Queda de Vargas e fim do Estado Novo. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Quarenta e cinco mostrava a realidade que ao longo destes anos foi construída. O Manifesto dos Mineiros, pela redemocratização do país, em outubro de 1943, trouxe mais truculência ao governo Vargas que não conseguia mais manter-se firme no poder.

Em 7 de maio, a Alemanha se rendeu. Alguns meses depois, em 14 de agosto, foi à vez do Japão, que sofreu o atentado de duas bombas atômicas norte-americanas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki.

No dia 29 de outubro, Getúlio Vargas foi deposto pelo Alto Comando do Exército e, declarando publicamente que con-

cordava com a deposição, retirou-se para São Borja, sua cidade natal. No dia seguinte, José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal, assumiu a presidência da República, para transmiti-la, em janeiro de 1946, ao candidato vitorioso nas eleições, Eurico Dutra. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Queda de Vargas e fim do Estado Novo. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Com o fim do Estado Novo, também em outubro, o TSN foi instinto.

## ***O novo estado do futebol***

Em 1937, a CBD aceitou de fato a profissionalização com a condição de comandar todo o futebol nacional. De fato, não seríamos mais amadores.

O cenário não era dos melhores para a população, porém, para o esporte tudo mudava. “Este período ajudou na concepção de estádios enormes e de uma seleção realmente mais nacional na Copa de 1938”, ressalta Bruno Formiga.

A Copa do Mundo de 1938, na França, foi um grande marco para o esporte que, com grande incentivo governamental, movia o país a favor da Seleção. Leônidas era o grande nome daquele time, que não conseguiu o título.

Leônidas e Domingos da Guia eram os símbolos da nossa seleção. A campanha foi boa, mas não vitoriosa. O técnico Ademir Pimenta poupou o Diamante Negro para a semifinal contra os italianos, novamente campeões; perdemos por 2 a 1.



Ilustração: Labareda Comunicação e Design; Local:  
Museu do Futebol / Foto: Nicolás Kieling

Disputando o terceiro lugar contra os suecos vencemos por 4 a 2 e a dignidade na volta para casa. Mais uma vez o sonho mundial era frustrado e demoraria para acontecer, somente retornando em 1950, devido a Segunda Guerra.

Foi durante o Estado Novo que surgiu o chamado “samba da legitimidade”, em que se buscava converter a figura do malandro na figura exemplar do operário de fábrica. O DIP incentivava os compositores a exaltar o trabalho e abandonar a boemia. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945.** Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Educação, Cultura e Propaganda. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

## ***Nacionalismo político-esportivo***

Resumidamente — o fascismo foi instaurado em 1922 e vigorou até 1943. Comandando por Benito Mussolini, era de caráter extremamente nacionalista e voltado à obediência e ao culto aos militares. O nazismo ganhou sua força após a crise de 29; a economia alemã teve uma queda drástica, aumentando a inflação e o desemprego. Em 1933, após o crescimento das ideias de Adolf Hitler, o Partido Nacional Socialista Alemão, chegou ao poder, pregando também o nacionalismo extremo.

Guardadas as devidas proporções, principalmente nas ações políticas, Getúlio soube muito bem utilizar de discursos nacionalistas, muito próximos aos de Hitler e Mussolini, que se refletem ainda hoje no nosso futebol.

Vale lembrar as Olimpíadas de 1936, no mesmo período do governo varguista, em Berlim. Hitler também utilizava o esporte, como propaganda política para se autopromover.

O brasileiro criava sua identidade a partir de sua própria origem e costumes. Samba e futebol aumentaram o *status* do povo, agora fortificado, carregando o governo, promotor de toda união.

Havia muitas semelhanças com a doutrina fascista, e foi a partir dos aspectos comuns que muitas vezes o Estado Novo foi identificado com o fascismo.

Dentre esses pontos comuns, pode-se destacar a valorização da missão histórica da nação representada pelo Estado; o reconhecimento dos direitos individuais, mas apenas daqueles que não entravam em conflito com as necessidades do Esta-

do soberano; (...). (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Estado Novo e Fascismo. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Segundo Bruno Formiga, a imagem e identidade já estavam formadas, muito pelas manobras de propaganda ideológica de Getúlio: “Torcer para Seleção, por exemplo, simbolizaria torcer pela pátria”.

O discurso de Getúlio na inauguração do Pacaembu, em 1940, marcou o estado de São Paulo, no nacionalismo, agora a serviço do Brasil, unificando os estados brasileiros como um.

“E compreendestes ainda que este momento é como um marco da grandeza de São Paulo a serviço do Brasil”. Trecho do discurso de Vargas na inauguração do Pacaembu. (NEGREIROS apud MEZZADRI et al., 2011: 409)

O futebol ganhou tal promoção e *status* que tinha a cara do presidente. Getúlio era amigo dos jogadores, posava para fotos e recebia visitas. O esporte era mais sério e apesar de profissional, necessitava mais leis fortes.

Com as políticas voltadas ao crescimento e ajuda do capital estrangeiro, como analisamos acima, Vargas retratava o nacionalismo nos feitos que conseguia promover ao país, alavancando sua relação com as massas.

A propaganda do regime e a repressão a seus opositores seriam duas faces do Estado Novo muito bem representadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Criado para difundir a ideologia do Estado Novo junto às camadas populares e, a partir do ideário autoritário do regime, contribuir para a construção da identidade nacio-

nal, o DIP exercia também uma forte censura aos meios de comunicação, suprimindo eventuais manifestações de descontentamento. (**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Política e Administração. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

Voltando ao livro *História Econômica do Brasil Contemporâneo*, o doutor em economia pela Universidade de São Paulo (USP), Pedro Cezar Dutra Fonseca, afirma em *Nacionalismo e Economia: o Segundo Governo Vargas* (1997) que o nacionalismo varguista era sempre utilizado frente a suas forças de oposição.



*Cap. 3*

*Dutra,  
novamente  
Getúlio e  
suicídio*



# DUTRA PRESIDENTE (1946 – 1951)

**G**etúlio fora proibido de participar destas eleições, dadas as oposições ao Estado Novo. Mesmo assim, nada indicaria que os resquícios de sua ditadura sairiam do poder; seu retorno já era planejado.

Logo após a deposição do varguismo, novas eleições para uma nova Assembleia Nacional Constituinte foram realizadas, junto às eleições que trariam Eurico Gaspar Dutra ao poder, em 2 de dezembro.



Eurico Gaspar Dutra / Foto: Felipe Varanda  
Acervo do IHGB

Em 31 de janeiro de 46, Dutra empossou a presidência. No dia 2 de fevereiro foi instaurada a Assembleia. No mês de junho, Vargas assumiu o senado do Rio Grande do Sul. Dezoito de setembro, este foi o dia da promulgação da nova Constituição. As mulheres receberam um ganho nas votações; agora obrigatórios e gerais, claro que para pessoas acima de 18 anos, porém sem restrição de cargo e/ou remuneração.

A pasta do ministério do Trabalho foi passada para Otacílio Negrão de Lima, representante do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). A Justiça do Trabalho, após ser regulamentada foi finalmente integrada pela nova Constituição.

O princípio conversador se manteve e com as mesmas políticas varguistas quanto aos sindicatos. A principal mudança foi à medida criada para impedir a pluralidade dos partidos políticos; dessa vez sem repressão. O cenário mundial era a Guerra Fria (1947 – 1991), e Dutra vivenciou as crises de comércio e a tensão entre estadunidenses e russos. Após a rendição dos alemães em 1945, os empasses se iniciaram entre russos e norte-americanos, as duas superpotências mundiais. Basicamente a corrida se voltou ao crescimento ideológico e econômico; para os americanos a luta ainda era contra os comunistas, logo, para o Brasil também. No dia 7 de maio o Partido Comunista teve seu registro cassado. Em 47 também, foram cortadas as relações diplomáticas com a União Soviética.

O governo Dutra foi marcado por ideias liberais e voltadas a um novo passo para o Brasil. Mais abertura e uma mudança voltada ao capitalismo, porém no âmbito social.

Em 17 de fevereiro de 1948, iniciaram as reuniões para o novo plano econômico brasileiro. No dia 4 de maio foi apresentado o relatório do Plano Salte, que consistia em uma tentativa de promover melhorias na saúde, alimentação,

transportes e energias, ou seja, mudar algumas das medidas já estabelecidas ou melhorá-las. Cada parte previa, acima de estudos, as decisões que seriam tomadas em casa setor. Um desses câmbios seria voltado ao petróleo.

A manifestação mais clara dessa tendência foi à publicação de editais prevendo concessões para a instalação de refinarias privadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em fins de 1946, seriam finalmente aprovadas as concessões para a construção da Refinaria União, em São Paulo, pelo grupo Soares Sampaio, e da Refinaria de Manguinhos, no Rio de Janeiro, pelo grupo Drault Ernanny, que terminaram por entrar em operação apenas nos primeiros anos da década de 1950. (*A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945*. Diretrizes do Estado Novo (1937 -1945); Conselho Nacional do Petróleo. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997)

As críticas acima do novo plano foram voltadas às maiores mudanças nos âmbitos sociais do que na economia, mesmo assim, o Plano foi instituído em 18 de maio de 1950.

A economia voltava ao seu patamar de importações e os países atingidos pela guerra voltavam a sua rotina. Outra fez um acordo com os Estados Unidos e facilitou a exportação de combustível e matéria prima industrial; cortando pela raiz a diplomacia com a União Soviética, que retornaria em 1961.

## *O retorno da Copa do Mundo*

Vargas queria sediar no Brasil a Copa de 1938, para novamente com as devidas proporções, promover seu governo

como Mussolini e Hitler. Seria ótimo para o esporte e para a população, alavancada pelo amor ao esporte. Contudo, a volta do mundial de 1950, não tinha lugar melhor para acontecer. Nosso país apresentou a Fifa um projeto com a construção do Maracanã, que seria, na época, o maior estádio do mundo.

O jornalista esportivo Flávio Prado, diz que a Copa foi um dos marcos do populismo varguista, de fazer coisas grandiosas, extravagantes: “O mundial de 50, que já não era na ditadura Vargas, teve muito a ver com essa coisa de fazer uma coisa grandiosa, um estádio maior do que se podia comportar”.

Infelizmente, a Segunda Guerra Mundial paralisou as principais competições esportivas. A Copa do Mundo, principal competição do futebol, teve paralização de 1942 a 1950; as Olimpíadas de 1939 a 1948.

Apesar dos problemas, o mundial aconteceu e fomos derrotados pelos uruguaios na final em pleno Maracanã por 2 a 1. O gosto amargo ainda é sentido, e a cor do sofrimento é azul celeste.

Flávio Prado ressalta que a derrota foi mais no campo político, do que na bola, coisa que era normal na época, devido aos grandes embates entre Brasil e Uruguai dentro das quatro linhas:

“Perdeu porque eles ficaram fazendo campanha política. Levaram para São Januário. Um monte de situações que prejudicaram o time. Perder para os uruguaios era normal, o Brasil ganhava e perdia do Uruguai”.

## ***A volta de Getúlio***

Nas eleições de 1950 ocorreu o que já era esperado. Getúlio, candidato do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ganhou com larga vantagem de votos dos candidatos Cristiano Ma-

chado, do Partido Social Democrático (PSD), e do Brigadeiro Eduardo Gomes, da União Democrática Nacional (UDN), principal opositor do getulismo. Para vice-presidente o eleito foi João Café Filho, do Partido Social Progressista (PSP).

Em 31 de janeiro de 1951, Getúlio assume a presidência novamente. O país sofria uma grave crise econômica, com uma grande inflação. Desta vez o governo seria democrático e Vargas, a vítima de extremas críticas por parte da imprensa; principalmente do jornal Tribuna da Imprensa, do jornalista Carlos Lacerda, em 1953.

Novamente o governo varguista seria uma nova tentativa voltada à indústria e ao nacionalismo, com a utilização do capital estrangeiro. Pedro Fonseca (1997), afirma que a UND sempre se dirigia a Vargas como xenófobo, já o PCB, como imperialista; tratando seus discursos em prol do nacionalismo como uma farsa, para atrair trabalhadores. Nesta nova fase, associava-se o crescimento da economia diretamente a autonomia nacional.

A Comissão Mista, que cuidava das diplomacias entre Brasil e Estados Unidos desde abril de 1950, aprovou 41 projetos voltados ao Fundo de Reparçamento Econômico, em 1951.

Em julho de 51, foi criada também a Comissão do Desenvolvimento Industrial (CDI). Subordina ao Ministério da Fazenda e voltada os estudos de medidas para um melhoramento na situação da indústria no país, criaram o Plano Geral de Industrialização e após o levantamento dos pontos principais se uniram ao Estado para um crescimento mais organizado. O ponto mais importante deste estudo foi à criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), no dia 20 de julho de 1952.

O ano de 1952 marcou também a criação de um novo acordo com os norte-americanos. Este, que, trouxe materiais em troca de minérios. Contudo passamos por um momento difícil quando a inflação de 11%, em 51, decolou para 21%.

## ***A Copa de 54***

Foi a primeira vez que precisamos participar de eliminatórias para ir a uma Copa do mundo. O Uruguai, campeão da triste copa de 50, já estava classificado. Jogamos em partidas de ida e volta com chilenos e paraguaios; quatro vitórias sem maiores preocupações.

Para esse mundial trocamos até os uniformes. Zezé Moreira assumiu a seleção no lugar de Flávio Costa. O conjunto branco, azarado pelo fracasso no Maracanã, foi substituído uma camisa amarela com detalhes verdes e calção azul; o mesmo que utilizamos atualmente.

O populismo extremo do presidente nos fez crer cada vez mais nas forças do país. O Brasil foi então à Copa de 1954 realizada na Suíça. Algumas coisas mudaram de 50 até 54, porém o Brasil novamente não obteve sucesso. Foi derrotado nas quartas de final pela Hungria, que viria ser a vice-campeã, por 4 a 2.

Mesmo sabendo estar na “lama”, Getúlio quis se manter forte e intacto e decidiu tomar uma decisão dramática e que marcasse seu nome nos pódios governamentais e salvadores da pátria.

Em 3 de outubro de 1953, foi criada a Petrobras, sendo uma empresa totalmente nacional e controlada pelo governo, voltada à exportação do petróleo e segundo Getúlio, o novo marco da nossa independência econômica.



## *OS ÚLTIMOS MOMENTOS DE GETÚLIO*

*Só o sacrifício da vida, pode resgatar o erro de um fracasso  
Já se vão 24 anos que eu escrevi isso no meu diário  
E foi pouco antes de pegar um trem, em Porto Alegre, com  
destino ao Rio de Janeiro*

*MINHA MISSÃO ERA SER – PRESIDENTE DA REPÚBLICA*

*Foi uma jornada longa  
Quinze anos na presidência  
Comecei como líder de uma revolução que queria mudar o Brasil  
Logo  
Enfrentei duas contrarrevoluções*

*Foram mais de mil mortos  
Sete mil opositores presos; muitos torturados*

*Eu fui um ditador  
Enfrentei tudo e não me arrependo, em momento algum  
De censurar os jornais, fechar o Congresso e cancelar as  
eleições presidenciais  
Sempre governei para o povo  
E me senti – AMADO por ele*

*Foram as leis de proteção para o trabalhador  
Salário mínimo  
As férias remuneradas*



*Fui deposto pelos militares, sim  
Os mesmos que antes me apoiaram*

*Vivi cinco anos de exílio e solidão  
E, voltei  
Voltei em eleições diretas  
Para ser novamente Presidente do Brasil*

*Derrotei o Brigadeiro Eduardo Gomes, líder da Aeronáutica  
A oposição tentou me derrubar com um impeachment  
Não conseguiu*

*Aprovei no Congresso, o controle do petróleo pelo Estado a –  
Petrobras*

*Nos últimos meses da minha vida  
Meu governo foi gravemente acusado de corrupção  
GRAVEMENTE*

*O Exército e a Aeronáutica estavam insatisfeitos,  
Queriam o PODER  
Era ano de eleições*

*Enfim*

*Diariamente, o Jornalista Carlos Lacerda difamava a mim e a  
minha família*

*Eu era o seu inimigo número UM<sup>1</sup>.*

---

<sup>1</sup> Discurso inicial do filme – *GETÚLIO: ÚLTIMOS DIAS DE UM PRESIDENTE*  
– dirigido por João Jardim, e lançado no 1º de maio de 2014, sobre os últimos  
momentos do então presidente interpretado por - Tony Ramos.

O aumento da inflação e as grandes greves tornavam o cenário ainda mais nebuloso. Lacerda atacava o varguismo diariamente, inclusive ao próprio Getúlio, que já premeditava uma partida historicamente gloriosa.

A guarda do então presidente tentou praticar um atentado a Lacerda, em 5 de agosto de 1954 e não possuía fórmula para ser mais falho. Um escândalo se instaurou e Vargas era tratado como mandante. Além da péssima ideia, a imprensa pediu a cabeça de Getúlio e alegou que era mais do que inviável sua permanência no poder.

O ano de 1954 não foi um bom ano para a história do nosso país; e em 24 de agosto de 1954, Vargas comete suicídio. Assume provisoriamente o vice-presidente Café Filho.

Os populares foram às ruas protestar por Getúlio e, depois de anos à frente do poder, terminava assim a Era Vargas, que deu seu nome para firmar seu legado na história brasileira.

Em 1955, nas novas eleições, ganharia a presidente Juscelino Kubitschek, mais conhecido como JK, que, sob turbulência, assumiria em 1956.



*Cap. 4*

*Início*

*regular, final*

*desastroso*



# JUSCELINO KUBITSCHEK

Juscelino assume em 1956 após ganhar as eleições do ano anterior; João Belchior Marques Goulart, mais conhecido como Jango, assim como Getúlio, também de São Borja, foi eleito como vice. O plano era progredir o Brasil 50 anos em 5, sendo este o *slogan* de campanha. JK queria interiorizar e centralizar mais o país; como resultado construiu Brasília, uma cidade planejada, que se tornaria a capital.

Até assumir o cargo, JK passou por muitos problemas, dentre eles a desaprovação por parte dos militares. Lacerda também defendia a anulação das eleições e tentava chegar ao poder.

Café Filho também era contra e tentou por diversas vezes barrar Juscelino nas eleições que aconteciam de cinco em cinco anos, sem a possibilidade de reeleição. Porém o processo democrático e ocorreu sem problemas.

Para JK chegar aos seus objetivos foi criado o Plano de Metas. Em geral, Juscelino previa medidas acima de estudos

voltadas às melhorias no que considerava mais importante à população.

Energia, transporte e indústria base, receberam os maiores incentivos advindos do poder público. Porém, auxiliaram JK a alcançar um processo real de industrialização e ampliação do país, coisa que Vargas e Dutra não conseguiram real efetividade. Todavia, o presidente soube bem fazer uso do capital estrangeiro.

Juscelino logo conquistou a população e trouxe seus planos à tona. Novamente teríamos o mesmo problema — mesmo com toda inovação, JK não pode conter o crescimento da inflação. Iniciou-se também, graças à indústria, a vinda de pessoas dos diferentes cantos do país ao sudeste, local em que o processo foi mais forte.

## ***O início da era de OURO do futebol***

O Brasil seguia bem no cenário político que aspirava cada vez mais crescimento. As dores das copas de 1950 e 1954 ainda podiam ser sentidas. As derrotas foram amargas, mas o mundial de 1958 era o carro chefe brasileiro para a glória maior do futebol.

A inflação era alta, mas a seleção muito maior. A expectativa era tão grande que já nas preparações podíamos sentir na pele de cada brasileiro a sede de brindar com a taça do mundial.

Pela primeira vez na história do país a Confederação Brasileira de Desporto incluiu um Dentista e um Psicólogo a delegação, que não dirigiu a palavra a Garrincha e Pelé. Também se uniram pela primeira vez a CBD e o Governo Federal.

Edson Arantes do Nascimento, Pelé, surgiu no Santos Futebol Clube, aos 16 anos, no ano de 1956. De lá, para o mundo, em 1957 foi convocado para a Seleção Brasileira, e nas beiradas de completar 17 anos, já conquistou seu primeiro título, a — Copa Roca.

Toda preparação e união faziam do Brasil o favorito ao título. Nenhum cidadão da pátria de chuteiras descreditava dos nossos jogadores. Eles não precisam de acompanhamento profissional; uma bola de futebol bastava.

Na Copa de 58, Pelé foi o fenômeno. Fez três dos cinco gols que classificaram o Brasil para a final do mundial contra a França e de quebra, arregalou os olhos de todo estádio na final, contra a Suécia. O jovem chegou a desmaiar no gramado após o término do jogo. Edson Arantes foi o jogador mais novo a ganhar uma Copa do Mundo<sup>1</sup>.

Entretanto, as inovações de levar profissionais voltados a outras áreas para a Seleção foram novamente uma marca do momento que o país seguia: uma crescente, com extrema logística.

Atualmente todos os clubes funcionam deste modo, cuidando de seus jogadores e levando ao jogador todo apoio para que ambos obtenham resultados. Nosso futebol já era profissional desde 1933, mas precisava realmente evoluir.

Apesar do título do Brasil e do avanço no esporte, de acordo com o Flávio Prado, Juscelino era um exímio populista, o que ajudou a promover seu governo com o título.

“Ele teve a sorte do Brasil ser campeão do mundo; não teve nenhuma influência nisso, mas é claro que se utilizou [como benefício próprio].”

---

1 <<http://www.santosfc.com.br/pele/>>.



*Como se sabe, o homem é o mais polêmico dos seres. Há um ponto, porém que não admite nenhuma dúvida, nenhuma sofisma.*

*Do esquimó ao chinês, do russo ao alemão, do patagônio ao egípcio, todos acham que PELÉ realmente é o grande craque do presente, do passado e do futuro.*

*Nós pensamos todos os nossos atos. Não fazemos nada sem um penoso processo mental.*

*Antes de atravessar a rua, ou de chupar um Chica-Bom, o homem normal é lacerado de dúvidas.*

*Ele estaca diante da carrocinha amarela e, acometido de uma perplexidade hamletiana, pergunta, de si para si: “Tomo ou não tomo Chica-Bom?”*

*O ser humano pensa demais e é pena, pois a vida é, justamente, uma luta corporal contra o tempo.*

*Só GARRINCHA não precisa pensar.*

*Enquanto os outros se atrapalham e se confundem de tanto pensar,*

*GARRINCHA age com rapidez instintiva e incontrolável.*

*Nelson Rodrigues*

## *De JK para Jânio e Jango*

Nas eleições de 3 de outubro de 1960, para o próximo presidente, ganha o inovador e populista Jânio da Silva Quadros; conhecido por anos de política à frente do estado de São Paulo, onde ajudou a controlar as dívidas financeiras dos mandatos anteriores; Jango foi eleito como vice.

A política desenvolvimentista era o grande problema do Brasil que alcançava uma estrondosa inflação, dívida externa do tamanho de uma corrida espacial. Jânio prometia vencer a corrupção, equilibrar as finanças públicas e diminuir a inflação. Discurso um tanto que atual para nossos tempos. Assim como seus antecessores, era extremamente populista e tentava a todo custo ganhar o coração de cada brasileiro.

Era a primeira vez que um candidato apoiado pela União Democrática Nacional (UND) chegava ao maior posto político do país e também o 1º presidente a assumir o cargo em Brasília como capital já formada, em 31 de janeiro de 1961.

Jânio se destinou a formar uma imagem mais moral em seu mandato e logo iniciou seu governo com uma ideia de desbancar algumas regalias políticas. Rebaixou vantagens voltadas aos cargos com missões no exterior e finalizou cargos aeronáuticos em representações diplomáticas. Tentou uma centralização de poderes administrativos voltados à presidência, diminuindo o peso do Congresso Nacional.

As mudanças iniciais culminaram em um fortalecimento de conflitos sociais, voltados aos movimentos sindicais e camponeses, que resultaram em tentativas políticas de reorganizar as bases da economia brasileira.

Com uma política interna conversadora e na tentativa de reestabelecer a economia com novos acordos financeiros e uma reforma cambial, Jânio ganhava prestígio com os Estados Unidos, nosso principal parceiro comercial. Entretanto este apoio não duraria muito tempo. Esta política conversadora e apoiada pelo “Tio San” combatia uma maior abertura aos grupos socialistas que, dentro da denominada Política Externa Independente, era aberta para todos os países.

Era mundial o conhecimento de que a Guerra Fria tomava os rumos de congelar de uma vez, porém, por livre e espontânea vontade, em maio recebemos a primeira missão comercial da República Popular da China e em julho do mesmo ano, os soviéticos. A luta contra os comunistas continuava e a tentativa de união não foi nem um pouco sociável por parte dos braços do governo e dos militares.

Para acabar de uma vez por todas com a paciência dos militares, Jânio jogou-lhes água na pólvora — recebeu Ernesto “Che” Guevara, então ministro da Economia de Cuba e, em 18 de agosto, condecorou-o com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

Jango estava na China e era o mais indicado a assumir a tempo de se arrumar o meio de campo, tornando-se o plano mais viável. A permanência de Jânio no poder não seria mais aceitável, o que resultou em sua renúncia, em 25 de agosto. Nesta altura do campeonato a crise já era uma realidade.

Pascoal Ranieri Mazzilli, então presidente da Câmara dos Deputados, assumiu interinamente o governo, enquanto Goulart voltava da China. Os militares tentaram barrar a posse de Jango e ameaçaram inclusive realizar conflitos armados. Alguns pontos de resistência, incluindo seu estado natal, foram criados. Esta defesa foi denominada Cadeia da Legalida-

de e contou com o apoio de outros militares e do governador Leonel Brizola. No Congresso Nacional, foi implementado um governo parlamentarista, com emenda aprovada no dia 2 de setembro, que resultaria em menos poderes ao presidente, dividindo-os com os grupos parlamentaristas. Jango, assume o poder no dia 7 e aceita o modelo parlamentarista; por hora, sem derramamento de sangue. Novamente em nossa história, igual a um replay, um governo se “iniciava” truculento e com grandes problemas, principalmente econômicos.

## *Os anos do Santos de Pelé e o Bi Mundial*

O ano de 1962 foi ótimo para o Santos, do astro rei Pelé. Além de conquistar a Copa Libertadora da América, criada em 1960, o time do litoral paulista, representando o Brasil e o continente, foi campeão da Copa Intercontinental — considerado título mundial —, realizada entre os Campeões da América e da Europa.

O jogo foi contra Benfica de Portugal, do craque Eusébio. Os jogos de ida e volta foram realizados no Brasil e no país Luso, com vitória santista nos dois jogos: 3 a 2 em nossa casa e 5 a 2 em Portugal.

Uma nova Copa do Mundo, desta vez no Chile, estava para se iniciar e muito se esperava dos últimos campeões. Poderia o mundial ser uma saída para Jango se a política não estivesse se tornando uma grande bola de neve que em breve começaria a cair!? Os ânimos andavam junto ao rumo do país, PÉSSIMOS!

Será que o presidente João Goulart daria a mesma sorte?

Ao contrário de 1958, quando o escrete brasileiro saiu

daqui envolto em clima de grande entusiasmo, em 1962, os últimos preparativos para a disputa da VII Taça Jules Rimet, no Chile, se desenrolaram sob algumas vaias. Porém, na chegada ao Chile, bastou um treino para que as esperanças se renovassem, mostrando mais uma vez o que todos já sabiam: a dupla Pelé e Garrincha seria a garantia do bicampeonato! (MOREIRA, Regina da Luz. Os esportes no governo Goulart: apenas um sinal dos tempos... In: Célia Maria Leite Costa: Suely Braga da Silva (coord.). **A trajetória política de João Goulart**; Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 2004)

Não jogamos as eliminatórias por ganharmos o torneio anterior e ter a vaga já assegurada. Trocamos de técnico novamente. Aymoré Moreira assumiu a vaga de Vicente Feola.

O mundial não começou bem para nós, Pelé se machucou no segundo jogo e tudo indicava que seguiríamos os rumos sórdidos do país. Porém, tínhamos a sorte de ter outro jogador ESPETACULAR.

Como dizia Nelson Rodrigues nos trechos citados acima, ele AGE COM RAPIDEZ INSTINTIVA E INCONTROLÁVEL. Esta foi a Copa de Mané Garrincha.

Agora pela segunda vez, com 3 a 1 nos tchecoslovacos, a Taça Jules Rimet era nossa. A música foi bem diferente da cantada no Governo JK; a situação era perigosa para o governo e alarmante para a população. Jango saiu com um saldo positivo pelo menos no esporte, porém, o pós Copa do Brasil foi muito mais difícil do que se podia imaginar.

No ano de 1963, Pelé ganhou mais uma Copa Libertadores e mais uma Copa Intercontinental de Clubes; desta vez contra o Milan da Itália. Foram três jogos. O primeiro, na terra da



Seleção de 1962 / Foto: GloboEsporte.com Getty Images

bota — perdemos por 4 a 2. No segundo, o Santos devolveu o placar e forçou o jogo de desempate. Nova vitória por 1 a 0.

## O pós-Copa

Novas ideias começaram a surgir e a mudar o cenário político da época. O ano de 1962 foi o marco de conquistas ao povo brasileiro, porém as diferentes visões foram um divisor de águas.

Para Prado, principalmente após o mundial de 62, tudo parecia estar encaminhado, entretanto tudo se encerra do

pior modo: “Isso acabou desaguando em Jânio Quadros e na ditadura, que foi a tragédia total de nosso país”.

Uma das vertentes deste novo governo eram as reformas bancária, fiscal, urbana, administrativa, agrária e universitária, chamadas de “reformas base”. Outra ideia era dar o direito de voto a analfabetos e às patentes inferiores das forças armadas. Pensava-se também em uma maior intervenção do Estado na economia e nas negociações estrangeiras, com uma política mais nacionalista para a reformulação do país.

A Frente de Mobilização Popular (FMP), criada em 1962 sob a liderança do então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, atuou como grupo de pressão, exigindo que o presidente João Goulart implementasse as reformas de base (agrária, urbana, tributária, bancária e constitucional). A Frente contou com a adesão de organizações sindicais, estudantis, femininas, camponesas e de alguns integrantes do Congresso Nacional e do Partido Comunista Brasileiro (PCB). (ABREU, Alzira Alves de. *As frentes partidárias durante o governo Goulart*. In: Célia Maria Leite Costa: Suely Braga da Silva (coord.). **A trajetória política de João Goulart**; Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 2004)

O foco principal era a reforma agrária, voltada aos conflitos por loteamentos de terra e aos trabalhadores rurais. Em 1962 foi criado o Conselho Nacional de Reforma Agrária, porém sem nenhum resultado.

Marcado por novos embates e o espaço dado aos esquerdistas e comunistas, 1963 trouxe ao país um cenário caótico. Em 1º de janeiro, o salário mínimo teve um aumento de 75%, mantendo o apoio dos sindicatos e dos trabalhadores.

Durante a votação para se manter parlamentar ou seguir para as luzes do presidencialismo, com 11.531.030 de votos, 9.457.448 pessoas escolheram pelo comando do presidente.

A Frente Progressista de Apoio às Reformas de Base, (...), a partir de outubro de 1963, era integrada por políticos moderados do PTB e de outros partidos de centro-esquerda e do Partido Comunista Brasileiro, visando impedir o movimento conspiratório dos grupos de direita contra o governo. (ABREU, Alzira Alves de. As frentes partidárias durante o governo Goulart. In: Célia Maria Leite Costa: Suely Braga da Silva (coord.). **A trajetória política de João Goulart**; Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 2004)

Mesmo com Jango de volta aos patamares de comando, o Congresso Nacional não apoiou as escolhas de mudanças no cenário agrícola. A pressão dos grupos de esquerda e dos trabalhadores, para a implementação da reforma também chegava às forças armadas, que buscava seu espaço nas reformas.

No dia 12 de setembro, ocorreu, em Brasília, a Revolta dos Sargentos. Suboficiais e cabos da Marinha e Aeronáutica que buscavam o direito de exercer mandatos parlamentares, combatendo a Constituição de 1946.

Em 1962, os sargentos do então estado da Guanabara, São Paulo e Rio Grande do Sul indicaram candidatos próprios para concorrer à Câmara Federal, às Assembleias Legislativas e às Câmaras de Vereadores no pleito de outubro. Se na Guanabara, o sargento do Exército Antônio Garcia Filho elegeu-se deputado federal e, apesar do impedimento constitucional, tomou posse em 1º de fevereiro de 1963, no

Rio Grande do Sul e em São Paulo, os candidatos eleitos – respectivamente Aimoré Zoch Cavalheiro e Edgar Nogueira Borges, ambos sargentos do Exército - foram impedidos de assumir seus mandatos de deputado estadual e vereador. (LAMARÃO, S. T. N.. Revolta dos Sargentos. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC-FAPERJ, 2009)

Estava um tanto quanto inviável de se governar. As reformas não aconteciam e as diferenças políticas entre os militares e as novas ideias governamentais voltadas à esquerda causaram uma grande divisão na população que tinha medo dos comunistas. Jango buscava manter tudo sob controle, porém nada era tão certo para os rumos do Brasil e em 1º de abril de 1964 um golpe militar foi instaurado; agora éramos uma ditadura e Jango, um exilado político.

*Cap. 5*

*O Futebol  
na era do  
Regime  
Ditatorial  
Militar  
brasileiro*



# O INICIO DOS ANOS DE CHUMBO

O ano de 1964 começara numa quarta feira, tradicional dia de futebol pelo Brasil, e mundo afora, e quem diria que a relação deste conturbado ano, iria se relacionar de maneira tão intensa com o desporto brasileiro.

*“Para o fim de restaurar nesta pátria conturbada a autoridade do governo, abandonado. Há sob a nossa responsabilidade a população do Brasil, o povo, a ordem. Assim sendo declaro vaga a presidência da Republica!”*

Ex-Vice-presidente do Senado Federal – Auro de Moura Andrade - 01/04/1964

E com esta frase, inicia se na República Federativa do Brasil, uma nova forma de governo que iria controlar tudo, realmente todos os sistemas do país. Os militares brasileiros chegaram ao topo, para comandar a nação.

O Brasil vivia um momento conturbado desde a década de 1950, que pelo mundo, em alguns casos o impacto foi imenso, guerras foram travadas, e o Brasil sendo do bloco capitalista e pelos cantos do país movimentos comunistas eram cada vez mais comuns, com dois lados estabelecidos, rumores de que comunistas iriam aplicar um golpe para se aliar a União Soviética eram intensos, e no meio de toda esta confusão estava o presidente do Brasil, Jango, e o grupo do bloco capitalista não estava satisfeito com esses boatos.

A tensão já era grande nos anos 50 e pioraria nos anos 60, e em 1964 ficou cada vez mais difícil para o atual governo, ainda mais com a oposição de praticamente os maiores veículos de comunicação do país. *Comício da Central versus Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, as batalhas entre direita e esquerda eram verdadeiras competições, a política brasileira estava mais acirrada do que o futebol, as batalhas governamentistas foram mais disputadas do que Fla-Flus.

## ***Hora da restauração da ordem no Brasil***

Marinheiros se revoltam no Rio de Janeiro, exigindo melhores condições de trabalho, e mudanças nas disciplinas internas das forças armadas. Fuzileiros mandados pelo ministro da marinha uniram-se ao movimento, Jango então decide que o ministro do trabalho deveria tomar a frente do caso. Os militares se irritaram com um civil tomando a frente de uma situação deste porte e mais fúria viria quando Goulart decidiu não punir os marinheiros.

Ouvir o lado do exército e entender suas motivações é fundamental para a compreensão do governo militar. E desde a guerra do Paraguai (1864 - 1870) o exército se via aos olhos do poder como um objeto desorganizado e sem valor. Cada vez mais eles acreditavam que ter civis no comando do País não conseguiria cuidar da nação, diferente de um militar que se sacrifica pela sua pátria, esta ideologia foi passada de geração em geração, explodindo nas costas do 24º presidente do Brasil, João Goulart.

Livrar o Brasil da corrupção e salvar o País era o que os militares realmente acreditavam! Em Março de 1964 a questão não era mais se os militares tomariam o poder e sim quando isto iria de fato acontecer.

E se a seleção brasileira em campo no ano de 64 era formada por: *Gylmar, Carlos Alberto Torres, Britto Ruas, Joel Camargo e Rildo; Roberto Dias e Gérson; Julinho Botelho, Vavá, Reinaldo e Pelé*. Podemos montar uma seleção brasileira com as figuras mais importantes desse momento que o Brasil enfrentava e até suplentes podem aparecer nesta lista, breve ela aparecerá! Enquanto isso o Brasil vai ficando sem uma real posição para seu povo.

A convocação da Seleção Brasileira para o início dos anos de chumbo estava sendo feita, e os nomes iam surgindo para entrar neste esquema tático articulado pelas forças armadas, mas desta vez a torcida seria com roupas camufladas e fuzis na mão. Olímpio Mourão Filho, general mineiro partia ao Rio de Janeiro com suas tropas, Marechal Castelo Branco, chefe do Estado maior do Governo, Ranieri Mazzili, presidente da câmara dos deputados, e com o decreto de Auro de Moura Andrade começava uma nova era no Brasil, o nome forte de Arthur da Costa e Silva entra nesta lista.

## ***Brasil, a nova República!***

Agora os militares estavam à frente do país. O AI-1 (ato institucional de número um) entra em vigor.

- Governo poderia caçar direitos políticos de pessoas contrárias ao regime.

- A constituição estava suspensa por seis meses.

- O presidente da república seria escolhido pelo congresso.

Sucessivamente novos atos institucionais entram nas medidas políticas:

AI-2

- Ilegalidade de partidos políticos.

- Fixada eleições indiretas.

AI-3

- Eleições apenas por deputados.

AI-4

- Nova Constituição.

AI-5

- Militares tem o total controle e não precisam mais de mandatos para prender suspeitos.

## ***Milagre Econômico***

Emílio Garrastazu Médici, 28º Presidente do Brasil e terceiro no período do Regime Militar, general do exército brasileiro, o presidente com uma linha controladora considerada dura, radical e exigente em resultados, chega ao poder para comandar o Brasil em 1969, ex-chefe do Serviço Nacional de

Informações, o conhecido popularmente apenas como Médici, foi o responsável por um milagre, mas não de forma divina, e sim econômico. O Presidente também gostava de relacionar a sua popularidade com seu poder e isso foi fundamental durante seu governo.

O Milagre Econômico não ocorreu de uma hora para outra, o movimento militar chamado de: *Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG)* foi o facilitador do esquema econômico e sua função inicial era combater a inflação, e ao longo de seus anos se consolidou ao lado do governo, com seus intensos planos teve os seguintes resultados datados de mais importantes:

- Crescimento do PIB (Produto Interno Bruto)
- Melhorais significativas na infraestrutura do país;
- Aumento do nível de emprego proporcionado, principalmente, pelos investimentos nos setores de infraestrutura e indústria.
- Significativo desenvolvimento industrial, alavancado pelos investimentos nos setores de siderurgia, geração de eletricidade e indústria petroquímica. O setor foi puxado, principalmente, pelo crescimento e fortalecimento das empresas estatais.

O Milagre Econômico teve duração de quatro anos, de 1969 a 1973 e com marcas expressivas que nunca foram alcançadas sucessivamente, seus números chegaram de 7% a 13% ao ano. Este crescimento econômico brasileiro aumentou o poder de compra da população, com dinheiro, o brasileiro podia comprar agora seus principais bens e realizar objetivos financeiros.

O poder aquisitivo fazia a economia nacional girar, as importações e exportações eram mais comuns e cada vez mais

**ECONOMISTA, PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E POLÍTICO BRASILEIRO. ESTE É O PERFIL DE ANTÔNIO DELFIM NETTO. ENTRE TANTAS IDAS E VINDAS DE SUA VIDA PROFISSIONAL, AS QUE SE DESTACAM SÃO: A PARTICIPAÇÃO DO GRUPO DE PLANEJAMENTO DO GOVERNO CARVALHO PINTO E DO CONSELHO DE FUNDO DE EXPANSÃO DA INDÚSTRIA DE BASE DE SÃO PAULO NO PERÍODO DE 1966 E 1967. SEUS RESULTADOS O LEVARAM A OCUPAR O CARGO DE MINISTRO DA FAZENDA, CONVIDADO POR COSTA E SILVA. DELFIM EM 1968 VOTOU A FAVOR DO AI-5 E SUGERIU AO PRESIDENTE QUE INTERFERISSE NA ECONOMIA, OCUPOU O CARGO DE MINISTRO ENTRE 1969 ATÉ 1974.**

frequentes e com a politica de Delfim Neto, adjunto com os militares a posição deste milagre tendia a crescer.

As principais características do milagre econômico eram simples e objetivas e seus resultados impactantes geravam uma propaganda politica excelente aos militares, deixando de lado algumas oposições politicas e populares.

O aumento da produção industrial, indústrias internacionais entrando e as nacionais crescendo, empréstimos estrangeiros que rendiam excelentes negócios ao Brasil, obras de grande porte e as principais de caráter gigante, tais como, rodovia transamazônica e ponte RIO-Niterói, mostravam a todos o quanto o governo trabalhava para o país crescer e com o arrocho salarial a propaganda gerada junto a isso era uma forma de maquiagem o que acontecia pelas ruas.

O milagre econômico foi bom para o país, mas nem tudo foi perfeito, devido a grande demanda, o Brasil teve seu momento de glória, benefícios a curto e longo prazo e logo por vir sérios problemas a longo prazo, como consequências geradas, a desigualdade social, aquisição de bens e o aumento da dívida externa, o Brasil tem alta de inflação e forte desemprego no futuro. Agora os militares precisavam consolidar uma nova forma de propaganda política para estabelecer sua imagem.

## ***Serviço Nacional De Informações (SNI)***

Serviço nacional de Informações de sua sigla (SNI) criado em 13 de junho de 1964 tinha como objetivo assessorar o presidente de forma indireta e montar um Estado de vigilância no sistema político e na sociedade brasileira, conhecido publicamente, e denominado até mesmo pelos militares de Ministério do Silêncio, o público não poderia ter acesso às informações geradas dentro do sistema. O SNI só respondia ao presidente para tomar decisões, inclusive para decidir quem entraria no governo e na vida política, uma agência central controlava todas as regiões, gerava as informações passando para o presidente e seus comandantes que o intitularam um órgão de interpretação aberto à cooperação e servir ao governo da república.

Em sua composição, o SNI possuía secretarias e delas saíam as informações para que o exército junto ao presidente pudessem tomar o controle de situações.

As secretarias do SNI eram:

- ADMINISTRATIVA: cuidava dos gastos do país e de sua burocracia nacional e regional.

- **ECONÔMICA:** Observava todos os agentes econômicos e a articulação dos mercados nacionais e internacionais.

- **POLÍTICA:** Vigiava os políticos e parlamentares pelo Brasil, vida pública e particular.

- **IDEOLÓGICA:** acompanhava a oposição ao regime militar e todos os movimentos pró e contra que estavam em atividade.

- **PSICOSSOCIAL:** observava as atividades extras, igrejas, escolas e outros segmentos da sociedade brasileira. A área cultural do país inclusive era a mais observada para que fossem feitas alterações na forma de reger o país culturalmente.

Foi a secretaria PSICOSSOCIAL, estudando a área cultural e ideológica nacional, que buscando uma nova forma de fazer uma propaganda para o regime devido ao sucesso do milagre econômico. Estudando a forma como o brasileiro era atencioso, carinhoso e cuidadoso com seu principal esporte, a secretaria decidiu informar ao presidente e seus comandantes que a melhor forma de fazer uma propaganda política e aproximar mais a população do governo, era comandando a paixão do futebol!

## ***Copa do Mundo FIFA de 1966***

Com 16 participantes, a Copa do Mundo de 1966, disputada de 11 a 30 de julho, teve como anfitriã a Inglaterra, que ao final do torneio se sagraria campeã do mundo pela primeira vez, já a Seleção Brasileira terminaria na 11ª posição e o motivo de seu fracasso na Copa teve uma sinalização em sua preparação.

A Seleção Brasileira entrava na Copa buscando seu 3º título, sendo inclusive a atual campeã, a Seleção era vista como

uma das maiores do mundo pela qualidade de seus atletas. Em sua preparação, o Brasil era observado com olhos políticos, o sucesso da Seleção poderia ser útil em outros segmentos da sociedade e inspirado no Estado varguista, a Seleção atual tinha potencial astronômico de propaganda, então a modalidade esportiva foi atraída para perto do governo militar brasileiro.

O time brasileiro foi recebido no Palácio das Laranjeiras pelo presidente da república, nela os jogadores e o presidente da CBD, o senhor João Havelange, que ali teria seu primeiro contato expositivo com os militares. A medida foi tomada após excursão pela Europa e África, em que a Seleção voltou invicta. O presidente Castelo Branco elogiou os atletas brasileiros, incentivando-os para a disputa da Copa de 1966.

A geração da Seleção Brasileira em 66 era vista como uma seleção decadente por alguns, no início dos trabalhos já com o regime militar ao lado da CBD, a falta de preparação começava a comprometer o futebol, a criação da seleção B e mais de 40 jogadores convocados era totalmente prejudicial. Um horário estabelecido entre o governo e a CBD colocava uma pequena excursão nacional para que de forma estratégica fosse mostrado apoio dos militares a Seleção Brasileira, e a equipe treinasse em locais diferentes como capitais e cidades importantes do interior, tais cidades eram vistas sempre como potenciais lugares de conquista para apoio militar e propagar a imagem de que o governo estava ao lado da paixão nacional, ao lado do futebol.

Dentre os nomes mais importantes na fase de testes da Seleção Brasileira estavam: Gilmar, Fábio, Manga, Ubirajara, Carlos Alberto Torres, Brito, Altair, Rildo, Denílson, Gérson, Servílio, Amarildo, Murilo, Djalma Dias, Djalma Santos, Edu,

Fidelis, Fontana, Oldair, Dudu, Lima, Célio, Edson Cegonha, Leônidas, Alcindo, Paraná, Roberto Dias, Paulo Borges, Paulo Henrique, Dino Sani, Tostão, Jairzinho, Ivair, Garrincha e Pelé. Todos comandados pelo técnico Feola.

Tantas modificações, exposição para propaganda e falta de treinamento, fizeram a Seleção ir para a Inglaterra muito desgastada e sem um planejamento fixo, e o resultado foi um belo 3x1 para a Hungria e a eliminação da Copa, agora os militares teriam que repensar numa forma de alavancar sua propaganda, mas de uma forma diferente, com a Seleção campeã e total mudança interna.

## ***João Saldanha e Seleção militar Brasileira***

João Alves Jobim Saldanha, jornalista, escritor e um dos principais cronistas esportivos brasileiros, homem com seguidores por todo país pelo seu estilo de comentar e apresentar os fatos, criador de jargões famosos no futebol como “*a vaca foi pro brejo*”, João Saldanha ficou mais conhecido por seu trabalho com o futebol dentro das quatro linhas. Destemido, foi o técnico da Seleção Brasileira em um momento conturbado do país, os temidos anos de chumbo.

O cargo de técnico da Seleção Brasileira ampliava a voz do professor Saldanha, os militares descobriram que Saldanha aproveitava as excursões da Seleção ao exterior para levar documentos contendo informações de possíveis represões e torturas dos militares. Saldanha era filiado ao partido comunista e movimentos de esquerda e assim uma medida deveria ser tomada, mas não de forma pública, pois os mili-

# Saldanha cai; quem tomará seu lugar?

NELSO LIMA E GERALDO FERROGA

**1800** — Saldanha não é mais o líder da seleção brasileira; a Comissão Técnica do CBD, para promover a Copa do Mundo de 1970, decidiu não renovar o contrato de Saldanha. Quem tomará seu lugar?

para promover a Copa do Mundo de 1970, decidiu não renovar o contrato de Saldanha. Quem tomará seu lugar?

**Verões de Silveira**  
Segundo o ex-técnico Paulo Roberto Falcão, o Brasil não tem condições de competir no futebol mundial. O Brasil não tem condições de competir no futebol mundial.

**Milman dizia que tudo era rotina**  
Segundo o ex-técnico Paulo Roberto Falcão, o Brasil não tem condições de competir no futebol mundial. O Brasil não tem condições de competir no futebol mundial.

**Verões de Silveira**  
Segundo o ex-técnico Paulo Roberto Falcão, o Brasil não tem condições de competir no futebol mundial. O Brasil não tem condições de competir no futebol mundial.

**Milman dizia que tudo era rotina**  
Segundo o ex-técnico Paulo Roberto Falcão, o Brasil não tem condições de competir no futebol mundial. O Brasil não tem condições de competir no futebol mundial.

**Verões de Silveira**  
Segundo o ex-técnico Paulo Roberto Falcão, o Brasil não tem condições de competir no futebol mundial. O Brasil não tem condições de competir no futebol mundial.

**Milman dizia que tudo era rotina**  
Segundo o ex-técnico Paulo Roberto Falcão, o Brasil não tem condições de competir no futebol mundial. O Brasil não tem condições de competir no futebol mundial.

**Verões de Silveira**  
Segundo o ex-técnico Paulo Roberto Falcão, o Brasil não tem condições de competir no futebol mundial. O Brasil não tem condições de competir no futebol mundial.

**Milman dizia que tudo era rotina**  
Segundo o ex-técnico Paulo Roberto Falcão, o Brasil não tem condições de competir no futebol mundial. O Brasil não tem condições de competir no futebol mundial.

**Verões de Silveira**  
Segundo o ex-técnico Paulo Roberto Falcão, o Brasil não tem condições de competir no futebol mundial. O Brasil não tem condições de competir no futebol mundial.

**Milman dizia que tudo era rotina**  
Segundo o ex-técnico Paulo Roberto Falcão, o Brasil não tem condições de competir no futebol mundial. O Brasil não tem condições de competir no futebol mundial.

**Verões de Silveira**  
Segundo o ex-técnico Paulo Roberto Falcão, o Brasil não tem condições de competir no futebol mundial. O Brasil não tem condições de competir no futebol mundial.

**Milman dizia que tudo era rotina**  
Segundo o ex-técnico Paulo Roberto Falcão, o Brasil não tem condições de competir no futebol mundial. O Brasil não tem condições de competir no futebol mundial.



© Folha.com. Direitos reservados. Proibida a reprodução do conteúdo em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso sem autorização da Folhapress.

tares filtravam muito bem as relações com o futebol para que sua propaganda sobre o esporte não viesse a fracassar.

João Viotti Saldanha, filho de João Saldanha, foi usado para entregar documentos em viagens ao exterior. O conteúdo nunca foi revelado, mas era a comprovação da traição de João Saldanha à sua pátria, e afastado do comando da seleção, não ganharia mais voz ativa no país, o título mundial traria a Saldanha mais força. Mesmo com sua imagem desgastada, a forte pressão do governo à CBD foi concluída. A confederação cede. Enquanto o apoio popular estava junto a Saldanha, era difícil que os militares conseguissem exilá-lo do cargo. João Havelange cedeu e Saldanha foi demitido.

João Saldanha era muito ligado ao futebol e à Seleção, sabia que a CBD como uma instituição privada e que ele também deveria ceder e pular fora antes que algo acontecesse com ele.

Otto Gloria, técnico de clubes como Portuguesa, São Paulo e Vasco, conhecido internacionalmente por treinar o Benfica, seria o escolhido para comandar a Seleção Brasileira naquela ocasião, mas os militares observavam outro nome.

Zagallo treinava o Botafogo na escola de educação física do Exército, e era a deixa perfeita para alguém que já entendia como as forças nacionais funcionavam e assim seria mais fácil controlar o comandante na caminhada ao México.

## **Brasil**

Os militares sabiam que o povo poderia se chegar ao regime caso ajudassem no ápice da consagração futebolística mundial, a Copa do Mundo! E assim publicamente, o que antes era restrito passa a “ajudar” os times e a seleção.

O começo era a composição dos profissionais da Seleção Brasileira, após a escolha de Zagallo, era hora de escolher a comissão técnica canarinho. Além disso, militares que já faziam parte da comissão técnica ganharam reforços de peso, um planejamento desportivo feito e assim os militares poderiam controlar e reprimir qualquer coisa dentro do esporte.

João Havelange, adjunto com o governo, nomeia Brigadeiro Gerônimo Bastos como novo chefe de delegação da Seleção no Rio de Janeiro e assim junto a ele nomes são colocados na lista, um dos agentes da repressão e seu braço direito, o Major Roberto Câmara Ipiranga dos Guarany's, virou chefe de segurança da Seleção.

Com a escolha de Guarany's para integrar a chefia da Seleção, o ex-técnico João Saldanha publicou uma crônica no Jornal do Brasil.

*Vou escrever uma matéria sobre a presença exigida e por mim repelida, de policiais espancadores na concentração.*

*Foram barrados por mim, mas depois eu fui barrado por eles. Afinal de contas estavam no poder. E que poder.*

### **João Saldanha – Jornal Do Brasil**

A escolha tinha um motivo certo. Treinador de militares, ele é escolhido para combater a repressão como estratégia de infiltração, usando as viagens da Seleção Brasileira, por ser um homem de confiança do governo e por demonstrar técnicas de infiltração avançadas, era o nome a ser apostado. Controlar qualquer desvio e ser porta voz do governo após o caso Saldanha, a figura dele era para proteger a Seleção de fora para dentro, mas a verdade era para que houvesse uma proteção de dentro para fora e nenhuma informação nacional vazasse, ele estaria ali para controlar ações e tomar medidas necessárias com qualquer um que atravessasse o caminho dos militares, mas ao mesmo tempo o Major Guarany's passava a imagem de segurança total, que os jogadores do Brasil estariam blindados e a população ver que o militarismo cuidava com carinho da imagem do futebol.

A escolha de Guarany's não era uma simples coincidência, ele era extremamente de confiança do governo e provou isso anos antes no curioso caso *Parasar*, onde no planejamento de explodir um gásômetro, Major Guarany's estava junto no esquema, centenas de mortes poderiam ter ocorrido, mas graças a um capitão, Sergio Macaco, não ocorreu tal tragédia. A frieza de Guarany's era tudo que os militares precisavam para obrigar sorrisos e acenos para a multidão louca pelo futebol e nada como um homem de tal capacidade para reger os planos coronelistas.

Agora a Seleção tinha 100% uma imagem séria, com todos os jogadores uniformizados de seus belos ternos e uma

postura diferente da última Copa, o clima era de total respeito dentro das federações e dos clubes e isso se deve a posição de Guarany's dentro do cargo de chefia de uma grande seleção de futebol, que inclusive serviu de modelo para outros clubes do exterior. Quando o ônibus da Seleção chegava ao estádio ou à concentração, Major Guarany's descia e ia à frente do coletivo a pé, como forma de força!

A população brasileira era muito monitorada pelos agentes de repressão e controladoria. Nas ruas a desconfiança era plena em que tanta roupa camuflada atrapasasse o uniforme verde e amarelo na Copa do Mundo que viria a seguir, era essencial que desde o treinamento até a preparação final fosse divulgada nas rádios o bombardeio de informações sobre o Brasil, que era muito forte. A animação para a próxima Copa era tão intensa que o que acontecia nas delegacias, batalhões e nos mais perigosos cantos escuros de execução, estavam passando despercebido, finalmente o futebol era utilizado como propaganda política do Regime Militar de uma forma positiva.

Nas ruas, a esperança de soldados e conflitantes, em que o futebol pudesse acabar com certos acontecimentos era cada dia mais escutado. Nas grandes capitais onde a seleção passou, multidões queriam ver o time que jogava bonito, jogadores super famosos e com marcas expressivas, um futebol que não poderia parar uma bala, um cassete ou uma guerra, um conflito, mas poderia parar por instantes um sentimento de dor e sofrimento presente e na garganta um grito de libertação.

No futebol ou na vida da população, exemplos como este são comuns até os dias atuais e não importa em que ano você leia este livro, assim como Guarany's mandou nos jogadores e controlou a Seleção Brasileira, os militares em geral controlaram a alegria da população e observavam tudo de mais

perto do que pudessem imaginar! A cada dia um novo caso explodia, explode e explodirá eternamente, o futebol era uma marionete propagandística de uma campanha governista militar que não havia mais volta. Este foi um ligeiro caso separado em tantos outros nunca descobertos, e assim como João Saldanha gostava de entoar, realmente o futebol pode ser sim uma bela caixinha de surpresas.

Para o jornalista esportivo Flávio Prado, o Regime Militar não trouxe tantas coisas boas para o futebol brasileiro.

“Os militares mataram o pensamento do brasileiro, era aquela história que dentro do futebol todo mundo é irracional, vibra, se sente feliz, então eles usaram muito o futebol para que o cara tivesse o pão e o circo. O pão muito pouco, porque se vivia muito mal, mas deram muito circo, e a Seleção de 1970 era fundamental para que eles pudessem, no auge da ditadura, com pessoas morrendo, eles com a Seleção e todo mundo vibrando e as pessoas nem sabiam o que estava acontecendo. Infelizmente muita gente até hoje não sabe. Era muito importante que a Seleção ganhasse, aí todo mundo estava gritando ‘Pra Frente Brasil’, enquanto isso vários brasileiros sendo torturados e mortos.”

# ***Pra Frente Brasil***

**Miguel Gustavo**

***Noventa milhões em ação  
Pra frente Brasil, no meu coração  
Todos juntos, vamos pra frente Brasil  
Salve a seleção!!!  
De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil  
deu a mão!  
Todos ligados na mesma emoção, tudo é um só coração!  
Todos juntos vamos pra frente Brasil!  
Salve a seleção!  
Todos juntos vamos pra frente Brasil!  
Salve a seleção!  
Gol!***

***Somos milhões em ação  
Pra frente Brasil, no meu coração  
Todos juntos, vamos pra frente Brasil  
Salve a seleção!!!  
De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil  
deu a mão!  
Todos ligados na mesma emoção, tudo é um só coração!  
Todos juntos vamos pra frente Brasil, Brasil!  
Salve a seleção!  
Todos juntos vamos pra frente Brasil, Brasil!  
Salve a seleção!  
Salve a seleção!***

*Cap. 6*

*Parece que  
todo o Brasil  
deu a mão!*



**N**as ruas das maiores capitais do Brasil, opositores ao regime, soldados, policiais e população tinham algo em comum, naquele momento, nem que fosse por pouco tempo, todos por dentro viviam um só sentimento, uma só cor, uma só camisa, a verde e amarela da Seleção Canarinho que poderia trazer de volta o amor, e por mais que o período do presidente Médici estivesse carimbado como os anos de chumbo, onde houve a maior repressão, foi também período de maior aceitação do regime militar, onde o ápice da popularidade era atingido. E assim como na música, parecia que todo Brasil deu a mão. E com a mão e a bênção dos militares, a canção composta por Miguel Gustavo para que fosse tendenciosa a aproximação do povo com o futebol entoando a pegajosa letra, logo virou o tema no Brasil para a disputa da Copa do Mundo, deixando ainda mais um forte e intenso clima de competição.

Agora o futebol era 100% parte do Regime Militar, antes da Copa do Mundo de 1970, que em sua preparação a Seleção



Médici e a Seleção em 1970 / Foto: Reprodução - Arquivo Nacional

que disputaria o mundial do México foi recebida pelo presidente Médici que conversou com cada atleta, posou para fotos e incentivou em coletivas de imprensa a força do futebol nacional. A Seleção que embarcava rumo ao México tinha na bagagem muitas coisas além de suas amarelas camisas com o logo da CBD, dois títulos mundiais, craques inigualáveis com reconhecimento internacional e um medo do fracasso como na última edição da competição.

O Brasil vai ao México para a disputa da nona edição da Copa do Mundo FIFA com os seguintes convocados pelo técnico Zagallo: Félix, Ado e Emerson Leão; Carlos Alberto Torres, Zé Maria, Marco Antônio, Everaldo, Brito, Piazza, Baldocchi, Fontana e Joel; Clodoaldo, Gérson e Paulo César; Jairzinho, Tostão, Pelé, Rivelino, Roberto, Edu e o jogador que Médici ordenou que estivesse na convocação por meio de

conversas com a assessoria nacional, do Clube Atlético Mineiro e da CBD: Dadá Maravilha.

O jornalista Celso Unzelte, comenta sobre o período em que o futebol esteve nas mãos do Regime:

“De maneira geral a Ditadura Militar sempre entendeu o futebol como um importante canal de comunicação e até de domínio. Os dirigentes eram ligados a militares ou eram propriamente militares e desde o começo, lá em 64, o futebol sempre foi usado, controlado e manipulado. Em 70 há uma coincidência muito particular do presidente Médici, que ele pede a convocação do Dadá Maravilha e de fato 70 ser um momento diferente, um momento que coincidia com o milagre econômico e as ideias do Brasil grande, a partir de um presidente que tirava foto enrolado na bandeira com um radinho de pilha no ouvido, controlando bola na cabeça. Então em termos não ideológicos, mais em relação personalista com o futebol, essa relação pessoal que o Médici tinha com o futebol era para se segurar no poder. Logo se percebeu que o futebol tinha um apelo popular muito forte e era uma maneira para se controlar ou manobrar as massas.”

## **Jornalismo, Futebol e Regime**

No submundo da informação, a repressão ainda tomara conta de muitos segmentos no meio do esporte e da política em geral. A comunicação foi claramente interceptada no Brasil, com o Decreto-Lei nº 1.077 instituído em 21 de Janeiro de 1970, agora os militares também poderiam controlar os veículos de comunicação, a presença de militares nos lugares era diária e todo conteúdo teria que ser enviado para um pente

fino, se aprovado iria ao ar, caso fosse censurado, dependendo do conteúdo, uma investigação sobre o produto ocorreria.

E não foi só no Brasil que a censura era intensa, este caso acompanhou a Seleção Brasileira na Copa de 1970, além de se credenciar como imprensa pela Fifa, os jornalistas deveriam ser credenciados com os militares para que fosse autorizado cobrir a Seleção Brasileira. Documentos e formulários por diversas vezes foram preenchidos pelos jornalistas presentes.

Mais uma vez o ex-técnico João Saldanha entrava na história do futebol canarinho. Contratado pela BBC para produzir artigos, Saldanha foi barrado pelos militares. O chefe de delegação Gerônimo Bastos era o principal observador de todos os repórteres ali presentes em busca de possíveis nomes ligados à oposição.

A televisão ainda ajudaria os militares a se propagar mais ainda através do futebol, com uma negociação firme e pelo momento econômico nacional, levaram os créditos pela transmissão do mundial do México. Foi a primeira Copa, ainda que em preto e branco, que o povo brasileiro conseguiu assistir em suas televisões, e aqueles que não conseguiam assistir, foram colocadas televisões em grandes lojas de eletrodomésticos em parceria com alguns batalhões, assim a população poderia se reunir e assistir a competição. Era mais uma vez os militares segurando a mão da população como uma corrente para a Seleção Brasileira.

## ***Salve a seleção!***

Dessa forma foi narrado por Jorge Curi, da Radio Nacional, o triunfo histórico da Seleção Brasileira, a Copa do



*“Quarenta e um minutos de luta e vamos ter a palavra daqui a pouco de sua excelência, o senhor presidente da república! Bola entregue na direção de Clodoaldo, dribla um, dribla dois, É UM EPÍLOGO de uma festa verde e amarela. Bola para Rivelino, de Rivelino para Jair, correu pela ponta esquerda, atraiu Paqueti, passou por ele, lança a pelota a Pelé. Pelé dominou, Carlos Alberto está livre, correu, atirou: GOL! GOOOL; Carlos Alberto, camisa número quatro! Maravilhoso! Avante Brasil, maravilhoso, maravilhoso meus amigos o passe de Pelé para Carlos Alberto, invadido o gramado pelos fotógrafos, jogadores brasileiros emocionados com o gol de Carlos Alberto. É o Tricampeonato mundial de futebol, podem comemorar, chorem conosco!”*

Mundo era enfim um sonho realizado, o Brasil foi Tricampeão mundial no México. E enquanto isso em território nacional, realmente todos juntos, pra frente Brasil, Salve a Seleção!!!

As ruas do Brasil todo foram tomadas, por um dia, esqueceu-se qualquer tipo de repressão, tortura, protesto, rebeldes ou qualquer ato de violência dos dois lados opostos. Naquele momento o Tricampeonato havia sido a chuva depois de dias de fogo que o Brasil passava! Soldados e populares juntos por



Carlos Alberto Torres e o Presidente Médici após conquista da Copa / Foto: Arquivo Nacional

um só instante. A Seleção Brasileira voltava ao Brasil com sorrisos, medalhas e com a extinta taça do mundo Jules Rimet, o capitão Carlos Alberto Torres ao lado de Médici, o presidente sorrindo e acenando, abraçou Pelé e em seguida ergueu a taça para a população, era o atestado de competência dos militares em cuidar do futebol e agora todos eles poderiam estufar o peito e entoar que os militares haviam vencido a Copa do Mundo de 1970!

Os militares aproveitaram a festa do título mundial de 70 para abrir uma investigação sobre o então presidente da CBD, João Havelange. Ele passou a ser monitorado e vigiado intensamente, foram descobertas irregularidades de esquemas financeiros. Havelange precisava se afastar do foco militar, quando levou um general junto a ele em seu depoimento aos PMs de São Paulo. Seu monitoramento era posto de lado dos holofotes e poderia seguir sua carreira.



Vale do Anhangabaú em São Paulo após a conquista de 70 / Foto: Arquivo/USP

Após o título da Copa do Mundo de 1970, era a hora dos militares cuidarem de outro caso: Os clubes de futebol. Era iminente a evolução dos times de futebol no Brasil, cada vez mais clubes eram criados e torcedores apareciam. Em 1971 é criado o novo módulo de competição, a Taça Roberto Gomes Pedrosa deixa de existir e dá lugar à competição oficial do Brasil, o Campeonato Brasileiro. Anos depois, em 1979, é criado o novo departamento de futebol a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), dado o crescimento do esporte no país.

Os militares utilizaram o futebol como propaganda política e essa propaganda foi em muitas das vezes, positiva para o regime! A Seleção Brasileira era a cada dia mais popular, então o governo deixou de lado a utilização fixa de propaganda e com o enfraquecimento do Ato institucional de número 5, a seleção nacional não era mais importante neste momento, mas o serviço de informação e vigilância continuava no



Matéria de capa da revista Manchete de 1970, com destaque para o presidente Médici

futebol. Os clubes profissionais eram obrigados a enviar documentos com todo e qualquer dado de candidatos a cargos importantes na gestão de seu time, os sócios mais influentes também passaram por uma investigação, se algo grande fosse propagado dentro de um clube importante, poderia gerar dor de cabeça para o governo.

Desde as eleições até as receitas, as equipes de futebol sofriam com a espionagem dos agentes de informações infiltrados. O partido ARENA, do governo, passou a ajudar os clubes que não tinham divisões e que eram de Estados nos quais o Regime possuía informantes em suas federações, em seus maiores exemplos, o presidente da federação carioca constava como um informante dos militares.

Seu nome era Otávio Pinto Guimarães, filiado a nomes importantes dentro da ditadura. Em Minas, a federação possuía um Coronel como seu presidente, anos depois, caiu em uma investigação, mas seu filho assumiu e deu continuidade a seu trabalho e passou a ceder informações sigilosas dos times mineiros. Em São Paulo, José Maria Marin se torna presidente da FPF (Federação Paulista de Futebol), Marin, ligado ao militarismo e a fortes empresários que financiavam as obras militares, observava o crescimento de um dos maiores clubes do Brasil, o Corinthians, que tinha duas chapas de integrantes do PARTIDÃO, movimento opositor ao Regime.

A geração futura da Seleção que disputara as outras Copas não queria ligação a nenhum dos lados políticos, saturados da propaganda e do uso de sua imagem e ao fim da investigação sobre o maior ídolo do futebol brasileiro, Pelé, os jogadores tinham medo de opinar sobre qualquer situação vivida no país. Os jornalistas Celso Unzelte e Flavio Prado comentaram o motivo dos profissionais da bola não querer um envolvimento com nenhum movimento político.

Para Flávio Prado:

”Eles [militares] não tinham limite, levaram o Campeonato Brasileiro a mais de 100 clubes. Os clubes eram dirigidos por pessoas com muito dinheiro e eles queriam aparecer, então esse crime de mexer tanto com os clubes a ditadura não cometeu, mas outro crime, sim. Matou-se a cultura do Brasil, o jogador era muito pobre, o ensino público aquela época te dava ideias, te fazia pensar. Quando se mata a cultura você tira a ideia do jogador de poder pensar, dele evoluir, hoje o jogador é cada vez mais simplório, cada vez menos pensador, aí fica difícil ter qualquer movimento. O cara não consegue imaginar a dimensão daquilo e pensa: ‘ah, eu só quero jogar

futebol. Reflexo da Ditadura! ‘Você presta serviço e não enche o saco’, é muito da Ditadura Militar. ‘Eu resolvo pra você, eu penso pra você’, a ditadura matou o Brasil”.

Já para Celso Unzelte:

“O Regime Militar deixou uma herança maldita, o entulho do autoritarismo ainda está aí. O futebol hoje é refém do capital, herança de uma era que tinha gente comprometida com o capital, já se falava isso no começo da Nova República. Isso acontece em várias atividades humanas, e o futebol é uma delas.”

A grande conclusão geral é que o futebol como propaganda do Regime Militar brasileiro foi muito bem utilizado e seu principal objetivo atingido durante todos seus anos, ninguém se opunha à principal paixão do povo e a alegria dada desde os clubes até um título mundial foi imensa. Médici, o presidente do povo, deixou um legado campeão no esporte e sucesso popular, apesar dos anos de chumbo e do tempo violento, muitas vezes isso passou despercebido, o que era a real intenção do governo e assim como as fardas, muitas coisas erradas foram camufladas, mas nada disso importa, pois a taça do mundo é nossa!

*Cap. 7*

*Democracia  
Corintiana*



# DEMOCRACIA: A PROPAGANDA AGORA É OUTRA

**O** Brasil ainda vivia um Regime Militar no ano de 1982, e agora o país está no seu 30º presidente, o General João Figueiredo, sucessor do temido Ernesto Geisel, tempos diferentes de anos passados, debates políticos voltavam a ser permitidos na televisão, uma forma mais vulnerável no congresso atrai candidatos não militares. No futebol, a Seleção Brasileira iria a disputa da Copa do Mundo na Espanha, mas uma derrota para a Itália marcava o medo do nome Paolo Rossi para o torcedor verde e amarelo, a considerada até dias atuais a seleção de ouro, o melhor elenco de todos, perdia o sonhado tetra, futebol e regime não caminhavam mais juntos.

Porém, um movimento que iria confrontar ideais militares, forma de governo e de vida da sociedade em geral, começara a surgir em São Paulo, dessa vez não um movimento protestante das ruas e sim dentro de um dos maiores clubes do Brasil.

## ***Sport Club Corinthians Paulista***

Fundado em 1910 no bairro do Bom Retiro em São Paulo, inspirado no time Corinthian-Casuals da Inglaterra que fazia um *tour* pelo país, era feita a criação, Corinthians Paulista, o time que derrubou barreiras e questionou a elite do futebol nacional, em pouco tempo era campeão paulista, quatro anos após sua fundação e confrontava uma difícil época em que o povo não tinha tanto acesso às partidas do esporte. Logo o Corinthians ganhou força, era conhecido nos quatro cantos do Brasil, com o passar dos anos foi se agigantando cada vez mais e se consolidando dentro da modalidade e, adjunto com o carioca Flamengo, tinha a maior torcida do país.

“O time do povo” denominado por todos, rivais e amantes do clube, com a torcida dos mais humildes, a simplicidade e a força de vontade, raça e garra sempre marcaram o torcedor corinthiano, conseguiu grandes feitos como a famosa invasão do Maracanã em 1976 e o título mais expressivo do século, o Campeonato Paulista de 1977, com o recorde de público da história do estádio do Morumbi, de seu rival paulista. Sendo um time do povo, que sempre lutou por si, pelo esporte e pelas ideias do povo, foi no Corinthians que um dos maiores movimentos esportivos de luta social do Brasil foi criado, em meados de 1982 nascia para o mundo a Democracia Corintiana.

## ***Os Personagens Democráticos***

Para entender o que foi a Democracia Corintiana precisamos saber quem foram seus personagens e o momento

em que eles apareceram. No Corinthians, o comando era por conta de seu folclórico presidente Vicente Matheus, empresário espanhol com naturalização brasileira, uma hegemonia dentro do clube, Matheus teve oito mandatos não consecutivos como presidente do Corinthians, muitas das vezes utilizou recursos financeiros de seu próprio bolso para ajudar o time, deixou a presidência por conta do estatuto do clube, devido números de vezes que poderia ser eleito. É neste momento que a história começa a ser escrita. Vicente Matheus indica Waldemar Pires para a presidência do clube na intenção de continuar, mesmo que de fora, tomar decisões dentro do Corinthians. Waldemar vence as eleições para a presidência do clube em 1981.

Waldemar Pires em pouco tempo afastou Matheus completamente da chapa que venceu as eleições naquela ocasião, e trouxe para a diretoria do Corinthians seu confiável elenco de diretores. Estudado, Pires se uniu aos nomes mais importantes conhecidos pela Democracia. Adilson Monteiro Alves, o barbudinho sociólogo, novo, com fome de luta, era integrado ao Corinthians, mesmo sem entender absolutamente nada de futebol.

O nome principal de todos esses já residia no Corinthians, integrava o elenco profissional do time, Sócrates Brasileiro, jogador que iniciou sua carreira no Botafogo de Ribeirão Preto, até hoje é o maior ídolo do clube, formado em medicina ganhou o apelido de Doutor Sócrates, foi contratado pelo Corinthians em 1978, fez 298 jogos e 172 gols com a camisa do alvinegro. Sócrates era diferente de outros atletas, lia muito, era inteligente e jogava de um jeito que encantava os olhos de quem o via jogar, desde o menino na rua ao jornalista esportivo, muito estudado, foi um dos principais líderes



Sócrates atuando pelo Corinthians com a camisa "Dia 15 vote" – Reprodução Imortais do Futebol

da Democracia Corinthiana e ativista do movimento Diretas Já. *Magrão*, como era conhecido por familiares e pelo elenco corinthiano, deu início à seletiva de quem iria junto a ele lutar por Democracia dentro dos campos pelo Brasil a fora.

Os principais nomes de jogadores do Corinthians a se juntar e fazer parte do movimento foram o do lateral Wladimir, o jogador que mais vezes vestiu a camisa do clube paulista, foram 806 vezes em campo pelo alvinegro. Casagrande, revelado no clube paulista, fazia parte da linha de frente da Democracia, era um jovem roqueiro e gritava por revolução. O jornalista Juca Kfourri vencedor do prêmio ESSO de jornalismo 1982, com marcas expressivas no jornalismo investigativo no esporte, se juntou a Sócrates e companhia para engajar o plano democrático corinthiano. Em tempos em que o futebol era utilizado como propaganda, um dos principais

nomes extracampo foi o do publicitário Washington Olivetto, corintiano e na época vice-presidente do Corinthians. Estava consolidado, o futebol realmente não era brincadeira, a Democracia Corintiana estava com seu time revolucionário em campo.

Celso Unzelte, historiador do clube, comenta seu ponto de vista sobre o momento em que a Democracia Corintiana entra em foco:

“A Democracia Corintiana era parte de um contexto maior, se falava de redemocratização em todo Brasil, nas escolas, sindicatos, no trabalho e principalmente no Futebol. A grande diferença era os objetivos da sociedade, o movimento da Democracia Corintiana foi muito específico de uma época, era parte de um todo. A Democracia foi um movimento de anseio por liberdade, num contexto com uma sociedade pedindo maior participação.”

A Democracia parte de um momento político sério e que algo precisava ser feito e um gigante como o Corinthians só teria a crescer ainda mais com tais feitos, mesmo se opondo a atual gestão do país.

## *O crescimento democrático corintiano*

Logo que se consolidou a Democracia Corintiana, se visava à autogestão, com decisões colaborativas, onde todos tinham voz, na verdade uma só voz fazia o Corinthians, todas as decisões envolvendo a entidade eram tomadas em conjunto, por meio de um democrático sistema de voto. Hora da viagem, se haveria concentração, novos dirigentes e jogadores, entrevistas, uniforme e até as rendas

(o famoso bicho esportivo) que eram divididas igualmente entre os atletas que entravam em campo. Nessas decisões exatamente, todos faziam parte e eram considerados iguais dentro do clube não importando classe ou cargo. O roupeiro, massagista, jogadores e os engratados dirigentes e sócios tinham o mesmo peso nos votos pelas decisões do que aconteceria no momento e assim por toda sua extensão de campeonato, o Corinthians era um clube participativo.

Coisas como as de jogadores casados não concentrar e do direito de cada jogador de fazer o que quisesse com sua imagem como a de ingerir bebidas alcoólicas e fumar em publico, participação em filmes da época, tudo era votado, até a saída de alguns jogadores. Os atletas Rafael, ex-Coritiba, e Paulo César Caju foram afastados, talvez pelo apoio ao ex-presi-

Time do Corinthians entrando em campo com o lema da Democracia Corinthiana

Foto: Irmo Celso



dente Vicente Matheus, mas o grupo não pensou duas vezes, em unânime decisão de afastar os atletas.

A sede por luta e justiça social era clara, a Democracia não derrubou o Regime Militar no Brasil, mas fez parte de uma engrenagem entre tantas outras de oposição, liberdade e revolução. O Corinthians era então utilizado como propaganda política, dessa vez o futebol ia contra os governantes, o time passa a entrar em campo com publicidades de seu movimento, tudo era votado como sempre e criado pelo publicitário Olivetto, como as inserções de escritas na camisa, o logo do movimento e, principalmente, as faixas que os jogadores levavam ao entrar em campo. A parceria com a cantora Rita Lee e com o diretor Boni, que era um grande influenciador de mídias, logo difundiu o movimento para o país todo e o crescimento iria refletir dentro de campo.

### ***“Ser campeão é detalhe...”***

Esta famosa frase que embalava os vestiários do Corinthians em 1982, por muitas vezes entoada nas entrevistas na saída do campo, foi criada junto ao movimento que residia no clube. O Corinthians tinha feito uma péssima campanha no Campeonato Paulista e no Brasileiro, disputando naquele ano a Taça de Prata, isso era inaceitável para a torcida e no ano seguinte com um time amado e temido, que jogava muito bem, tudo deveria ser diferente, “Ser campeão é detalhe”, pois a luta que o time trazia quando entrava em campo, pela liberdade fora dele, era mais importante naquele momento, mas tudo caminhava tão bem que o Timão chegaria ainda mais alto.



Logotipo da Democracia feito por Washington Olivetto

O técnico escolhido para comandar o Corinthians durante este período da Democracia foi Mário Travaglini, com um jeito diferente de se pensar sobre futebol e métodos de treino, era o ideal para o posto de comandante do esquadro alvinegro. Travaglini é considerado até hoje por muitos personagens ligados ao esporte, um dos indutores do futebol moderno no Brasil. O democrático Corinthians sagrava-se campeão paulista de 1982, o slogan principal dessa empreitada era “ganhar ou perder, mas sempre com democracia”. O time daquele campeonato era o mais bonito de se ver jogar e fora de campo o mais participativo nas questões políticas.

O elenco campeão de 1982 tinha como peças principais de seu elenco: Solito, Alfinete, Zé Maria, Mauro, Daniel Gonzáles, Wladimir, Paulinho, Sócrates, Zenon, Eduardo, Ataliba, Casagrande e Biro-Biro. O time que jogou a final e venceu o São Paulo por 3 gols a 1 no estádio do Morumbi.

Em 1983 o Corinthians precisava se reforçar para a disputa de mais uma temporada difícil que viria pela frente, muitos dirigentes de clubes desaprovavam a forma politizada como a que os corinthianos tinham naquele momento, con-

tratações eram mais difíceis, mesmo que alguns jogadores de outros times demonstrassem apoio e interesse de jogar no clube do Parque São Jorge. Já existia muita oposição ao movimento corintiano e mesmo com o envio dos formulários aos militares, passaram muitos nomes sem uma declaração prévia. Com a chegada de novos jogadores, sendo alguns deles favoráveis ao atual momento do país, seria mais fácil ficar longe dos olhos do governo. Alguns atletas tinham em mente que a Democracia Corintiana só possuía democracia no nome, uma oposição dentro de um movimento que também em sua função era lutar contra o Regime Militar.

Celso Unzelte comenta sobre a situação momentânea do clube naquele instante:

“A Democracia Corintiana, é movimento polêmico, quem foi ou ainda é a favor, defende aquilo com unhas e dentes, como se aquele fosse o movimento mais puro do mundo. Quem foi ou ainda é contra, nega sua existência. Eu não me refiro só ao Emerson Leão, que entre os jogadores era o principal opositor, mas me refiro a dirigentes de futebol, que inclusive alguns estiveram até recentemente no poder.”

Justamente um dos nomes citados foi sem dúvida o mais inquieto no meio dessa revolução, Emerson Leão.

*Adilson Monteiro Alves: “Eu perguntei a quem conhecia o Leão, o que achavam de trazer o Leão. Sócrates, Wladimir, Zenon, Zé Maria, Mario Travaglini. Então fui e contratei, aqui está o Leão, arrogante, orgulhoso, mascarado, prepotente, desbocado, personalista, mas era um grande goleiro, um grande jogador de futebol e a partir de hoje nosso goleiro”, em entrevista ao documentário Democracia em preto e branco, de 2014.*

*“Eu cheguei entendendo que democracia tinha suas obrigações e tinha suas liberdades dentro da sua obrigação, menos pra mim. Dentro da sua democracia você pode fazer o que você quiser, desde que seja aquilo que eu permita! Então isso estava bem estabelecido, e o pior, eu tinha que repetir o êxito, porque se perdesse quem seria o culpado? Leão!”* Emerson Leão em entrevista ao documentário *Democracia em preto e branco*.

Emerson Leão era um jogador com ideais próprios, disputou até ali três copas do mundo, era reserva de Felix na copa de 70, em que o Brasil foi campeão. Passando por muitos clubes, Leão foi acostumado a ganhar taças e ter *status* de um excelente goleiro, seu difícil temperamento era constante e poucos atletas simpatizavam com ele, mas era clara a qualidade de arqueiro dentro da meta de onde jogou. Com a contratação, Casagrande ficou semanas sem falar com o novo goleiro alvinegro, muitos discordavam da contratação do goleiro. A revista *Placar*, que apoiava o movimento desde sua criação, publicou em uma de suas edições que o que os jogadores fizeram foi uma antidemocrática situação.

*“Disseram pra mim: — Nós fizemos essa reunião por sua causa’.* Falei: *‘Por minha causa? Imenso prazer, tô muito satisfeito por minha causa, tô aqui só há um mês.’*

*— Pelas suas atitudes nesse um mês, suas falas, suas entrevistas, você tá desunindo um pouco o grupo. Eu? desunindo o grupo? Vamos interpretar o que é isso!*

*— Várias pessoas já estão com você, já passaram pro seu lado, então eu falei o seguinte: Não me deixa mais que um mês, não, porque se não vai passar 100%”. Emerson Leão em entrevista ao documentário *Democracia em preto e branco* de 2014.*

Leão era opositor à Democracia, mas em campo dava o sangue pelo Corinthians, fechando o gol, o Coringão era bicampeão paulista e mais uma vez sobre seu rival São Paulo, o campeonato de 1983 era alvinegro, era o Bi da Democracia. Emerson Leão atuou até o fim da temporada e saiu para seu ex-club e maior rival do Corinthians, o Palmeiras, time mais rico e de forma totalmente diferente de gestão.

“Há alguns exageros sobre a Democracia. Negar a importância da democracia é outro exagero. O que houve foi uma tentativa de maior participação de um grupo. Pode se discutir se esse grupo era democrático na medida em que talvez nem todos fizessem parte, até porque alguns não queriam fazer parte, não entendiam, você não tem um Sócrates em cada clube. O peso dos votos dos cabeças da Democracia tivessem um peso diferente, são acusações que se fazem à Democracia Corintiana”, afirma Celso Unzelte.

## ***Diretas Já!***

Proposta de Emenda Constitucional Dante de Oliveira, nº05/1983, tinha como objetivo que as eleições diretas para presidente da república voltassem a acontecer e o povo pudesse decidir quem comandaria o país. A emenda foi para votação na câmara dos deputados e seriam necessários 320 votos a favor, mas apenas 298 deputados votaram pelo sim, a emenda não passou para o senado e a população precisaria esperar para eleger um civil ao trono máximo do Brasil.

Saindo da teórica história nacional, esta emenda ganhou força popular e logo um nome mais fácil e pegajoso caiu bem em gritos e protestos da população, o nome *Diretas Já!* foi o

selecionado pelo povo que gritava por liberdade. Manifestações pelas diretas eram vistas em Recife, São Paulo, Goiânia, Curitiba e em outras diversas cidades pelo Brasil. Comícios eram cada vez mais comuns e dessa vez os militares não poderiam reagir de forma repressiva tão abertamente e o povo temia uma retaliação por parte do governo.

No futebol, as Diretas Já! ganharam mais força do que poderia se imaginar, o movimento da Democracia Corinthiana apoiaria abertamente as diretas e a cada dia os jogadores envolvidos entravam mais nesse momento político. O mais emblemático caso é o de Sócrates, que em uma jogada de marketing com a torcida, da qual virou um dos maiores ídolos e símbolos da história, chegou a dizer em um comício das diretas que iria embora do país caso a emenda não fosse aprovada.

“*Caso a emenda Dante de Oliveira, passe na câmara dos deputados e no senado eu não vou embora do meu país*”, disse Sócrates em manifestação pró Diretas Já!, em comício no Vale do Anhangabaú, em São Paulo. Mas o jogador já estava acertado com a Fiorentina da Itália, a emenda não passou da câmara, Sócrates então deixou o Brasil como um herói nacional e mais que isso, para os corintianos.

## ***Fim da Democracia Corinthiana***

O “*Campeão dos Campeões*” como seu hino entoava, chegava a final do campeonato brasileiro de 1984, como nunca tinha sido campeão, havia uma enorme expectativa de o clube levantar o caneco do nacional, com seu esquadrão imbatível ou quase isso... parecia que o momento político interferia na hora de jogar, o elenco corintiano não se entendia mais tão

bem, com a saída de Sócrates, o principal nome da linha de frente tinha abandonado o barco alvinegro. Casagrande foi emprestado ao rival São Paulo e com a debandada de outros atletas o movimento foi enfraquecido e não conseguiria se manter sozinho.

O publicitário Washington Olivetto, centrado em sua empresa W/Brasil também deixava de lado as obrigações corinthianas e assim a Democracia Corinthiana perdeu totalmente suas forças. O caixão da Democracia Corinthiana era fechado quando Adílson Monteiro Alves perdeu a eleição à presidência do Corinthians para Roberto Pasqua, todos os envolvidos no movimento eram dissolvidos aos poucos e vistos com maus olhos por dirigentes do clube, sendo assim difícil para eles voltarem um dia a ocupar qualquer cargo dentro do poderoso Corinthians.

Celso Unzelte comenta de maneira peculiar o fim deste movimento:

“Foi um movimento libertário, saudável, porque oxigena as ideias, debates, principalmente naquele Brasil que se vivia, naquele futebol meio autoritário e conservador, oxigenou muito a discussão do futebol, esse é um grande plano da Democracia Corinthiana. Um ponto contra foi que não conseguiu se manter sozinho, ela vivia muito em função do clima político que existia no país, quando a chapa do Adilson é derrotada em 85, isso coincide com a Nova República no Brasil. A própria Democracia Corinthiana foi dissolvida nesse meio. Acho que a Democracia abriu um espaço, poderia ter contribuído muito mais se os jogadores tivessem uma conscientização, os técnicos, e todo mundo que participa do futebol, então conseguimos pequenas concepções.”

## *O lado negro da Democracia Corintiana*

A Democracia Corintiana é um peso nas costas de muitas pessoas e quem discordava ou ainda discorda sofre forte pressão, e palavras nada amigáveis de seus fiéis defensores. O maior questionamento é se realmente foi uma democracia de fato? E assim pontos são colocados.

Emerson Leão, o goleiro que publicamente era um opositor ao movimento foi perseguido por diversas vezes, o próprio contratante dele, Adílson Monteiro Alves, foi um dos acusadores dentro do vestiário, que se ele tomasse gol na final de 83 sofreria na imprensa com fortes boatos inventados de uma possível entrega. Não era uma democracia de todos, existia um líder máximo que tomava as decisões pelas quais iriam votar, e dadas opções já vencidas pelos democratas corintianos.

Sócios do clube tinham que conviver com os atletas de seu time bebendo e fumando no bar do clube, mostrando total desrespeito por aqueles que financeiramente bancavam as estrelas corintianas durante seu movimento. Pregar uma coisa e fazer outras era típico dos majoritários que estavam à frente, por diversas vezes em reuniões no clube, era questionado se realmente existia uma democracia para todos ou só para benefício de alguns que ali estavam.

A entidade Sport Club Corinthians Paulista, conhecido como time do povo e de diversas lutas durante sua história, teria seu poder de mobilizar muitos fanáticos ao seguimento político, o time apoiar as diretas foi algo naquele momento visto como correto pelo grupo, mas o nome da instituição foi utilizado para fazer propaganda para políticos. No seu início em 1982, o Corinthians teve sua imagem usada para

fazer campanha para Lula, candidato a governador, o que nos olhos de alguns era redemocratização na verdade era uma lavagem cerebral para o Partido dos Trabalhadores. E assim muito dinheiro saía do clube sem explicação, para engajar campanhas políticas, para empresários e jogadores gastarem em uma considerada esbornia por jornalistas daquela época.

Podemos dizer que a Democracia Corintiana foi um movimento muito importante para a história do futebol mundial, para o Corinthians e para a história de luta social vivida durante o período que vigorou o Regime Militar no Brasil. Mas tudo tem dois lados, sua parte boa e a parte ruim, e interpretar os dois lados desta causa é o que realmente importa!

## ***Frutos e Efeitos da Democracia Corintiana***

Claro, que como qualquer movimento a Democracia deixou seu legado, muitos jogadores poderiam assim decidir depois disso baseado nas leis desportivas criadas, seu futuro, a escolha por algo maior na carreira, direitos trabalhistas dentro da sua profissão. Além disso, alguns dirigentes de outros clubes utilizaram alguns modelos de gestão de Adílson Monteiro Alves. Cruzeiro, Fluminense e Flamengo, analisaram a Democracia Corintiana para melhorar seu ambiente de trabalho. Um dos maiores efeitos da Democracia Corintiana foi o modelo de contrato para patrocínios, enquanto todos os principais clubes eram patrocinados pelo principal gestor financeiro do Campeonato Brasileiro, a *Coca-Cola*, o Corinthians tinha o maior contrato de patrocínio vigente na época com a *Cofap* e sucessivamente com a *Kalunga* e assim o carioca Flamengo entrou na onda para assinar com a *Lubrax*.

Os direitos de transmissão de jogos também partiram de uma ideia perdida já em tempos passados, mas que o Corinthians executou muito bem com essa nova forma de organizar o futebol. Algo negativo que o Corinthians colheu como um amargo fruto foi a facilidade na qual seu estatuto pudesse ser alterado, abrindo espaço futuramente para ditadores dentro do clube e crises tão intensas com seus novos influenciadores, como exemplo, Alberto Dualib e o afastamento da torcida organizada dentro do clube.

A Democracia Corintiana, amada ou odiada, correta ou não, foi um movimento muito intenso, mesmo que em pouco tempo útil de vida e estará com os opositores e seus defensores, eternamente... dentro dos nossos corações. Afinal o mundo é uma bola e precisa ser jogado com a vida e no esporte que todos nós amamos devemos lutar, pois no final seremos todos campeões!

*Cap. 8*  
*A redemocratização*  
*dentro e fora*  
*de campo*



**D**epois de 21 anos com militares ditando os rumos do país e um crescente desejo popular por uma democracia nos moldes do mundo ocidental, o movimento Diretas Já!, foi um dos marcos do início da década de 1980, também conhecida com a década perdida, por suas crises econômicas que assolaram a economia brasileira.

A promulgação de uma nova Constituição em 1988, considerada mais cidadã, indica mudança nos trilhos do país, afinal, se as regras mudam, o jogo muda.

A redemocratização foi lenta e com percalços, pois, Tancredo Neves, vencedor das eleições no Colégio Eleitoral e consequentemente eleito presidente da república, não resistiu para ver o longo processo e faleceu devido a um câncer, o que foi ocultado à época, levando seu vice José Sarney a ser empossado presidente.

Nessa história toda, o brasileiro passou de 1960 até 1989 para poder votar para presidente. Não é necessária nenhuma

análise mais profunda para saber que se trata de um duro golpe na vida democrática de um país, ainda mais quando este tem uma grande extensão territorial, grande população e um importante papel de protagonismo histórico no seu subcontinente, como o Brasil exerce na América Latina.

A incerteza da política brasileira acompanhou as quatro linhas. Talvez o pouco protagonismo da seleção nacional na segunda metade da década de 1980 tenha feito dessa fase da história nacional um período um pouco amargo e de nem tão boas lembranças. Crise financeira, que seria acompanhada de grande hiperinflação posteriormente, uma abertura política para a redemocratização com menos participação popular como foi exigido e uma geração de craques que não trouxeram um título mundial. Zico, Cerezo, Sócrates e Falcão não obtiveram êxito, porém, não é uma geração crucificada, ao contrário, é sempre reverenciada pelo bom futebol. Bom futebol, porém, sem troféus.

A partir de então o pensamento dominante, ou ainda ascendente à época, foi: “Bom futebol não ganha jogo. Para quê jogar bonito e perder?”

Foi parte dos questionamentos ao fim desta geração.

Fazer tudo conforme o planejado também não é garantia de vitória, mas as chances aumentam. Assim como praticar um bom futebol aumenta suas chances de vencer, mas como o Brasil quis embarcar na suposta “onda europeia”, de prezar pela parte tática e física em detrimento da técnica, as seleções e gerações seguintes mudaram sua identidade.

Estava na moda importar coisas da Europa... Que tal algo chamado de neoliberalismo?

Não basta importar um estilo de jogo, vamos importar uma política econômica!

Assim como não se considerou o fato de que alemães, italianos e ingleses tinham grandes jogadores a disposição e não eram máquinas humanas, meros robôs sem habilidade que jogavam de forma “quadrada” porque não tinham técnica, desconsiderou-se também que importar uma política econômica de um país desenvolvido, não te faz ser “Primeiro Mundo” também. Ao contrário, se não respeitadas as atipicidades de cada economia local, pode deixar o país em situação calamitosa economicamente.

Falando em situação calamitosa...Que tal ter de alterar várias vezes a unidade monetária para consertar erros econômicos e políticos?

E que tal propagar no imaginário popular brasileiro que jogadores europeus são “cintura dura”, como por exemplo, Beckenbauer, Maldini, Krol e alguns outros zagueiros nada habilidosos? Ou que nossa Seleção deve ser feita principalmente na base de um possível comprometimento tático?

As seleções de 1990 e 1994 tiveram muito menos destaques individuais que as anteriores, não por coincidência, mas por incutir na mente do brasileiro em que “jogar feio” e vencer é melhor que o futebol-arte derrotado no placar. E o brasileiro, acostumado com vitórias da Seleção Canarinho e carente delas, embarcou nessa.

Esqueceram-se que a Alemanha e Holanda de 1974 e Hungria de 1954 são exemplos de futebol bem jogado e que, ganhando ou perdendo, entraram para a história.

Em 1990 o Brasil tinha Careca, Silas e o então jovem Romário, mas a Argentina tinha Maradona, a Alemanha Matthaus, a Itália Maldini e Baresi, além do jovem Baggio. Talvez tenhamos ido longe demais. Sebastião Lazaroni nunca mais foi visto da mesma forma e Dunga só não trilhou o mesmo

caminho, pois conseguiu a redenção quatro anos mais tarde nos Estados Unidos.

O Brasil foi eliminado em 1990 para sua maior rival, a Argentina, que curiosamente não tem o Brasil como maior rival por motivos políticos (PALACIOS, 2015: 268 – 272), sendo sua maior rival a Inglaterra.

A mesma Argentina sagrou-se bicampeã do mundo em 1986, Copa do Mundo em que o Brasil caiu nos pênaltis para a França e marcou negativamente a carreira de Zico, que entrou na partida desperdiçando uma cobrança de pênalti. Embora tenha acertado nas decisões.

O futebol brasileiro estava tão carente de títulos e grandes resultados que o maior ídolo do esporte brasileiro foi durante um período o tricampeão da Fórmula 1, Ayrton Senna. Piloto que se arriscava na chuva, em curvas de alta velocidade e não à toa pilotava bem em Monte Carlo (Mônaco), circuito de rua cheio de curvas fechadas. Tinha uma boa imagem, ostentava a bandeira nacional e quando vencida tinha um hino próprio. Ainda hoje, mesmo com comentários negativos a respeito de sua extrema competitividade que põem em xeque sua fama de bom moço, sua personalidade se tornou mitológica no Brasil, acima de qualquer questionamento, tal como com Pelé. Senna não precisava de mais nada. Era o futebol quem precisava recuperar seu lugar de protagonismo concentrado e indivisível no esporte nacional.

Tomando partido de que se precisava fazer algo para futebol brasileiro recuperar seu prestígio frente ao seu povo, a modernização foi inevitável e transcendeu a esfera meramente técnica e tática, pois alguns anos antes da Copa de 90, ainda na Abertura Democrática, foi pensado em uma modernização estrutural, que acabou não sendo totalmente concluída.

## ***O Clube dos 13 e o desafio à débil hegemonia da CBF***

Logo após a redemocratização do país se consolidar em 1985, o país parecia que respiraria novos ares, mesmo com grande inflação abalando a economia brasileira, que levava a mudanças de preço constantes na aquisição dos bens e serviços.

À época era a própria CBF quem custeava as viagens e hospedagens dos clubes, o que tornava a situação calamitosa do ponto de vista financeiro para arrecadação deste investimento para a realização de qualquer competição.

Em meio a Década Perdida, a condição para a realização do principal campeonato nacional do “País do Futebol” era desesperadora, assim como a situação econômica dos próprios clubes, que até então desconheciam as diversas técnicas de marketing esportivo e tiveram que aprender na mais extrema necessidade de sobrevivência, para não chegar ao fundo do poço.

De ordem econômica: fracasso financeiro dos clubes, campeonatos deficitários, empobrecimento da população: tudo isso relacionado, de modo geral, ao fim do período do “milagre” econômico, ao adensamento da recessão no final dos anos 70, à inflação, enfim, ao que os economistas passaram a denominar de “a década perdida da economia brasileira”. De ordem social: aumento da violência e da insegurança nos estádios. De ordem político-administrativa: a interferência do Estado, através de uma legislação esportiva que não dava autonomia aos clubes e federações; os interesses pessoais e políticos dos diretores das federações, da CBF e de alguns

clubes; o paradoxo de haver dirigentes amadores administrando uma atividade cada vez mais profissional e comercial. De ordem técnica: a falta de grandes craques das décadas passadas (como Pelé, Garrincha, etc.), associada ao êxodo dos melhores jogadores em atividade para o exterior, tendo em vista o empobrecimento dos clubes. Tudo isso se refletia no progressivo afastamento dos torcedores dos estádios. (HELAL & GORDON, 2002: p. 46 apud HIRATA, 2013)

Após o campeonato brasileiro de 1986 a CBF entrou em uma profunda crise existencial. O presidente Octávio Pinto Guimarães declarou que a entidade máxima do futebol brasileiro não tinha recursos para organizar o campeonato de 1987.

Em meio a esse ambiente tumultuado nos bastidores da entidade, os clubes viram uma grande chance de tomarem as ré-

Dirigentes dos clubes na fundação do Clube dos 13 / Foto: ESPN (arquivo pessoal)



deas da situação. O pontapé foi dado por Carlos Miguel Aidar e Marcio Braga, presidentes de São Paulo e Flamengo respectivamente, que mobilizaram os chamados “12 grandes clubes do futebol brasileiro”, que pouco tempo depois teria a incursão do Bahia. Formando a União dos Grandes Clubes do Futebol Brasileiro, popularmente chamado de Clube dos 13 (C13).

Portanto, São Paulo, Palmeiras, Corinthians, Santos, Flamengo, Vasco da Gama, Fluminense, Botafogo, Grêmio, Internacional, Cruzeiro e Atlético Mineiro, organizaram, independentemente da CBF, o Campeonato Brasileiro de 1987.

Faltavam, entretanto, os patrocínios para o campeonato, a negociação dos direitos televisivos e, mais adiante, o aval da CBF — o que criou um grande problema que se estende até décadas seguintes sobre quem é o verdadeiro campeão daquele ano.

A CBF tentou manter seu *status quo* recorrendo à Fifa, presidida pelo brasileiro João Havelange.

Proni (1998, p.214) relata que a CBF, com os poderes que a FIFA lhe garantia, ameaçou desfilial os clubes que participassem desse campeonato e Helal (1997, p.88) complementa que os clubes que integrassem esse movimento estariam impedidos de participar de campeonatos em que houvessem filiados à FIFA, assim não poderiam excursionar, e o pior, seus jogadores ganhariam passe livre automaticamente. (HIRATA, 2013)

Com a utilização do marketing esportivo para conseguir organizar o campeonato, os patrocínios garantidos da Coca-Cola e da TV Globo, o dinheiro para o campeonato e sua divulgação foram conquistados, e o entrave da CBF não

resistiu ao poder político da principal emissora do país e de uma das principais marcas mundiais. Foi formada a Copa União!

A grande confusão criada por saber quem é de fato o campeão deste ano é o grande motivo pelo qual o C13 se enfraqueceu e perdeu seu prestígio político. Eurico Miranda, representando o C13 aceitou sem a permissão da entidade o cruzamento final entre os times da Copa União (denominado pela CBF de Módulo Verde) com os do chamado Módulo Amarelo, organizado pela CBF na tentativa de não perder totalmente o controle da situação e forçar o diálogo com os grandes clubes novamente.

A aceitação de Eurico criou um racha na nova entidade, que se resumiu em cuidar dos contratos televisivos após a Copa União de 1987, o que em 2011 levou ao seu final, com os mesmos clubes que o criaram, não concordando com o modo de negociação dos direitos televisivos para os Campeonatos Brasileiros dos anos seguintes.

Uma das grandes heranças da Copa União, os acordos contratuais cada vez maiores para os clubes, foi ironicamente o motivo da derrocada do C13, que — também ironicamente — envolveu a Rede Globo, que auxiliou na realização do campeonato em 1987.

A formação de uma liga no futebol brasileiro acabou não se consolidando por atritos políticos entre os próprios clubes, que tiveram a chance de se desvencilhar das garras da CBF e autogerirem seu próprio campeonato nacional. Poderiam a partir de 1987 terem consolidado um novo modelo de organização da liga nacional e se prepararem política e financeiramente para as mudanças que ocorreram no futebol mundial na primeira metade da década seguinte.

Apesar de se utilizarem de atributos proeminentes do chamado Futebol Moderno e da mercantilização do futebol,

a entidade surgida em meio ao caos de 1987 e que deu novos ares ao futebol brasileiro, acabou por deixar seu lado revolucionário e passou dialogar com as entidades, como foi o caso da organização do Campeonato Brasileiro de 2000, conhecido como Copa João Havelange, que longe do brilhantismo da competição de 1987, é uma competição que contornou um grande problema da CBF, pois teve de recuar na organização de um campeonato pela entrada de um clube na justiça comum, que foi o Gama.

Ao menos, a reestruturação das divisões do campeonato nacional foi uma pauta que acabou por se consolidando ao longo dos anos de redemocratização, desinchando o Brasileiro e criando mais divisões. Estava começando a modernização do futebol brasileiro, ao mesmo tempo inadiável e irretornável.

*É tetra!*

**“BAGGIO E TAFFAREL.  
VAI PARTIR, VAI QUE É SUA TAFFAREL!  
PARTIU, BATEU... ACABOU!!! ACABOU!!!  
ACABOU!!! É TETRA!!! É TETRA!!! É TETRA!!!...”**

Não precisa ser entendedor de futebol e nem ter vivido a época para saber que esta foi a narração de Galvão Bueno dos últimos instantes da Copa do Mundo de 1994, disputado em solo ianque.

Os gritos que soam desesperadores e aliviados ao mesmo tempo, é compreensível pela tensão do jogo. Uma final contra a fortíssima Azzurra, e numa disputa por pênaltis. A última Copa vencida pelo Brasil foi em 1970, ainda na Ditadura, e 24 anos depois a euforia precisava ser renovada... e foi!

Para o jornalista Bruno Formiga o início do futebol moderno no Brasil se dá neste período:

“Talvez seja a conquista da Copa de 1994. O fim do jejum veio com uma equipe extremamente organizada, fisicamente preparada e taticamente bem pensada. Não vivia no imaginário popular como um time de improviso e apenas talento.

Romário transgredindo as normas da ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil) após o pouso /  
Blog do Prósperi



Ficou para a história, apesar dos exageros simplistas, como um conjunto burocrático, que trocara a ‘arte pelo resultado.’”

A narração épica de Galvão Bueno tornou-se um dos grandes símbolos desta conquista, bem como a comemoração de Bebeto contra a Holanda, nas quartas de final e a enraivecida erguida da taça feita pelo capitão Dunga. Mas não podemos nos esquecer da volta para casa.

O presidente Itamar Franco presenteou a delegação com medalhas de Mérito Desportivo em Brasília, que contou com transmissão ao vivo na televisão. O Palácio do Planalto foi cercado por uma multidão ensandecida na Praça dos Três Poderes, que saudou os tetracampeões com grande entusiasmo.

Itamar, com prestígio político na construção do Brasil para um novo cenário econômico, recebeu o time tetracampeão, o que simbolicamente reforça a ideia de unidade nacional e de aprovação popular, deixando de vez para trás a sombra de Fernando Collor.

Em tese, o Brasil tinha um grande time para “jogar feio demais”. Romário, o craque indiscutível daquele time era o principal jogador do todo-poderoso Barcelona, comandado por ninguém menos que Johan Cruyff, curiosamente um dos grandes responsáveis pelas mudanças táticas de mentalidade que moldaram o famigerado Futebol Moderno. Era impensável cobrar um comprometimento tático em termos de marcação de Puskas, Pelé ou Di Stéfano. Mas é praticamente uma obrigação cobrá-lo de Neymar, Messi e Cristiano Ronaldo.

A concepção do “todo mundo ataca e todo mundo defende” do Carrossel Holandês é a Bíblia do futebol globalizado e modernizado. Seriam apenas flores, se essa globalização fosse apenas tática.



*Cap. 9*

*Modernização e  
Neoliberalismo:  
O futebol  
mercadológico*



**P**odemos dizer que o sociólogo alemão Alexander Rüstow, em 1938, foi o primeiro a classificar um pensamento que consistia em uma nova roupagem dos ideais liberais, e antes disso iluministas, que influenciaram a Revolução Francesa e se impôs como ideologia dominante num mundo ocidental cada vez mais dominador, como foi o Imperialismo do século XIX. O conceito foi classificado de neoliberalismo, e não poderia ser mais autoexplicativo.

Se foi denominado em 1938, Eric Hobsbawm (2012) aponta um cenário de decadência econômica mundial a partir de 1973, em que o neoliberalismo atua, sobretudo a partir dos anos 1980, de maneira mais intensa (HOBSBAWM, 2012: 398 - 399), quando ‘se sente muito mais à vontade’, pois a União Soviética já enfrentava seus próprios problemas econômicos e já se comportava como um pugilista que faz um oitavo *round* ruim e já sabe que não levará a luta por pontos e não tem forças para nocautear, e vê seu

rival com mais fôlego até o décimo round. A URSS “clinha” a história como pode, ao ponto de presenciar um massacre aos companheiros Sandinistas na América Central e não impedir o seu desmoronamento.

Enfim, em dezembro de 1991 expirou a cortina de ferro, e o neoliberalismo reina soberano e não tem adversários à altura. Nem a revolta em Chiapas em janeiro de 1994 foi capaz de interromper a nova agenda econômica global, assinada em 1989 no Consenso de Washington.

O *Consenso* [neoliberal] *de Washington* é um conjunto de princípios orientados para o mercado, traçados pelo governo dos Estados Unidos e pelas instituições financeiras internacionais que ele controla e por eles mesmos implementados de formas diversas – geralmente, nas sociedades mais vulneráveis, como rígidos programas de ajuste estrutural. Resumidamente, as suas regras básicas são: liberalização do mercado e do sistema financeiro, fixação dos preços pelo mercado (“ajuste de preços”), fim da inflação (“estabilidade macroeconômica”) e privatização. (CHOMSKY, 2002: 09)

A pergunta é: “Mas o que isso tem a ver com o futebol?”

Ora, essa ideologia que reina de maneira soberana no mundo tem um grande campo de atuação para sua nova mercadoria: O futebol!

Estádios modernos. Arenas que servem tanto para receber jogos da então Copa dos Campeões, quanto para receber shows do chamado rock de arena do U2. Quer um negócio melhor que esse?

Assim, não só é inaugurada em 1996 a Amsterdam Arena, como também uma nova era!

Pois bem, vamos embarcar na onda da intensificação da chamada globalização e levar a, agora, Liga dos Campeões para o mundo todo. Vemos que a torcida do Milan, Real Madrid e Barcelona são maiores que de tradicionais clubes brasileiros do grande polo econômico do país.

Sim. O Real Madrid tem mais torcida em São Paulo que a Portuguesa, Guarani ou Ponte Preta. Ou não?!

E assim como vende mais camisas também. Sobretudo infantis. E não vamos nem falar na audiência de jogos. Esse papo de “são apenas simpatizantes” já não serve mais, uma vez em que os torcedores de clubes europeus no Brasil acompanham as rodadas dos campeonatos nacionais do futebol do Velho Continente e consomem seus produtos e artigos esportivos. E muitas vezes, em detrimento dos brasileiros.

Flávio Prado comenta a situação desta “invasão” dos clubes europeus no mercado de artigos esportivos brasileiro:

“O Barcelona é o clube que mais vende camisa para crianças até 10 anos no Brasil. Vende mais que o Corinthians, Palmeiras, Santos, São Paulo, Flamengo. É um absurdo, é vexatório. O Corinthians tem mais torcedores cadastrados do que a Catalunha de habitantes.”

Esse fenômeno pode ser compreendido por uma série de fatores, dos quais o futebol brasileiro não pode se orgulhar. São fatores de diversas áreas, o que indica que ainda está longe do ideal, de como deveria ser a relação do povo com o futebol.

“Primeiro é a violência: O pai tem medo que o menino use a camisa do time que ele torce para não ser vítima de algum ataque na rua, não há uma estratégia de marketing, as marcas não são respeitadas, é tudo de qualquer jeito. Então, essa brecha está sendo tomada pelos times de fora”, analisa Flávio Prado.

O torcedor-consumidor já entrou em ação. Tudo é mu-tável nessa esfera do consumo. Jogadores, patrocinadores, a tradição dos uniformes e suas cores alternativas e até o patri-mônio maior do clube: O torcedor.

Celso Unzelte enfatiza o poder da mercantilização do fu-tebol de forma hegemônica:

“A gente vive um momento muito confortável para as ideias neoliberais, porque não há contestação de um oposito. Não só o poder constituído da televisão, ou tudo o que caracte-riza esse futebol mercantilizado de hoje, são instituições tão seguras que elas não veem sentido nenhum em ceder espaço.”

O torcedor agora é um grande e ainda potencial consu-midor, principalmente no início de século XXI, com o Brasil emergindo como potência econômica e com o êxito do neo-desenvolvimentismo.

Não se sabe ainda o limite do futebol mercadológico, oriundo das ideias neoliberais, o que nos faz refletir e até mesmo temer, assim como conta Unzelte:

“A gente vê muitas crianças torcendo para clubes do ex-terior, essa globalização já está transformando a relação das pessoas com o futebol, e eu temo que haja um momento em que todos os torcedores sejam simplesmente transformados em consumidores.”

Os planos de sócio torcedor, há tempos aplicados e consolidados na Europa, têm um nascimento e ao mes-mo tempo um *boom* tardio no Brasil. Assim como a maior aceitação pelas “camisas três”, uniformes alternativos com cores não convencionais, que depois do verde-limão pales-trino e a camisa roxa corintiana na década de 2000, todos os outros clubes ousaram, em maior e menor escala. Mas ousaram.

Com toda essa modernização e “neoliberalização” do futebol, podemos citar o aumento dos ingressos devido ao conforto das novas arenas.

O Brasil somente assimilou a modernização dos estádios e de grandes fatias de direitos de transmissão no período da Copa de 2014, e não à toa perdeu grande protagonismo no esporte. Se podemos relacionar uma grande parcela da perda do prestígio do campeonato italiano, o tradicional Calcio, por conta de estádios antigos aos novos padrões, por que não fazer tal relação com o futebol brasileiro?!

Mas uma coisa os brasileiros fazem bem, não é mesmo? Revelar grandes jogadores! O que também teve de ser revisto, mas por questões trabalhistas.

## ***FHC e o Plano Real***

Antes mesmo de adentrarmos no período que reconduziu o Brasil novamente de forma mais estável ao período democrático, com Fernando Henrique Cardoso, é preciso compreender a importância de sua chegada à presidência.

Com a morte de Tancredo e a posse de Sarney, trazendo os civis novamente ao poder, o país ainda não vivia muitas expectativas com relação a um futuro brilhante e de desenvolvimento nacional. O Brasil estava em transição e recessão.

A Década Perdida da economia fazia os preços de bens e serviços alterarem com facilidade, gerando a famosa hiperinflação. A moeda brasileira se desvalorizava cada vez mais frente ao dólar. Só durante o período de transição da Ditadura Civil-Militar, para a estabilização da economia com o Plano Real, o país vivenciou o fim do Cruzeiro em detrimento

do Cruzado, Cruzado Novo, Cruzeiro, Cruzeiro Real, URV (transição para o Real) e o Real, propriamente dito.

Aos que vivenciaram este período, não há nenhuma saudade da instabilidade econômica. Uma economia debilitada, o futebol desprestigiado e desacreditado, principalmente no que diz respeito à Seleção, uma transição que seguiu a risca a parte do “Lenta” no lema “Lenta, gradual e segura”. O presidente eleito não toma posse, assume o vice. Economia falida. Fernando Collor de Mello, a salvação da pátria, “o caçador de marajás”, decepciona o país no confisco das poupanças e teve o mandato impedido.

O caos estava estabelecido, mas algo precisava ser feito, não poderíamos viver um imbróglia político e econômico para sempre, afinal, somos o celeiro do mundo, não!?

Itamar Franco, vice de Collor, assume a presidência e trabalha na recondução da economia brasileira para um lugar de protagonismo. Obviamente muitos nomes são os responsáveis pela projeção do Plano Real durante toda a transição de alteração da unidade monetária, mas o sociólogo Fernando Henrique Cardoso foi uma das faces desse período e foi eleito pelos brasileiros para presidir a República pelo seu trabalho no Plano Real. Finalmente foi um presidente eleito que não só concluiu seu mandato, como foi reeleito. O último com essa façanha tinha sido Juscelino Kubitschek.

Com o fim da Ditadura e a estabilização da economia, o pensamento que os propagadores de uma nova ideologia (neoliberal) no mundo quiseram fazer pensar no Brasil, e de uma maneira geral na América Latina, é de que o Estado não cumpre seu papel social de garantir direitos básicos com qualidade com a função do bem-estar social. Devido às repressões ditatoriais burocráticas, o neoliberalismo se apro-

pria desta lacuna para fabricar a ideia de que o Estado é ineficiente e deve ser minimizado em detrimento das grandes empresas e corporações multinacionais.

Justifica-se, portanto, a falta de proteção de setores do mercado interno, reformas da Previdência e Administrativa e o que mais marcou negativamente este período do Governo Federal: A privatização de estatais.

O futebol brasileiro foi alcançado pela mesma doutrina econômica neste período, sendo um meio extremamente eficaz de propagação dessa política econômica.

Nesse período, até mesmo desde o governo Collor, houve um crescimento de políticas neoliberais a partir de privatizações. Bem como a estruturação do Ministério do Esporte como Ministério, de fato, e que no governo Lula teve a sua consolidação e grande protagonismo na preparação para sediar os megaeventos esportivos.

A mudança da legislação futebolística é o cerne da intervenção estatal no esporte durante a década como um grande divisor de águas.

## ***A Lei Pelé – As relações trabalhistas numa esfera Neoliberal***

A Democracia Corintiana foi uma ponta do iceberg que se chocou com o grande navio do futebol brasileiro. Os alvinegros do Parque São Jorge dialogavam com seus patrões para melhores condições de trabalho. Mas a Lei 9.615/98, conhecida popularmente como Lei Pelé, consolidou essa modificação da relação trabalhista de maneira drástica e permanente.

A Lei do Passe, que vigorava anteriormente, não permitia ao jogador selar seu destino como quisesse. Seu clube formador tinha seu direito até mesmo se o vínculo se expirasse e não houvesse interessados em sua compra pelo valor estipulado.

O jogador de futebol desfrutava de uma liberdade que anteriormente não tinha, no que diz respeito ao seu planejamento de carreira e em fazer a sua vontade de jogar onde lhe parecer melhor. O jornalista Flávio Prado ressalta os benefícios da Lei:

“[A Lei Pelé] Foi um avanço enorme, o jogador era escravo do clube e passou a ter uma situação diferente. A Lei é perfeita, o jogador tem que ser dono da vida dele, não pode ser propriedade de um clube de futebol.”

Um pouco antes da Lei Pelé, a tentativa de mudança na legislação esportiva se deu por meio da Lei Zico.

As transformações que a chamada Lei Zico produziu na legislação representou a necessidade de adaptá-la às exigências do mercado. O projeto Zico constituía a manifestação mais ostensiva plantada pelos clubes de rompimento explícito com o modelo que até então se tinha. Vinha com o intuito de atender, na sua formalidade, as principais reivindicações do Clube dos 13. Era um ataque frontal à CBF e às federações no sentido de retirar-lhes o poder político. Propunha que o colégio eleitoral da CBF fosse integrado pelos clubes da primeira e da segunda divisão e não somente pelas 27 federações. Propunha, ainda, a extinção do passe e a transformação dos clubes em empresas. (OURIQUES, 1999: 44)

Antes que a Lei Pelé existisse e entrasse em vigor, é preciso compreender de onde ela se origina e isentá-la de demonizações que não cabem a ela.

Unzelte conta que a aprovação da Lei sofreu interferências, senão do Estado, de quem o gerencia:

“Antes de tudo, a Lei Pelé, como todas as leis referentes a futebol, foi muito modificada, nós conhecemos o nosso Congresso, então entre o que foi aprovado e o que era proposto de início, há uma distância daqui na Lua.”

Em 1990 o meio-campista belga Jean-Marc Bosman se encontrava insatisfeito com a proposta de renovação de seu clube, o Liège, que propunha uma espantosa renovação com redução salarial de 75%, o que levou o jogador a preferir se transferir para o futebol francês. Como vigorava a antiga Lei do Passe, Bosman estava aprisionado a seu clube — mesmo com o fim do vínculo contratual — e entrou na justiça para mudar esta situação que era comum no esporte.

“Criou-se uma norma aqui no Brasil adaptando-se à ordem internacional. A Fifa foi obrigada a se render à decisão de uma corte internacional, e por isso surgiu a Lei Pelé”, conta Flávio Prado.

Cinco anos depois veio o veredito: Vitória de Bosman, e com ela uma série de mudanças nas relações trabalhistas futebolísticas. Qualquer jogador que esteja a seis meses de encerrar seu contrato pode assinar com o clube que preferir e sair sem pagar nenhum valor de transferência. Popularmente falando, sair “de graça”.

Após a Lei Pelé, o jogador tem a liberdade de negociar seu passe com empresários. Vender, por exemplo, 5% dos direitos de uma futura transferência ou até vender muito mais que isso, se assim preferir. O que fez surgir o termo pejorativo de “jogadores-pizza”, por ser fatiado por empresários e empresas de marketing esportivo.

Já ao clube cabia não ceder aos direitos do passe do atleta, pois uma vez perdido, ficaria de mãos abanando com uma futura negociação do futebolista. Embora a Fifa determine com o Mecanismo de Solidariedade que o clube deve ser resarcido se perder um jogador antes de se profissionalizar.

Agora, portanto, há os direitos econômicos e os direitos federativos. O primeiro é de quem detém as maiores “fatias” do jogador e pode escolher os rumos do atleta. O segundo é o direito contratual do clube inscrever o jogador na federação para a prática esportiva profissional.

O governo FHC presenciou a utilização eficaz do nome do jogador mais conhecido do país para legislar com algum tipo de autoridade sobre o assunto, no entanto, com certo grau de adequação ao que já estava sendo implantado no mundo todo, longe de qualquer pioneirismo. Primeiro, veio a Lei Zico, ainda em 1993, e depois a Lei Pelé, em 1998.

Fernando Henrique Cardoso credenciou Pelé como o seu ministro dos esportes e cabo eleitoral. Nessa condição, ele incumbe-se de desfraldar velhas lutas já tentadas por seu antecessor, Zico. A primeira quebrar a coluna da estrutura burocrática instalada na CBF e nas federações, a segunda transformar obrigatoriamente os clubes em empresas, negociar as mudanças na lei do passe e finalmente colocar-se como grande representante da chamada modernização esportiva nacional. Todas essas mudanças foram introduzidas no futebol europeu com uma participação decisiva do Estado e corporificavam as medidas mais avançadas utilizadas na sua modernização. O modelo europeu era algo almejado por setores empresariais nacionais que viam, nestas modificações, elementos essenciais para a alteração da ordem

política no futebol brasileiro e para a ampliação do seu domínio no mercado. (OURIQUES, 1999: 45)

O pioneirismo, que sempre parece fazer parte de um grande sentimento saudosista e até mesmo nacionalista, dos que garantem à Lei Pelé sua vanguarda no movimento de “libertação” dos jogadores de futebol, normalmente são as mesmas pessoas que o defendem de não ser o culpado pelas transformações das “relações de afetividade” entre clube e jogador. Como também não é, embora já tenha tecido críticas à sua própria Lei.

As relações sociais cada vez mais transformadas para uma forma quantitativa e, segundo os mais críticos (como o teórico polonês Zygmunt Bauman em sua concepção de Modernidade Líquida), fica difícil vivenciar o sentimento de lealdade de um jogador para com uma instituição de maneira praticamente incondicional, quase que vitalícia.

É difícil, mas longe de ser impossível, como Marcos e Rogério Ceni, que abrindo mão de muitas propostas mais vantajosas financeiramente e — em alguns momentos até profissionalmente — permaneceram fiéis aos seus clubes, Palmeiras e São Paulo, respectivamente. Portanto, nenhuma liquidez de relações transformadas pode abalar o amor e a gratidão incondicional de muitos jogadores como Giggs e Scholes (Manchester United), Totti (Roma) e Lahm (Bayern de Munique). Jogadores que, se não forjados em meio ao famigerado Futebol Moderno, vivenciaram-no em suas muitas nuances de extrema mercantilização do esporte, ao ponto de transformar-se em um jogo mercadológico.

Um ponto extremamente controverso da Lei Pelé, foi a transformação dos clubes em empresas. Os clubes não são

mais as mesmas entidades que cumpriam um papel esportivo e até recreativo no início do século XX.

No fim das contas, A Lei Pelé sacramentou o enfraquecimento do poder soberano dos clubes e passou a emergir os grandes empresários da bola como detentores de grandes lucros e grande poder de negociação, juntamente com o *boom* das empresas de marketing esportivo. Os clubes passaram a, se não ficar nas mãos de empresários por problemas de gestão, criados pelos próprios clubes, ter que negociar grandes percentuais de direitos econômicos e comissões em transferências. Nas categorias de base, se os agenciadores do jogador não concordarem com a estrutura, salário ou tempo de contrato, levam o jogador para outro time.

Bruno Formiga chama atenção para a mudança de poder que a Lei trouxe:

“A Lei Pelé é criticada por ter dado muito poder aos empresários e tirado dos clubes a premissa de ‘ter’ os jogadores. Talvez esse seja o grande ponto de desequilíbrio. A mudança tornou os jogadores muito mais ricos e os times muito mais vulneráveis.”

As relações de poder no futebol foram modificadas e podemos fazer tal relação com os Estados Nacionais que perderam prestígio e alguns faliram, sobretudo após 2008 (com a crise estrutural do sistema capitalista oriunda do setor imobiliário) com grandes somas nas mãos de bancos e investidores, que se não concordarem com políticas de governo, impostos diminutos sobre seus lucros e com compra de títulos de dívidas públicas — algumas sem nenhuma auditoria —, retiram seus investimentos e levam para outro país.

Em ambas as esferas a prática da chantagem é comum e o presidente do clube, no caso futebolístico, e presidente da

república ou primeiro-ministro, no caso político, já sabem o que lhes espera no poder.

Ainda nessa relação Política-Futebol, podemos dizer que os jogadores estão para o futebol como o capital está para a política. São, em muitos casos, apenas números, cifras milionárias (ou não), que se valorizam e se desvalorizam, e que são levados de um lado para o outro.

E os trabalhadores, os cidadãos, são como os torcedores. Pagam altos impostos para pouco Estado de bem-estar social e altos preços de ingressos, respectivamente, para um futebol que pode não condizer com o preço cobrado. Em ambas as esferas podemos perceber uma elitização.

Os cidadãos com seus serviços públicos sucateados são obrigados a pagar o privado, um convênio médico ou uma escola particular. Os torcedores que não possuem grande renda mensal são obrigados a pagar (algumas vezes caro — também) para acompanhar seu time em setores mais modestos dos estádios. E mesmo assim, têm grandes dificuldades de acompanhar assiduamente o futebol das arquibancadas, que também podemos usar a palavra consumirem, pois os clubes ainda obtêm grande parte de sua receita do público pagante de seus jogos.

Unzelte salienta a elitização do futebol como algo contraditório:

“Hoje é um tempo que se fala muito em experiência, que a gente vende experiência. E uma das experiências é estar num estádio de futebol, é sentir o cheiro da grama, é ser levado pela mão junto com o pai. Às vezes o Futebol Moderno se esquece dessas experiências, ‘gourmetiza’ essas experiências, elitiza essas experiências... muito triste, isso não é democrático.”

É importante identificarmos como o período de mudança na cultura futebolística ao longo dos anos 1990. E se a Copa de 1994, nos Estados Unidos — um país sem grande tradição no esporte — dava indícios de que o futebol estava mudando, em 1998 ele já estava parcialmente mudado, já globalizado.

### ***Ronaldo, um astro global. Três a zero, uma derrota também global.***

Ronaldo foi um dos jogadores pioneiros em ser ao mesmo tempo um craque e uma celebridade do futebol globalizado. Do futebol globalizado! Pois isso não representou nenhuma novidade ao futebol, até porque George Best, Maradona, Pelé e outros grandes jogadores já eram especialistas nas duas áreas antes do Fenômeno.

O atacante da Inter de Milão era um astro global, candidato a melhor jogador da Copa de 1998, e acabou sendo assim eleito, embora tenha sido contestado se foi de fato, em detrimento das ótimas atuações de Zidane.

Em 1998 o Brasil passou certa preocupação para seus torcedores ao perder para a Noruega na estreia e pela polêmica nos bastidores pelo corte de Romário, que poderia ter condições de jogo na fase mata-mata. Apesar desse imbróglio e do revés na estreia, a Seleção se superou ao longo da competição e chegou com propriedade à final após vencer a fortíssima Holanda nos pênaltis.

Que o Brasil tinha um grande time e era desde o início da competição um dos favoritos, não se discute. O que não sai da memória dos que vivenciaram as horas anteriores que antecederam a final contra a anfitriã — e também fortíssi-

ma — França, e o que é contado às novas gerações que não vivenciaram, carrega sempre o sentimento de frustração e de não aceitação da derrota. Nada anormal num país ensinado a amar Copa do Mundo pela política, até mesmo os que não gostam de futebol.

O jovem atacante Ronaldo, o Fenômeno, e já realidade do futebol europeu, era o principal destaque do selecionado verde-amarelo, e seu estado de saúde horas antes do jogo final da competição fez com que desse entrada em um hospital.

A história contada popularmente, carregada de um pouco de conspiracionismo, é de que o Brasil entregou o jogo aos franceses para sediar uma Copa do Mundo novamente.

Barthez; Thuram, Desailly, Leboeuf (no lugar do suspenso Blanc) e Lizarazu; Deschamps, Petit, Karembeu, Zidane e Djorkaeff; Guivarc'h.

Vieira entrou ao longo da partida. Os azuis ainda tinham Pirès e os jovens Henry e Trezeguet. É difícil imaginar que um time como esse precisou de um acordo para ser campeão.

Às vezes a resposta mais simples pode ser a verdadeira. As expectativas do Brasil, do mundo e da maior fabricante de material esportivo puseram sobre os ombros de um atleta de 21 anos de idade uma pressão insuportável, seu sistema nervoso entrou em parafuso, ele teve uma crise nervosa, uma crise de ansiedade, e sua boca espumou. A fabricante de material esportivo fez pressão para que ele fosse escalado, mesmo que para andar em campo, porque o tinha transformado no garoto-propaganda para a final? As pessoas que sabem falam pouco a respeito. (JENNINGS, 2014: 45)

Ronaldo daria lugar a Edmundo na escalação inicial. Era o que constava no time liberado para a imprensa pouco antes da partida. Há quem diga que nunca saberemos o que realmente aconteceu. Ou já nos foi falado e costumamos a acreditar que o Brasil foi realmente engolido pela França somente pela técnica e pelo lado psicológico. O que é extremamente justificável.

O próprio brasileiro, que diz não discutir futebol, política e religião, arruma conotações políticas diversas para explicar o porquê o time brasileiro foi dominado pelo francês, assim como também aconteceu em 2006, mas nenhuma hipótese de compra de resultados é levantada.

Aos que acreditam numa interferência da corrupção neste resultado, apegam-se ao fato de que em 1996 o presidente da CBF Ricardo Teixeira, assinou um contrato milionário com a Nike, (que passou a vigorar em 1997) que é a mesma empresa patrocinadora de Ronaldo. No entanto, não é a em-

Ronaldo sendo consolado após a final

Foto: Esporte ao Minuto (© Reprodução / YouTube / FIFATV)



presa patrocinadora dos eventos Fifa (Adidas), que é a mesma que patrocinava o time francês em 1998.

Com política ou sem política envolvida no placar... França 3, Brasil 0.

## *Copa de 2002 e o pentacampeonato*

Em meio à derrota de 1998 e o pentacampeonato de 2002, aconteceu uma situação embaraçosa no futebol brasileiro. Na verdade, duas grandes situações.

A primeira foi a não realização do Campeonato Brasileiro de 2000 pela CBF, impedida de realizá-lo. O Gama, que seria rebaixado, entrou na justiça comum contra o descenso, pois o rebaixado seria o Botafogo, que ganhou pontos da partida contra o São Paulo, que utilizou de Sandro Hiroshi no confronto, jogador que alterou a identidade. Para piorar, o campeonato só terminou em 2001, pois no jogo decisivo entre Vasco da Gama e São Caetano, o alambrado de parte do estádio São Januário caiu, interrompendo a partida.

A outra bomba veio da CPI instaurada para investigar dirigentes da CBF, incluindo o então presidente Ricardo Teixeira, que acabou prestando esclarecimentos ao Congresso Federal. A CPI acabou sem nenhuma punição e sem relatório final.

Em campo, levando em conta a dificuldade do Brasil em se classificar para a Copa do Mundo disputada pela primeira vez na Ásia (Coreia do Sul e Japão), e que a Argentina foi quem impressionou nas Eliminatórias, a Seleção Canarinho não chegou com o posto de maior favorita.

Ronaldo, o maior nome do esporte no país, sofreu grave lesão no tendão patelar, que o tirou meses dos gramados e

levou a questionamentos sobre seu final precoce de carreira. E Romário, que seria o grande nome, foi deixado de fora por Luiz Felipe Scolari, coberto de críticas.

O que parecia desastroso para o Brasil, logo abriu outro cenário.

Portugal, com uma geração tida como de “ouro” fracassou na primeira fase, assim como a Argentina, quase perfeita nas eliminatórias. Bem como a atual campeã França, que também caiu na primeira fase — sem fazer nenhum gol —, de mãos dadas com o bicampeão Uruguai, no mesmo grupo.

O Brasil com suas dificuldades com seleções que surpreenderam como a Turquia e a Bélgica, conseguiu avançar até a final, passando também num jogo tenso contra os ingleses. A história da final é bem conhecida. O jogador-estrela que foi taxado de pipoqueiro quatro anos antes, e que quase teve de encerrar a carreira por conta de grave lesão, fez os dois gols contra a desacreditada Alemanha.

As polêmicas arbitragens desta Copa faz com que os argumentos dos que acham que houve algo de estranho em 1998, tenham novos exemplos. Italianos e espanhóis saíram da competição enraivecidos com a arbitragem, ambas as seleções eliminadas pela surpreendente anfitriã Coreia do Sul. No entanto, o próprio brasileiro que levantar novas suspeitas sobre a França, deve-se lembrar do pênalti inexistente em Luizão, que deu a vitória ao Brasil contra a Turquia, logo na estreia da competição. Os comentários sobre manipulação de resultados sempre existirão enquanto houver derrotados.

Para a existência de uma interferência do dinheiro acerca da veracidade do resultado, é necessária uma política no mundo do futebol que o controle e que o financie. Tal como

as grandes empresas esportivas que financiam o futebol e propagam o neoliberalismo através dele.

A partir do momento em que a Seleção Brasileira passou a ter um alto contrato com a fornecedora esportiva, foi o momento em que passou a ficar um pouco mais distante do brasileiro, principalmente por realizar muitos jogos fora de seu território, e ter na escalação jogadores que atuam em grande parte fora do país. Uma perceptível interferência da mercantilização do futebol, em detrimento do dinheiro dos financiadores do jogo. O gol da vitória do neoliberalismo.

Ricardo [Teixeira] assinou o papel e entregou o controle do futebol da Seleção Brasileira a uma fábrica de calçados esportivos estrangeira.

Os norte-americanos [...] compraram o direito de escolher os jogadores para a Seleção Brasileira e dizer ao time contra quem poderia jogar, onde e quando. (JENNINGS, 2014: 44)

Um dos fatos mais memoráveis sobre 2002 só foi realizado pela prática que adotou Vargas, no passado. Fernando Henrique Cardoso recebeu o time pentacampeão em Brasília, e o volante Vampeta, que anos depois confessou estar embriagado na ocasião<sup>1</sup>, deu uma cambalhota na rampa do palácio presidencial.

“Todo presidente é populista. Todo político usa o futebol, como o Mussolini usava e o Hitler usou as Olimpíadas de

---

1 <http://torcedores.uol.com.br/noticias/2016/11/vampeta-sobre-cambalhota-no-planalto-em-2002-logico-que-eu-estava-bebado>



Vampeta dando cambalhota em Brasília / Foto: REUTERS / Jamil Bittar

Berlim para se popularizar. O Fernando Henrique recebeu a Seleção. Não entendia nada futebol”, afirma Flávio Prado.

Nada como uma conquista de Copa do Mundo para esquecer que a modernização do futebol já estava em curso e os clubes brasileiros não estavam acompanhando. E esquecer da CPI sem relatório final envolvendo dirigentes do alto escalão do esporte brasileiro.

Na política, troca de presidentes com grande perspectiva de crescimento econômico, com a prática do neodesenvolvimentismo e economia estável. Bem diferente na conquista do último título mundial, em 94, quando pairavam incertezas.

## *O Futebol Globalizado*

“Como entretenimento, é ótimo. Como paixão, pertencimento, cultura, é péssimo. Porém, é um movimento que não tem volta. Isso aconteceu durante décadas com as regiões norte e nordeste, obrigadas a ver transmissões do eixo Rio-São Paulo. O resultado disso foi um futebol enfraquecido e escanteado por muito tempo.” Bruno Formiga

O processo de globalização, que se intensificou no fim do século XX, pode ser compreendido como uma grande sucessão de mudanças de muitas décadas e até séculos. O aparente encurtamento geográfico que o advento da internet e outras tecnologias proporcionaram, mudaram radicalmente a forma das relações sociais e a conexão entre diferentes culturas.

A globalização é uma realidade presente, que se manifesta nos planos econômico, político e cultural, a partir de uma aceleração do intercâmbio de mercadorias, capitais, informações e ideias entre vários países, ocasionando uma redução das fronteiras geográficas. (BARBOSA, 2014: 08)

O futebol, que está inserido profundamente na sociedade e é parte integrante de diferentes culturas, como é a brasileira, não passou despercebido pela globalização, o que deixou marcas permanentes não só no esporte em si, como na maneira de se relacionar, torcer, e de seu aspecto cultural.

[...] nos anos 1990, times bascos, orientados por técnicos galeses, abasteciam-se de jogadores da Holanda e da Tur-

quia; equipes da Moldávia importavam nigerianos. Subitamente parecia que, para onde se olhasse, fronteiras e identidades nacionais tinham sido varridas para a lata de lixo da história. (FOER, 2005: 08)

A partir deste período, equipes brasileiras tiveram ídolos estrangeiros que marcaram gerações, o que seria impensável em outros tempos em que o Brasil demonstrava mais autossuficiência em craques. Tévez, Conca, Gamarra, Valdivia, Molina, Lugano e outros tantos jogadores, foram em alguns (ou vários) momentos do futebol brasileiro globalizado, peças-chave para suas equipes brasileiras conquistarem títulos importantes e se tornarem ídolos.

As principais competições do mundo futebolístico, entretanto, se encontram nessa nova era do futebol concentradas no Velho Continente, e juntamente com esta concentração dos olhares do mundo todo, está o efeito reverso. Uma espécie de imposição cultural futebolística de forma mais branda, apresentando um entretenimento de altíssimo nível em contrapartida. Hoje as marcas dos clubes europeus são globais, ultrapassaram as fronteiras nacionais e podemos ver equipes europeias de um porte mediano com torcida considerável em todos os lugares do mundo.

Todo esse fenômeno não só tem relação com o futebol brasileiro, como também o molda.

A criação de arenas, o aumento de sócios torcedores, a valorização das marcas através de contratações e contratos publicitários, direitos televisivos com contratos milionários, são só algumas das mais perceptivas formas de influência que o futebol brasileiro incorporou da cultura esportiva europeia.



*“O nível de jogo [do futebol europeu] é muito mais alto. Aí você olha os horários dos jogos. Um garoto que tem de 6 a 12 anos, a hora que vai gostar de futebol ou não, vai para a escola de manhã, levanta cedo. Chega da escola e vai ver o jogo da Champions League, Barcelona versus Arsenal. Jogo maravilhoso, corrido. Aí ele torce para o São Paulo. Chega à noite e o jogo é às 22h, ele tem que levantar cedo, mas se esforça e começa a ver. Jogo horrível, num nível baixo, campo feio. Ele vai dormir.*

*“E no dia seguinte os amigos dele fizeram o mesmo processo, viram o jogo à tarde e se empolgaram, e no jogo do time dele foi dormir. Ora, esse menino vai torcer para o Barcelona! Ele usa a camisa do Barcelona, vê o jogo do Barcelona e gosta, e para piorar os times brasileiros não participam do FIFA, então esse menino também vai jogar vídeo game com o Barcelona.” Flávio Prado*

Podemos tomar por um exemplo cruel e que gera muito saudosismo, para explicar como a globalização causou uma mutação no gene do futebol brasileiro.

Os principais craques brasileiros não jogam aqui por mais de quatro ou cinco temporadas, até que um clube, que não mais necessariamente europeu, e não mais necessariamente grande ou gigante — ou até mesmo famoso — oferece valores astronômicos para levar o jogador embora. Afinal, qualquer dirigente de clube asiático pode ter acesso a jogos do campeonato brasileiro via internet.

Com isso, surge o dilema saudosista: “Não se fazem mais jogadores com amor à camisa como antigamente”. E juntamente com esta afirmação, normalmente, vem um enraivecido discurso contra o “Futebol Moderno”. Muitas vezes sem ao menos defini-lo.

O futebol virou sim, mais do que nunca, um produto, um entretenimento, um espetáculo, e ao que tudo indica é um caminho sem volta, um fenômeno global, que é preciso compreendê-lo como um reflexo de um momento político-histórico e o florescimento de uma nova ordem global, uma ordem sobretudo econômica.

O preço que se paga por uma transferência de um jogador de futebol é assombroso e seria unimaginável dizer que um futebolista valeria algo na casa dos 100, 200 milhões de reais na década de 1980. A modernização e a globalização do futebol representam a inserção do neoliberalismo no futebol.

Paga-se não só pelo custo-benefício do jogador em campo, como também pelo seu potencial e o quanto pode gerar de lucro em termos de títulos, publicidade, bilheteria, novos torcedores (neste caso um valor imaterial, que se torna material, pois os torcedores consomem — e muito), e que faz parte

do mercado da bola e os seus valores cada vez mais estratosféricos no investimento.

Com isso, os empresários, os donos do dinheiro e fonte de investimentos, tem um grande aliado para se relacionar com os clubes, o capital, inclusive tornando-se donos de muitos deles como já ocorreu com gigantes do futebol mundial como Inter de Milão e Milan.

No mundo da bola, os empresários têm proximidades com os clubes e fazem muitos negócios, mas, como relata Prado, o poder deles é limitado:

“Os empresários entram nos clubes porque os dirigentes dos clubes são desonestos e facilitam a vida deles, para que eles possam ser, na verdade, receptores do dinheiro a ser dividido com os dirigentes. O empresário não é dono do clube.”

A modernização do futebol não trouxe somente efeitos negativos, assim como não era o Futebol Antigo. Qualquer brasileiro com acesso considerado de qualidade boa de sinal de internet, televisão aberta e — principalmente — por assinatura, consegue acompanhar um campeonato nacional europeu de boa qualidade. E se opor a isto significa se opor ao acesso cultural que qualquer brasileiro tenha ao rock, jazz, flamenco, ou a própria música clássica, gêneros musicais tradicionais e importantes em outros lugares do globo, e difundidos pelos mesmos meios de comunicação em que se acompanha futebol (internet, rádio, televisão).

E da mesma forma como o acesso aos diversos gêneros musicais estrangeiros não “estragou” ou “apagou” a cultura brasileira, como se pensava com temor em meados do século XX, o futebol brasileiro também não perderá sua identidade por conta da globalização cultural e principalmente a globalização futebolística.



*Cap. 10*

*O populismo  
e o futebol  
em uma nova  
dimensão*



**N**a mesma onda de seu antecessor na presidência, Luiz Inácio Lula da Silva foi um grande propagador de políticas neoliberais, embora em menor escala, e longe de ser admitido por seus defensores. Para citar um exemplo, os lucros do setor bancário foram expressivos desde o ano de 2003 até 2010. E seguiu assim também nos anos posteriores ao de 2008, inclusive batendo recordes.

Assim como Vargas, Lula utilizou demasiadamente o futebol para melhorar sua imagem política, desenvolver seu próprio estilo populista, utilizando sua origem operária, nordestina e como presidente do povo. Lula sempre foi um torcedor incontido de um dos maiores clubes de massa do país, o Corinthians, o mesmo que — provavelmente — tenha sido o único clube possível para a propagação das ideias da Democracia Corintiana.

Antes mesmo de ser uma das figuras mais controversas da política brasileira e ser alvo de investigações no âmbito

federal envolvendo esquemas de corrupção, protagonizou feitos inacreditáveis para um presidente sem instruções acadêmicas como seu antecessor FHC, como argumentava seus críticos, e sem a fama de bom moço que teve Fernando Collor em sua ascensão até sua queda.

O plano econômico adotado foi denominado de neodesenvolvimentista, assim como de outros governantes que ascenderam ao poder na América Latina no mesmo período, como Néstor Kirchner e, posteriormente sua esposa, Cristina Kirchner.

Definindo de maneira objetiva, o neodesenvolvimentismo, como sugere o nome, traz uma nova roupagem ao desenvolvimento posto em prática no Brasil nos anos 1950 — proeminentemente no período conhecido como “50 anos em 5”, de JK. Portanto, o intervencionismo estatal, o fomento em vários setores da economia nacional, como por exemplo, na exportação de *commodities*, aliaram-se ao assistencialismo e ações afirmativas, como a política de cotas raciais em universidades, para compor este período presidencial.

Isto posto, está é a base em que o governo Lula também propagou o futebol através política na primeira década do século XXI.

Torcedor apaixonado do Corinthians, o ex-metalúrgico já ostentou o manto sagrado alvinegro publicamente sem receios. Não fica somente no âmbito esportivo tal prática, uma vez em que as pesquisas quantitativas da época sempre colocaram o Timão como a segunda maior torcida do país.

O carisma sempre foi parte presente da personalidade do presidente Lula, assim como sua boa oratória de convencimento, que além dos acordos políticos, foi peça importante para alçá-lo ao posto mais alto da República.

Não somente pelo período expressivo de oito anos em que ficou na presidência, mas pelo carisma e pela forma de se relacionar com o esporte, Lula teve uma grandiosa projeção internacional, sendo bem avaliado até mais em outros países — como na Argentina — do que no Brasil em alguns momentos.

Em 2007, no início de seu segundo mandato fez todo o esforço possível para que o Brasil pudesse ser o anfitrião da Copa do Mundo de 2014. À época o país em crescimento econômico não dispunha de estádios e estrutura necessários para angariar essa competição em seu território.

Advertido pela Fifa de que teria que construir novos estádios ou praticamente refazer os já existentes, o Brasil começou um grande plano para a construção de uma estrutura “Padrão-Fifa”.

Teixeira e Lula fazendo a propaganda da Copa do Mundo de 2014 / Ricardo Stuckert



Desde o início, os motivos para se trazer novamente a Copa do Mundo para o Brasil, foi um assunto polêmico e com muitas análises diversas, Flávio Prado, no entanto, é categórico ao analisar o tema:

“Não se trouxe a Copa do Mundo para o Brasil por populismo, se trouxe por roubo, tanto a Copa como as Olimpíadas. Para roubar com obras.”

O Corinthians, time de Lula, desde que rompeu em 2008 com o rival São Paulo e resolver não mandar mais seus jogos no Estádio do Morumbi e levando em conta que a Fazendinha ficou pequena demais há décadas e que o Pacaembu é um estádio que não pertence ao clube, embora se sinta em casa, resolveu construir sua própria arena, modernizar-se, até porque isso se fez necessário. Foi rebaixado pela primeira vez para a segunda divisão em 2007, sem dinheiro e sem patrocínio, se viu obrigado a se reinventar.

“O que motivou essa volta do Corinthians foi justamente o fundo do poço. Quando se está no fundo do poço e não tem mais para onde ir, se apoia lá em baixo e sobe. Foi tardio, não foi tão profissional como deveria ser, muito dependente do Ronaldo como um *case* isolado”, diz Unzelte.

A modernização deste período que passou o Corinthians foi inspirada no sucesso do rival São Paulo, que levou o Palmeiras e se reorganizar e ter sua própria arena e voltar a ser protagonista nas principais competições.

Ter um novo estádio não sugere uma mudança de filosofia de jogo, o futebol brasileiro, portanto, seguiu o tortuoso caminho das más gestões e se encontrou, no que diz respeito ao nível técnico — e não só isso —, anos luz atrás dos gigantes europeus. Diferença nunca vista antes, e muito preocupante.

“O material humano continua sendo muito bom no Brasil, só que não tem gestão. Quando não tem gestão, não tem filosofia de jogo. Não tendo filosofia de jogo, o cartola incompetente, amador, ladrão, vai colocando figuras para que elas sejam aparatos da incompetência dele, aí ele vai trocando de treinador. O treinador, até para se defender, joga pelo resultado. Jogando pelo resultado, o jogo é feio. O resultado é o empobrecimento técnico e tático do jogo”, analisa Prado.

O jornalista conclui a respeito do tema dizendo: “A desculpa de que o europeu tem mais dinheiro não ‘cola’, porque o futebol brasileiro tem muito mais dinheiro que todo o resto da América do Sul, e os times brasileiros são eliminados da Libertadores precocemente quase toda hora. Incompetência!”.

Um ano antes da eleição para decidir a sede da Copa do Mundo, o Brasil chegou de maneira arrasadora para disputar mais uma Copa do Mundo e conseguir um bicampeonato na Alemanha em 2006. A seleção canarinho venceu em 2005 a Copa das Confederações batendo a dona da casa e a rival Argentina, com quem disputou a liderança das eliminatórias até o final.

Talvez, o legado mais positivo para o Brasil após esse torneio foi Ronaldo se tornar o maior artilheiro de todas as Copas do Mundo, o que cairia por terra anos mais tarde e de forma catastrófica, quando Klose deixou sua marca nos 7 a 1 no Mineirão.

Com grande favoritismo e desempenhando bom futebol com o “quadrado mágico” de Carlos Alberto Parreira, formado por Ronaldinho (duas vezes seguidas melhor do mundo), Kaká (que no ano seguinte seria eleito o melhor), Adriano (no auge da carreira) e Robinho (ainda tentando convencer no futebol europeu), que seria substituído pelo Fenômeno na Copa da Alemanha.

Que o Brasil se impôs sobre os adversários mais fracos tecnicamente e chegou em pé de igualdade para jogar com a França nas quartas de final, é a parte bela da história.

Repetindo a apatia de 1998, o time brasileiro assistiu Zidane mais uma vez mandar e desmandar em campo. Uma atuação decepcionante, que marcou o fim de medalhões como Cafu, Dida, Roberto Carlos e Ronaldo da Seleção.

Somente depois do fracasso, é que grande parte da imprensa brasileira e dos torcedores percebeu o quanto estávamos ficando para trás com relação a outras seleções, sobretudo europeias. Falou-se em renovação como há muitos anos não se falava. Todos, com raras exceções, compraram a ideia de que precisávamos de uma Seleção comprometida com a camisa e com o comprometimento tático, em resgatar o orgulho pela camisa amarela.

Dunga, capitão de tetra, foi o escolhido para comandar o Brasil na África do Sul, com um discurso convincente até na prática, quando na Copa América de 2007 vários medalhões ficaram de fora, embora alguns retornaram gradualmente, e outros não totalmente como no caso de Ronaldinho.

O Brasil se sagrou campeão da Copa América apresentando um grande futebol, contra outras seleções também em reformulação e soube em poucas semanas que teria mais sete anos para se preparar para a sede da Copa do Mundo de 2014. Um megaevento, um espetáculo mundial.

Em pouco tempo, um país que havia saído de um regime militar ditatorial e se encontrou anos depois em grande hiperinflação, estava com a economia estabilizada, uma imagem positiva mundialmente e no bloco dos países emergentes, o BRICS. Obviamente isso não foi fruto exclusivo de uma política econômica do período do governo Lula, foi uma suces-

**“O LULA NÃO FINGIA QUE GOSTAVA DE FUTEBOL, ELE SEMPRE GOSTOU MESMO.” FLÁVIO PRADO**

são de políticas econômicas que se fizeram necessárias para sair do caos da hiperinflação através do Plano Real, com a mudança da unidade monetária.

Todas as sucessões de práticas políticas permitiram o Brasil sediar o Pan 2007, a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Lula, Orlando Silva, então ministro dos esportes, e Ricardo Teixeira, foram os grandes cabos eleitorais para a conquista da sede de 2014.

O Pan-americano (e Parapan) de 2007, Olimpíadas (e Paralimpíadas) de 2014, os Jogos Militares de 2011 são exemplos de que o Brasil teve uma economia sólida e uma grande diplomacia, regozijando de uma boa imagem no exterior, caso contrário, não teria obtido sucesso na realização desses megaeventos. Sem contar a Copa do Mundo de futebol (e a Copa das Confederações como evento teste), nosso foco maior.

## ***O Estado e o Futebol na era globalizada***

Para a realização de uma Copa do Mundo é necessária a intervenção e o aval estatal para a construção e para toda a

parte logística de suporte para a realização de um evento de tal proporção.

A realização da Copa de 2014 desde o início dividiu opiniões acerca de sua natureza beneficiadora para a população. Os principais propagadores do lado positivo do evento sempre ressaltaram o “legado da Copa”, como por exemplo, estações de metrô que não foram entregues nem nos anos seguintes à realização do evento. Um prato cheio para os críticos.

Levando em conta que o Brasil é um aspirante ao bloco de países desenvolvidos e não é de se negar que ainda tem problemas em áreas como a saúde e a educação, o investimento alto para a realização da Copa foi proeminente.

No ano de 2012 tivemos a aprovação da Lei Geral da Copa, que garantia formalmente à Fifa todos os requisitos exigidos para a realização do torneio. Algumas dessas exigências privilegiaram a entidade de certos deveres convencionais.

Na esteira da extensa renúncia fiscal imposta pela FIFA ao governo brasileiro para a realização da Copa das Confederações de 2013 e da Copa do Mundo de 2014, sacramentada pela Lei n. 12.350, de 20 de dezembro de 2010, e regulamentada pelo Decreto n. 7.578, de 11 de outubro de 2011, e em razão da qual deixará a Nação de cobrar da FIFA, seus prestadores de serviços, parceiros etc., diversos tributos, como por exemplo, IPI, II, Cofins-importação, PIS/PASEP-importação, IRRF, IOF, CSLL, CIDE, entre outros, surge no cenário jurídico nacional a chamada Lei Geral da Copa, Lei n. 12.663, de 5 de junho de 2012 [...] (BOMFIM, 2012)

O valor divulgado após o torneio a respeito do custo dos estádios indica R\$ 8,3 Bilhões<sup>1</sup>. Sem cortar o valor de todas as outras obras relacionadas ao torneio, que se somadas chegamos à conta de R\$ 25,5 Bilhões<sup>2</sup>. O “Padrão Fifa” saiu mais caro que o previsto no início, pois o valor que seria investido em estádios era de 5,4 bilhões de reais.<sup>3</sup>

O que vale ressaltar é a propaganda envolvida, que fez com que a aceitação popular fosse grande para a realização do evento, o que levou o grupo de favoráveis a se voltarem contra o grupo do “Não vai ter Copa”.

Apesar do alto investimento na realização da Copa e com a crise econômica que assola o país nos anos seguintes a 2014, o que se propagou foi o sucesso total do evento. Mesmo após o término da competição, a propaganda continuou trabalhando na causa. “Copa das Copas” foi o lema a se referir à organização do evento, mesmo com o vexame brasileiro no Mineirão, perdendo de 7 a 1 para o selecionado alemão na semifinal. Qualquer pessoa que saiba, ainda que minimamente, de como propaganda política interferiu no futebol brasileiro ao longo da história, tem a prudência de analisar o *slogan* pós-evento “Copa das Copas” e contestá-lo, seja pelo argumento esportivo, político, econômico ou social.

Todos os *slogans* criados para o futebol brasileiro são passíveis de contestação, pois carregam consigo fortes conotações nacionalistas, que podem se tornar perigosas se usadas

---

1 <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2015/01/governo-divulga-valores-finais-da-copa-r-83-bilhoes-em-estadios.html>

2 <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-12/tcu-contabiliza-r-255-bilhoes-de-gastos-com-copa-do-mundo>

3 [https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/25/economia/1385384409\\_505409.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/25/economia/1385384409_505409.html)

de uma maneira radical. Alguns têm objetivos propagandísticos com finalidades políticas, na intenção de fazer com que se acredite em uma verdade. Assim, podemos utilizar a expressão *Fabricação do Consenso*.

As manifestações de caráter político contrárias a realização da Copa foram relegada ao plano do vandalismo, podendo até mesmo serem enquadradas em uma legislação própria para a repressão de atos com presença de tática *black block*. A Lei Antiterrorismo serviria tanto para reprimir manifestações não pacíficas, como para preparar o país não habituado ao terrorismo, para um megaevento global.

## ***Bom Senso F.C. e o reavivamento de antigas ideias***

“Trouxe reflexão e o debate. Na prática, pouca coisa mudou. Mas os protestos e o fato de haver uma organização de classe serviram (e serve) de alerta.” Bruno Formiga

Dentre vários objetivos, estava o de contestar o poder hegemônico da principal emissora televisiva do país, detentora dos direitos de imagem dos principais campeonatos dos times brasileiros, e assim surgiu uma movimentação encabeçada por jogadores experientes e de pensamento crítico aguçado. Alex e Paulo André foram os principais nomes do Bom Senso F.C.

“O que tivemos no futebol de mais próximo da Democracia Corintiana, ainda que muito longe, foi o Bom Senso. Só que o Bom Senso não confrontava o *status quo*, ele propunha um acordão com o neoliberalismo, tanto que a pauta do Bom Senso falava em um futebol melhor para todos, e para o pró-

prio capital. Não era um movimento libertário como foi a Democracia Corintiana”, afirma Unzelte.

Como um movimento que surge para dialogar com o poder instituído e burocratizado, tem suas principais forças minadas com o tempo. Perde pela resistência.

Celso Unzelte lamenta o rumo e a ausência de um legado do movimento:

“Em última análise o Bom Senso não era um movimento de contestação, era mais um movimento de conciliação. E ainda mais decepcionante saber que mesmo não contestando, só pedindo uma conciliação, o Bom Senso não tenha conseguido nada porque o poder constituído hoje se sente muito forte, não se sente ameaçado, não tem motivos para ceder.”

Nem mesmo a Copa do Mundo de 2014 foi suficiente para alavancar a fama e o poder de alcance do Bom Senso F.C., que tinha como uma das pautas a mudança de horário dos jogos de meio de semana, por entender ser um horário ruim para os torcedores que vão ao estádio, jogadores, e por que não, para os torcedores que acompanham pela televisão e tem seus afazeres logo pela manhã do dia seguinte.

Flávio Prado analisa o Bom Senso de forma ampla, justificando a contestação a partir de problemas sociológicos do país:

“O Bom Senso foi ótimo, com ideias claras. O Paulo André lembra muito o Sócrates nas ideias, na concepção. Só que ele não teve apoio nem sequer da mídia. A mídia entende que nós temos uma cultura escravagista. Então essa filosofia não foi nem aceita pela imprensa, que deveria ter caído de cabeça nisso... tinha o apoio de 0,1% dos jogadores, até os mais miseráveis eram contra.”

A falta do que podemos chamar de consciência de classe para os jogadores de futebol, não é uma exclusividade deles,

ao contrário, muito mais um reflexo de toda a sociedade passiva aos desmandos seja do poder político ou econômico. O que assusta é a falta de apoio que encontram ideias que não querem revolucionar, mas apenas dialogar. O futebol brasileiro torna-se um ambiente hostil a mudanças, ao mesmo tempo em que necessita delas.

As mudanças não aconteceram, até porque os comandantes não foram mudados, e se foram, continuando exercendo seu poder sobre os atuais cartolas, servindo como “testas de ferro” em nome da manutenção de poder e do aparelhamento do futebol brasileiro nas mãos de antigos, e ainda atuais, grupos políticos.

## *Mineirazo*

**“O BRASIL COMEÇOU TOMANDO ESPAÇO, BRIGANDO PELAS BOLAS E AGORA OLHA OS ALEMÃES JOGAREM... E LÁ VÊM ELES DE NOVO, OLHA SÓ QUE ABSURDO!”**

Essas foram as palavras que proferiu Galvão Bueno instantes antes do quinto gol alemão na semifinal da Copa de 2014. Não só conta a história do jogo que foi comparado ao fracasso de 1950, sendo apelidado de *Mineirazo* (em alusão ao Mineirão, estádio do fatídico jogo), como também conta como o futebol brasileiro parou no tempo no que diz respeito a sua política, tática e técnica.



Equipe alemã comemorando um dos sete gols da goleada em 2014 / Foto: Fifa

Antes, “tomando espaço e brigando pelas bolas”, hoje, “olha os alemães jogarem”.

“Não mudou nada, não houve o menor movimento depois de o Brasil perder de 7 a 1 para a Alemanha em casa, e depois do jogo onde o massagista dava instrução, nos 3 a 0 contra a Holanda. Trouxeram o Dunga de técnico”, lamenta Prado.

O abismo que separa o futebol brasileiro do europeu é visível pelos confrontos dos times nos Mundiais Interclubes. Isso quando os brasileiros não caem precocemente.

O Brasil sempre continuará sendo um grande exportador de jogadores, e tendo grandes seleções, por isso o 7 a 1 espanta, pois uma diferença grande de gols é esperada no confronto entre um time brasileiro e um time de destaque do Campeonato Alemão, e não entre as seleções.

Sobre a Copa de 2014 dentro de campo, no final das contas a melhor explicação possível acaba sendo a mais prática.

Müller, Klose, Kroos, Kroos, Khedira, Schürrle, Schürrle... Oscar.

A respeito do modo de comando do esporte no país e o seu formato de competições, também no que tange à organização, dizem muito a respeito do atraso em que se encontra, como veremos a seguir.



*Cap. 11*

*Os coronéis  
da bola: A  
influência  
direta da  
política  
através do  
esporte*



“O futebol é conservador, é reacionário, e alguns fazem até questão de mantê-lo assim, porque fica mais fácil a dominação. Embora seja ao mesmo tempo um campo muito fértil para a discussão de ideias.” Celso Unzelte

O futebol, não só o brasileiro, mas mundial, economicamente está nas mãos de práticas neoliberais. Diminuição do tamanho do clube em detrimento do poder empresarial, o torcedor sendo visto de forma mercadológica, como um mero consumidor e os jogadores como uma grande fonte de renda empresarial para investimentos.

Se por um lado o futebol brasileiro economicamente é uma mercadoria em que se investe para faturar alto, o seu lado político não traz novidades em relação às décadas passadas.

O conservadorismo com que o futebol brasileiro é comandado se reflete nos poucos presidentes das federações estaduais, CBF e os próprios clubes.

Se tomarmos como exemplo dois clubes de massa do futebol brasileiro, Corinthians e Vasco da Gama, percebemos dinastias nas presidências dos clubes.

Se somados os mandatos do trio Vicente Matheus, Wadih Helu e Alberto Dualib encontra-se quase um período de 40 anos de poder no Corinthians, quando a instituição não era sequer centenária.

Já no Vasco da Gama, Agathyrno Silva Gomes, Antonio Soares Calçada e Eurico Miranda, também somam quase quatro décadas de cartolagem.

A prática da continuidade no poder sempre foi legitimada em grande parte dos clubes que vivenciaram este fenômeno, pelos próprios estatutos, as constituições dos clubes.

Os donos da bola do futebol brasileiro se perpetuam no poder, e quando impedidos de sentarem em seus tronos de majestades futebolísticas — sempre pela força da lei, devido a escândalos de corrupção — deixam seus pupilos tomarem conta dos negócios e manter toda a estrutura de poder. Praticamente uma família. Praticamente algo hereditário e arcaico.

Os chamados coronéis da bola mostram todo seu poder político nas federações. A Federação Tocantinense, como exemplo, tem Leomar de Melo Quintanilha a frente da entidade desde a criação da federação, em 1990.

Unzelte remete o coronelismo no futebol brasileiro à décadas passadas, sobretudo ao ambiente conservador criado pela Ditadura Civil-Militar:

“A principal herança maldita (do Regime Militar) é essa estrutura feudal, conservadora, hereditária em alguns casos, presidentes perpétuos.”

Para definir o coronelismo no futebol, utilizaremos as mesmas definições com que é utilizado na política.

Um traço marcante da significação que Leal dá ao coronelismo é o paternalismo. Favores como emprego público aos aliados, assim como a sonegação de direitos aos adversários, resvalando para a ilegalidade [...] (MARTINS et. al., 2011: 391)

Podemos utilizar definições de diversos dicionários, livros e artigos que tratam diretamente do assunto. Ficaremos, no entanto, com as características que são comumente listadas na maioria dos estudos, fazendo uma correlação com o futebol brasileiro através de uma característica que se torna primordial na gerencia do esporte no país: “a não adaptação às regras da convivência democrática” (CARVALHO, 2001 apud MARTINS et.al., 2011: 394), que se pode encarar como dinastias no comando do poder de clubes, federações e confederação, tal como um alto grau de intocabilidade.

José Maria Marin, ex-presidente da CBF, só deixou de comandar a confederação por ser preso na Suíça com acusações de corrupção<sup>1</sup>, coisa que nunca ocorreu com ele no seu próprio país. Nem um pequeno julgamento, que seja. Tampouco a contestação de Marin presidir a entidade máxima esporte número um do Brasil e ter sido aliado da ditadura, sendo vereador e deputado estadual por São Paulo.

A relação da política com o futebol é ainda mais estreita, como conta Flávio Prado:

“A CBF comprou muito o judiciário. Você não faz ideia da força que tem um ingresso do jogo da Seleção Brasileira numa Copa do Mundo. E um juiz, um desembargador e família, bancados pela CBF, num hotel cinco estrelas. Isso vale sentenças. E aí se mantêm no poder via corrupção.”

---

1 <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2015/05/policia-faz-operacao-surpresa-e-prende-funcionarios-da-fifa-por-corrupcao.html>

O futebol brasileiro carrega uma estrutura paternalista. Ricardo Teixeira, que abandonou a barca da CBF em 2012 em meio a escândalos de corrupção que envolviam seu nome, chegou a tal posto devido ao seu então sogro, João Havelange. Havelange comandou a Fifa por ininterruptos 24 anos, e exerceu grande poder sobre a CBF nesse período. Afinal, o presidente Ricardo Teixeira foi alçado ao poder da CBF pelas mãos de Havelange.

Seja nos grandes clubes do futebol brasileiro, que deveriam encabeçar uma mudança na estrutura de poder do esporte para algo mais democrático, com alternâncias de poder, sem a utilização dos famosos “testas de ferro”, como também nas federações, um seleto grupo de pessoas comanda o esporte e decide sobre o seu destino.

Os clubes não são agentes de mudanças no panorama político, muito por conta de se satisfazerem com grandes fatias de direitos televisivos e contratos publicitários. Assim como em questões sociais, o poder econômico não só se sobrepõe como também dita a linha política de sua época e lugar.

A propagação de ideais econômicos e políticos através do futebol, talvez, carregue uma perversidade ímpar, pois mexe com a paixão e os sentimentos por uma instituição clubística, que tem o poder de levar um torcedor a não racionalizar consequências em detrimento do amor à segunda pele.

Essa perversidade pode não ser tão desumana como a perversidade que o poder estatal relega a população menos favorecida economicamente e não consegue ter acesso à educação e alimentação básica de qualidade. Porém, o poder de utilizar o que seria taxado como lazer e secundário, embora envolva um grande sentimento afetivo, mostra a verdadeira face dos interesses corporativos do mundo do futebol.

Juntamente com a ‘corporativização’ do futebol vieram escândalos de corrupção atingindo altos escalões de cartolas esportivos, uma vez que a corrupção é inerente a uma forma de poder que se exclui qualquer tipo de oposição e novos modelos de gestão.

Ou você se lembra dos adversários para eleições de clubes e federações brasileiras que apresentaram uma proposta de gestão diametralmente oposta e tiveram voz para se expressar? Ou tiveram expressividade nas próprias eleições em que concorreram?

Formiga tem sua posição clara a respeito dessa estrutura política:

“O futebol é um reflexo da política. Até porque o sistema acaba sendo muito parecido. As mudanças precisam vir nos estatutos, com a profissionalização dos dirigentes (incluindo presidentes) e limitação de mandatos — o que a ex-presidente Dilma já tinha conseguido com a imposição de tempo para reeleições. Além disso, importante abrir cada vez mais o processo de eleição para mais torcedores. Na CBF, a forma de escolha também colabora para a manutenção. Os clubes têm o poder, mas não usam. Viram reféns por conveniência.”

Nesta divisão em três partes da utilização do futebol como propaganda no Brasil, sendo a primeira de Vargas até o golpe militar de 1964, a segunda do regime militar, e a terceira no período democrático mais longo da história brasileira, percebemos que é justamente neste terceiro período em que o futebol tem menos a ação estatal por meio da propaganda e da fabricação de lemas no imaginário popular, e mais a influência e o domínio dos conchavos políticos de décadas passadas que ainda controlam o futebol nacional. Grupos políticos estes que têm como seu mestre o ex-presidente da Fifa João Havelange.

“A ESTRUTURA DO FUTEBOL NÃO MUDOU TANTO DOS ANOS 30 PARA CÁ, CONTINUA NA MÃO DE CORONÉIS, EURICO MIRANDA NO VASCO, MUSTAFÁ CONTURSI NO PALMEIRAS, SÃO DINASTIAS. O ESPAÇO QUE SE CONSEGUIU, INFELIZMENTE, É MUITO MENOS POR MOVIMENTOS POLÍTICOS COMO A DEMOCRACIA CORINTIANA, E MUITO MAIS PELA FORÇA DO CAPITAL.” CELSO UNZELTE

## *O marketing esportivo a serviço da política futebolística*

Na década de 1990 as empresas de marketing esportivo ganharam destaque no mercado do futebol, fazendo parceria com clubes e entidades. Uma das mais proeminentes empresas desse ramo foi a ISL (International Sport and Leisure), uma empresa suíça fundada pelo proprietário da Adidas, Horst Dessler, cuja empresa de material esportivo é a patrocinadora oficial dos eventos Fifa desde a Era João Havelange no comando da federação.

A ISL foi à bancarrota em 2001, com uma dívida de US\$ 300 milhões<sup>2</sup> e com suspeitas com relação à legalidade de suas ações. Segundo o jornalista escocês Andrew Jennings (2014, p. 32), a empresa era parceira da Fifa em troca de lucrativos contratos de patrocínio e de direitos de televisão relacionados à Copa do Mundo.

Mais uma vez podemos nos perguntar: “O que isso ter a ver com o futebol brasileiro?”

Ricardo Teixeira e João Havelange são acusados de receberem propinas da ISL, assim como outros importantes dirigentes da Fifa, que levou Jennings (2014, p.33) a chamar de “a maior história de corrupção no mundo esportivo de todos os tempos.”

As empresas de marketing esportivo, como a ISL, propagaram a ideologia neoliberal no futebol mundial durante os anos 1990. Por um lado elas se apresentavam como grandes soluções para os problemas financeiros de muitos clubes e entidades, e na prática, as entidades que mergulharam na corrupção, se aliaram aos setores mais conservadores e autoritários do esporte mundial para lucrar com o recebimento de propinas e diversas práticas ilícitas envolvendo fraudes e lavagens de dinheiro.

No Brasil, a ISL foi parceira do Flamengo, e quando chegou ao fim o acordo, deixou o clube em situação calamitosa financeiramente devido a grande dívida, repassada aos clubes parceiros após a falência da empresa.

O fracasso da parceria levou o Rubro-negro a ter dificuldades para se manter na elite do futebol nacional. O dinheiro da

---

2 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/17168-a-falencia-da-isl-entenda-o-caso.shtml>

ISL, que deslumbrou o Flamengo a trazer reforços de renome mundial, desapareceu, deixando a conta a ser paga pelo clube. Bem como as práticas neoliberais em países subdesenvolvidos. No primeiro momento o discurso é de que se conseguiu muito investimento estrangeiro para a economia local, o que se revela na prática, entretanto, é a socialização dos prejuízos, seja da forma do desemprego, desigualdade social, desmatamento ou catástrofes relacionadas à natureza, como o desastre na cidade de Mariana-MG em 2015, em que o Estado não interveio adequadamente.<sup>3</sup>

O Grêmio foi outro clube brasileiro afetado pela parceria com a ISL, e não se deu tão bem com o fim da parceria, acabando rebaixado para a segunda divisão nacional em 2004, com um time muito aquém do que havia montado durante a parceria.

As parcerias de legalidade duvidosa ainda têm muitas barreiras para superarem até saírem as investigações no Brasil, e mais ainda as punições, o que faz os brasileiros terem predileção e mais esperança no aparato jurídico de outros países, com leis menos brandas para a ilegalidade na prática da cartolagem esportiva.

Flávio Prado dá um exemplo em que o Brasil ficou para trás nas investigações de possíveis ilegalidades:

“Quando foi feita a CPI da Nike e da CBF, o Ricardo Teixeira foi indiciado em 19 processos, a maioria morreu no nascedouro. Agora vamos ter uma depuração no futebol brasileiro, porque o FBI, o mesmo que prendeu o Marin, vem forte. Tem um monte de processos contra um monte de car-

---

3 <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/11/houve-negligencia-diz-mp-sobre-rompimento-de-barragens-em-mg.html>

tolas daqui do Brasil, só que eles não podem ser extraditados pela lei brasileira.”

## ***Premier League: Um modelo a ser seguido?***

“Não acredito em modelo pronto para nada, o modelo da Premier League serviu para a Inglaterra. É claro que ele tem que ser uma base. Nós temos que criar nossa cultura. Seria implantável, e é necessário.” Flávio Prado

O campeonato brasileiro de futebol não tem o mesmo prestígio internacional que as ligas europeias, até as de médio porte como a russa e a escocesa e de outros continentes como a estadunidense Major League Soccer.

A internacionalização do campeonato brasileiro passaria por uma remodelação profunda desde quem cuidaria da sua organização, direitos televisivos e a independência dos próprios clubes em se organizarem.

“Os clubes tem o poder. E precisam usar. Mas há um problema na lei também. Aqui a transmissão precisa ter o ‘ok’ dos dois clubes. No mundo quase todo quem negocia esse direito é o mandante. Isso já facilitaria muito as coisas por aqui”, conta Bruno Formiga.

O Brasil que se intitula o País do Futebol, tem um importante campeonato nacional, com times muito tradicionais, mas que não expandem e internacionalizam sua marca. A organização de um campeonato brasileiro em forma de liga, descentralizando as estruturas de poder hegemônicas criadas pelas federações estaduais durante décadas em conjunto com a CBF, permitiria um sistema de negociação das cotas de direitos

transmissivos mais equilibradas, como é o modelo da Premier League, onde 50% se divide igualmente, 25% é distribuído de acordo com o resultado obtido, e outros 25% de acordo com a audiência de cada clube.

“A Primeira Liga foi uma boa ideia, mas que passou a ser comandada pelos mesmos de sempre. Cria uma liga com um CEO (até mesmo alguém de fora, da Major League Soccer), a CBF é milionária, pega esse dinheiro e traz para a Liga. Acaba com as federações e pega profissionais competentes para apresentar projetos”, idealiza Prado.

A Primeira Liga, anteriormente chamada de Copa Sul-Minas-Rio, surgiu da união dos maiores clubes da região Sul, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. A competição que seria inicialmente uma reedição da Copa Sul-Minas, contou, porém, com insatisfação de alguns clubes com o modelo e a gerência dos campeonatos estaduais, como foi o caso do Fluminense.

Com brigas internas e disputas de força com as federações estaduais, como a do Rio de Janeiro, e a discussão sobre a legitimidade da competição perante o calendário da CBF, a Liga acabou não tendo o prestígio que poderia ter logo no seu início.

Unzelte reflete sobre a dificuldade de se alavancar um campeonato nacional nos moldes europeus no Brasil:

“Os clubes não precisam nem se conscientizar, porque eles têm consciência da força deles. O problema é que quem gerencia os clubes é ‘farinha do mesmo saco’ de quem gerencia as federações e confederações. Em tese os clubes de futebol não precisariam de federações para nada. Federações são cartórios ultrapassados, atravessadores. A Liga inglesa funciona muito bem a partir do momento em que

se tornou liga mesmo. Os clubes brasileiros não fazem isso porque não querem.”

A estrutura completamente hierarquizada em que os próprios clubes não contestam, emperram qualquer tipo de debate aberto na formação de uma liga nacional independente do sistema consolidado pela CBF.

A violência nos estádios ingleses antes da fundação da Premier League era famosa mundialmente e fez escola em vários lugares do mundo, o pouco apelo popular internacional a respeito do futebol praticado pelos clubes ingleses também era um dos entraves para a mundialização do campeonato da Terra da Rainha.

O grande obstáculo inglês do *hooliganismo* não foi totalmente vencido, assim como o coronelismo na gerencia do futebol brasileiro possa não ser, mas será certamente controlado e velado, o que não o torna menos perigoso, ao ponto de poder existir uma organização mais democrática na estrutura política do futebol canarinho.



*Cap. 12*

*Outros casos  
notáveis de  
utilização do  
futebol com  
finalidades  
políticas*



**P**olítica e futebol existem no mundo todo, e a junção dos dois também não é somente à moda brasileira. Antes de Vargas dar o pontapé inicial nessa junção entre futebol e política, que tornou nosso futebol uma grande propaganda nacionalista, Mussolini já utilizava o futebol na Velha Bota com a mesma finalidade.

## ***Europa Central e Leste Europeu***

O time do coração do líder do fascismo italiano era a Lazio, que até hoje se pode fazer uma estreita relação entre ser uma das torcidas Ultras com maior número de ocorrências de saudações e bandeiras nazifascistas e torcedores com práticas racistas nos estádios, com ser o time preferido de Benito Mussolini.

Paolo Di Canio, ex-atacante da Lazio, tinha o hábito de comemorar seus gols com a saudação fascista.

O companheiro de nazi-fascismo do *Duce*, Adolf Hitler, tinha preferência pelo Schalke 04, da cidade de Gelsenkirchen, um clube até hoje de grande torcida e de torcedores de origens das classes operárias. Uma preferência estratégica para popularizar uma ideologia política, levando em conta que o *Führer* não era tão chegado em futebol.

“O futebol foi utilizado [como propaganda] pelos fascistas na Itália, com o Mussolini, quando a Itália foi bicampeã do mundo. Na Alemanha nazista menos, porque o Hitler não gostava de futebol, mas, sim, temos o caso do Schalke 04 em Gelsenkirchen, que é justamente a cidade em que o partido nazista também tinha muita força”, relata Unzelte.

Portanto, o fenômeno nem tão recente de torcidas europeias apoiarem das arquibancadas ideologias como o neonazismo ou o comunismo — em grande parte do Leste Europeu — podemos associar como uma propagação da política no futebol. Uma vez em que o Leste Europeu ao longo século XX teve a predominância de países com economia socialista e, contrapondo, a incursão de ideias nazistas com o ucraniano Stepan Bandera sendo um dos mais proeminentes propagadores do nacionalismo de caráter radical.

## ***Espanha Franquista***

Talvez o mais proeminente e polêmico dos casos europeus de utilização do futebol como propaganda política seja na Espanha presidida pelo general Francisco Franco. O Real Madrid era o time preferido da coroa espanhola, a começar pelo nome “Real”, mantido em meio ao fim da monarquia sucedida pela proclamação da Segunda República Espanhola

(1931-39), como forma de demonstração de apoio à coroa. Regozijava da bênção presidencial para a obtenção de melhores resultados.

Santiago Bernabéu, o homem que dá nome ao estádio do clube merengue, foi presidente do Real no período franquista e um grande aliado político através do esporte. O Real Madrid representava a Espanha Franquista e o pentacampeonato europeu serviu de propaganda política do *Generalísimo* para controle social. Uma vez em que a Espanha começava a entrar em um isolamento político e econômico por conta do seu regime ditatorial.

Neste caso, vale destacar o outro lado. O Barcelona, que, assim como o Real Madrid institucionalmente tinha sua preferência política desde antes da ditadura de Francisco Franco. O clube até hoje apoia o separatismo catalão, uma pauta política historicamente de caráter progressista, e durante a Guerra Civil Espanhola (1936-39) apoiada por socialistas, o lado perdedor da guerra.

Cruyff, um jogador com um senso crítico diferenciado, foi o grande símbolo do Barça no período franquista. Não somente pela importância tática e técnica, e sim porque estabeleceu uma filosofia para o clube catalão. O Barcelona vitorioso de sua época serviu para o aumento da autoestima do orgulho e resistência catalã, que só eram permitidos serem expressos nos estádios. E não eram os únicos a restringirem aspirações ou expressões culturais somente nos estádios. “Durante o regime franquista, o Athletic Bilbao e o Real Sociedad eram os únicos espaços em que o povo basco podia expressar seu orgulho cultural sem ir para a cadeia.” (FOER, 2005: 09)

O astro do Barcelona Johan Cruyff, não defendeu a seleção do seu país na Copa do Mundo de 1978, na Argentina. A

versão mais contada é de que não atuou por conta da ditadura de Videla, já que o Holandês Voador foi um crítico de regimes ditatoriais. No entanto, se Cruyff não jogou a Copa de 1978 realmente por motivos políticos, nunca teria atuado pelo Barça na Espanha franquista. A versão oficial é a de que o meio-campo não atuou em 1978 para ficar com sua família, que sofreu um ameaça de morte em um assalto um ano antes da competição.<sup>1</sup>

## ***A Copa de 1978***

A Copa de 1978 na Argentina é polêmica desde a escolha do país para sediar o evento, pois, em meio a uma ditadura repressiva, e pelo seu nível de perseguição política, podendo ser considerada a mais repressora da América Latina, pelo número de mortes, prisões e técnicas de torturas diferenciadas dos outros países latinos.

O regime precisava de uma aprovação, uma unidade popular para poder encobrir as violações de direitos humanos e manter o *status quo*. Ao mesmo tempo em que almejava seu primeiro título mundial.

Os rivais Uruguai e Brasil já tinham dois e três títulos mundiais, respectivamente. Sem contar a importância do bicampeonato olímpico para a seleção celeste.

Já a maior rival da Seleção Argentina, a Inglaterra, já tinha seu título de campeã do mundo. Esta rivalidade que tomou grande proporção por razões políticas anos depois na Guerra das Malvinas (1982).

---

1 <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2016/03/24/johan-cruyff-morre-aos-68-anos-apos-luta-contra-cancer.htm>



O capitão Daniel Passarella com a taça da Copa do Mundo / Foto: El Gráfico nº 3064

A maior controvérsia envolvendo o resultado obtido em campo pela seleção *albiceleste*, foi a presença do general Videla no vestiário peruano, no polêmico jogo em que a Argentina precisava vencer por quatro gols de diferença e conseguiu seis, para jogar a final contra a Holanda.

No mesmo instante dos jogos, em diversos centros de detenção e tortura, os atarefados torturadores ouviam os gols com um radinho de pilha enquanto aplicavam choques elétricos nos prisioneiros. A grande maioria dos argentinos

não se preocupou com os rumores que corriam naqueles dias sobre “*los desaparecidos*”. Eles queriam “*ganar el Mundial*”. Além das negociações na reciclagem de estádios e da preparação do evento, a Copa de 1978 foi também a grande chance para o regime tentar “limpar” a imagem no exterior. A Ditadura distribuiu centenas de milhares de adesivos com os dizeres [...] (“*nós, argentinos, somos direitos e humanos*”), um trocadilho para indicar que os direitos humanos estavam supostamente sendo respeitados no país. (PALACIOS, 2014: 274)

Passar a imagem de um país vitorioso para o mundo todo era a intenção do governo argentino, caso contrário, seria um grande fracasso.

A Argentina utilizou de forma muito mais explícita que o Brasil, que não significa. Entretanto, de forma mais intensa, a propagação de ideias através do futebol, tomando por pressuposto que a perseguição política no país vizinho foi mais rígida.

Como também ocorreu no Brasil de 1970, o componente nacionalista mostrou-se uma poderosa ideologia, que vem desde a criação do Estado Moderno, como forma de união entre as pessoas, até mesmo nas muitas vezes quando há traços culturais distintos, como foi na Iugoslávia da Guerra Fria e na África do Sul de Mandela.

## ***Nelson Mandela, o rugby e a propaganda***

África do sul, um país africano, continente predominantemente negro, mas que ser negro significava viver gue-tificado, apartado de direitos civis, políticos e humanos no

período de 1948 a 1994, conhecido popularmente nos livros de história como Apartheid. Período em que sua principal liderança política esteve presa por lutar contra o regime.

Do outro lado, o rugby, um esporte muito popular no país, um fenômeno social para propagação de filosofias e ideias. Sabendo disso, o homem que passou 27 anos preso lutando contra o racismo e tornou-se presidente do país pelo voto popular, utilizou inteligentemente o esporte para a união da pátria, em um país à beira de uma repressão severa dos negros para com os brancos, para “dar o troco”.

Madiba, formalmente Nelson Mandela, teve a difícil tarefa de unir o país, que estava caminhando rumo à guerra civil, através do esporte, fazendo com que a população negra torcesse pelo time de rugby da África do Sul, esporte majoritariamente praticado pelos brancos no período do Apartheid.

Este processo se deu depois de um longo período longe das competições de rugby, por punição devido ao regime racista da África do Sul. Os *Springboks* tiveram a missão de desvincular-se, no imaginário popular negro sul-africano, de ser um símbolo do Apartheid e passar a ser o orgulho nacional.

O componente do nacionalismo e de propagação de um ideal de uma nação pluriétnica unida foi disseminado através do rugby, e para isso acontecer, passava diretamente pela obtenção de bons resultados. “Um time, um país”, foi o *slogan* adotado como propaganda política através do rugby para unir a nação.

O final perfeito para a África do Sul se desenhou de forma inesperada até por boa parte do país. Vencendo os neozelandeses na final da Copa do Mundo de Rugby em 1995 e marcando um período de apaziguamento racial, plano de Mandela desde o primeiro dia de governo.

## *Simplesmente, Futebol...*

As estratégias estatais para a autopromoção através do futebol se assemelham muito, mesmo em países e épocas diferentes. Como podemos fazer a relação “Brasil de 70” com “Argentina de 78”. Um Estado militarizado forte que apoia incondicionalmente seus atletas

A conotação de imagens como a de Passarella levantando a taça e do selecionado brasileiro recebido por Médici, nos traz uma sensação de: “O país está com vocês. A segurança nacional (representada por escoltas militares) também está com vocês!”

Romário, ao transgredir as normas da ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil) em 1994, colocando boa parte do corpo para fora do avião, deixou-nos a sensação de: “Tudo lhe é permitido, basta servir à pátria dando alegria ao seu povo e elevando o nome do país no exterior!”

A construção de estádios em diversos períodos da história brasileira — com o dinheiro público — também nos dá a dimensão do apoio estatal à prática futebolística. São inúmeros esses casos — e outros tantos mais — em que o futebol foi propagado com o apoio estatal ao longo da história brasileira.

Além de histórias não reveladas que sempre existem nos bastidores, que nem a própria história factual em meio a dimensão do que é real ou não, é capaz de dar conta para apresentar-nos do ponto de vista da totalidade dos fatos.

O futebol, como esporte mais popular do mundo, cumpre seu papel esportivo de integração entre países, classes sociais, culturas, em prol de uma camisa, um manto sagrado. Porém, também pode ser utilizado como ferramenta de controle so-

cial, para esconder políticas econômicas desastrosas e violação de direitos humanos. O esporte não pode ser o culpado pela utilização que faz dele, é necessário entender o futebol na sua complexidade de formas de utilização, o futebol como realmente é: um grande fenômeno social.



# BIBLIOGRAFIA

## *Livros*

BARBOSA, Alexandre de Freitas. O Mundo Globalizado: Política, Sociedade e Economia. São Paulo, Editora Contexto, 2014.

CHOMSKY, Noam. O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e ordem global: Bertrand Brasil. 2002.

\_\_\_\_\_. Mídia: Propaganda política e manipulação. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2013.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro, Contraponto, 2015.

FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

HOBBSAWN, Eric. Era dos Extremos: O breve século XX 1914 – 1991. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

In: Tamás Szmrecsányi; Wilson Suzigan (Org.). **História econômica do Brasil Contemporâneo**. 1ªed. São Paulo: HUCITEC, V. 4, 1997.

JENNINGS, Andrew. Um jogo cada vez mais sujo. São Paulo, Panda Books, 2014.

LIPPMANN, Walter. Opinião Pública: Petrópolis, Vozes, 2008.

PALACIOS, Ariel. Os argentinos. São Paulo, Contexto, 2015.

## **Artigos**

ABREU, Alzira Alves de. As frentes partidárias durante o governo Goulart. In: Célia Maria Leite Costa: Suely Braga da Silva (coord.). **A trajetória política de João Goulart**; Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 2004

ABREU, Alzira Alves de. **DOSSIÊ: O Governo de Juscelino Kubitschek**. Imprensa. Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, 2002

\_\_\_\_\_. In: Célia Maria Leite Costa: Suely Braga da Silva (coord.). **A trajetória política de João Goulart**; Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 2004

**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945**. Anos 20;

Aliança Liberal. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Crise de 1929. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Partido Comunista do Brasil (PCB). Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Revolução de 1930. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945.** Anos de Incerteza (1930 - 1937); Ação Integralista Brasileira. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Aliança Nacional Libertadora (ANL) . Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Constituição de 1934. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Golpe do Estado Novo. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Internacional Comunista. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Justiça do Trabalho. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Lei de Segurança Nacional (LSN) . Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Ministério do Trabalho. Fundação Getúlio Vargas;  
CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Os Intelectuais e o Estado. Fundação Getúlio Vargas;  
CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Política de boa vizinhança. Fundação Getúlio Var-  
gas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Política Econômica. Fundação Getúlio Vargas; CP-  
DOC, 1997

\_\_\_\_\_.Plano Cohen. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC,  
1997

\_\_\_\_\_.Radicalização política. Fundação Getúlio Vargas;  
CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Relações Internacionais. Fundação Getúlio Vargas;  
CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Revolução Constitucionalista de 1932. Fundação Ge-  
túlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Retratos do Brasil. Fundação Getúlio Vargas; CP-  
DOC, 1997

\_\_\_\_\_.Tribunal de Segurança Nacional (TSN) . Fundação  
Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

**A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945.** Diretrizes do  
Estado Novo (1937 -1945); A guerra no Brasil. Fundação  
Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

- \_\_\_\_\_.Conferências Aliadas. Fundação Getúlio Vargas; CP-  
DOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Conselho Federal de Comércio Exterior. Fundação  
Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica. Fun-  
dação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Conselho Nacional do Petróleo. Fundação Getúlio  
Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Conselho Técnico de Economia e Finanças. Funda-  
ção Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Fundação  
Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Constituição de 1937. Fundação Getúlio Vargas; CP-  
DOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Criação da Companhia Vale do Rio Doce. Fundação  
Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Criação da Companhia Siderúrgica Nacional. Fun-  
dação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Departamento Administrativo do Serviço Público  
(DASP). Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Departamento de Imprensa e Propaganda. Funda-  
ção Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

- \_\_\_\_\_.Direitos sociais e trabalhistas. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Educação, Cultura e Propaganda. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Estado e Economia. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Estado Novo e Fascismo. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Ideologia do Trabalhismo. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Imprensa. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Levante Integralista. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Manifesto dos Mineiros. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.Missão Aranha. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.O Brasil na guerra. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997
- \_\_\_\_\_.O Brasil no cenário internacional. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Partidos políticos nacionais. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Política e Administração. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Propaganda de guerra. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Queda de Vargas e fim do Estado Novo. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Segunda Guerra Mundial. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

\_\_\_\_\_.Tio Sam chega ao Brasil. Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 1997

BOMFIM, Silvano Andrade do. Lei Geral da Copa, soberania nacional e a Constituição. 2012.

CALICCHIO, Vera. **PLANO SALTE**. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

HIRATA, Edson. Clube dos 13: ícone inacabado da modernização do futebol brasileiro (1980-2012). Buenos Aires, 2013.

IANNI, Fernando; O profissionalismo do futebol brasileiro: uma abordagem histórica, 2008.

LAMARÃO, S. T. N.. Revolta dos Sargentos. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC-FAPERJ, 2009.

- MARTINS, Paulo Emílio Matos; MOURA, Leandro Souza; IMASATO, Takeyoshi. Coronelismo: um referente anacrônico no espaço organizacional brasileiro contemporâneo?. Salvador, 2011.
- MELLO E SILVA, Alexandra de. **DOSSIÊ: O Governo de Juscelino Kubitschek**. Guerra Fria. Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, 2002.
- MOREIRA, Regina da Luz. Os esportes no governo Goulart: apenas um sinal dos tempos... In: Célia Maria Leite Costa: Suely Braga da Silva (coord.). **A trajetória política de João Goulart**; Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 2004.
- MOREIRA, Regina da Luz. **DOSSIÊ: O Governo de Juscelino Kubitschek**. Esportes. Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, 2002.
- MEZZADRI et al.. As interferências do Estado brasileiro no futebol e o estatuto de defesa do torcedor. São Paulo, 2011.
- OURIQUES, Nilso. O gol contra do rei: a Lei Pelé e suas consequências. 1999.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. **DOSSIÊ: O Governo de Juscelino Kubitschek**. Situação e oposição: um equilíbrio delicado. Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, 2002.
- SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Os Primeiros Passos do Profissionalismo ao Futebol como Megaevento. In: XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-INTERCOM, Rio de Janeiro, 1999.

SILVA, Suely de Braga da. **DOSSIÊ: O Governo de Juscelino Kubitschek**. 50 anos em 5: o Plano de Metas. Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, 2002..

## Sites

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-12/tcu-contabiliza-r-255-bilhoes-de-gastos-com-copa-do-mundo>>. Acesso em 18 outubro de 2017 às 20h40.

<[https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/25/economia/1385384409\\_505409.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/25/economia/1385384409_505409.html)>. Acesso em 18 setembro de 2017 às 20h48.

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/17168-a-falencia-da-isl-entenda-o-caso.shtml>>. Acesso em 18 de outubro de 2017 às 21h04.

<<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2016/03/24/johan-cruyff-morre-aos-68-anos-apos-luta-contracancer.htm>>. Acesso em 14 de maio de 2017 às 14h11.

<<https://www.imortaisdofutebol.com/2012/04/02/esquadrao-imortal-corinthians-1982-1984/>>. Acesso em 22 de setembro de 2017 às 11h32.

<<https://www.cob.org.br/pt/cob/comite-olimpico-do-brasil/linha-do-tempo>>. Acesso em 24 de setembro de 2017 às 15h.

- <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/11/houve-negligencia-diz-mp-sobre-rompimento-de-barragens-em-mg.html>>. Acesso em 18 de outubro de 2017 às 21h06.
- <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2015/05/policia-faz-operacao-surpresa-e-prende-funcionarios-da-fifa-por-corrupcao.html>>. Acesso em 18 outubro de 2017 às 21h03.
- <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-de-1934-italia.html>>. Acesso em 23 de setembro de 2017 às 17h30.
- <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2015/01/governo-divulga-valores-finais-da-copa-r-83-bilhoes-em-estadios.html>>. Acesso em 18 outubro de 2017 às 21h.
- <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-do-mundo-1962-chile.html>>. Acesso em 21 de setembro de 2017 às 16h.
- <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-de-1958-suecia.html>>. Acesso em 21 de setembro de 2017 às 16h30.
- <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-de-1954-suica.html>>. Acesso em 20 de setembro de 2017 às 14h30.
- <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-do-mundo-1938-franca.html>>. Acesso em 20 de setembro de 2017 às 15h.

<<http://www.santosfc.com.br/pele/>>. Acesso em 28 de setembro de 2017 às 18h.

<<http://torcedores.uol.com.br/noticias/2016/11/vampeta-sobre-cambalhota-no-planalto-em-2002-logico-que-eu-estava-bebado>>. Acesso em 14 de outubro de 2017 às 15h12.

## ***Filmes e documentários***

1970 – A COPA DO MÉDICI. OLIVEIRA, Henrique; MACHADO, Pedro Henrique. UNIP Campinas, 2017. 15 minutos. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=dYlj\\_UNosJs](https://www.youtube.com/watch?v=dYlj_UNosJs)>. Acesso em 23 de setembro de 2017 às 0h43.

DEMOCRACIA EM PRETO E BRANCO - POLÍTICA, FUTEBOL E ROCK N´ROLL. ASBERG, Pedro. ESPN, 2014. 1h30 minutos.

GETÚLIO – ÚLTIMOS DIAS DE UM PRESIDENTE. Direção: João Jardim. Produção: BORGES, Pedro; CAMURATI, Carla; DIEGUES, Carlos. Distribuição: Copacabana Filmes. Brasil, 2014.

SER CAMPEÃO É DETALHE: DEMOCRACIA CORINTHIANA. LEITÃO, Gustavo Forti; BIASI, Caetano. Muzy Corp - Dna Filmes, 2011. 25 minutos. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=MNYrGt95cWw>>. Acesso em 23 de setembro de 2017 às 15h39.

Título      Futebol: Uma questão de Estado  
                 O desenvolvimento e a consolidação do  
                 futebol brasileiro através da propaganda

                 Formato      14x21cm  
Tipografia textos      Minion Pro  
Tipografia títulos      Oswald  
                 Diagramação      Israel Dias de Oliveira



Editora Casa Flutuante

Rua Manuel Ramos Paiva, 429 - Apt. 14 - São Paulo - SP

Fone: (11) 2936-1706 / 95497-4044

[www.editoraflutuante.com.br](http://www.editoraflutuante.com.br)

**F**utebol: *Uma questão de Estado*, é um compilado de histórias em que a política e o futebol brasileiro se encontram. Sua abordagem é compreendida desde a Era Vargas até o fracasso no resultado do mundial de 2014 — e as estruturas políticas do futebol nacional.

A intervenção estatal e políticas econômicas caminharam (e ainda caminham) de mãos dadas com a paixão canarinho. Um casamento de longa data explorado pelo estudo.

Da ditadura à democracia... para os amantes do esporte e os amantes da política... e por que não, para seus ácidos críticos.

ISBN 978-85-5869-044-7



9 788558 690447